

**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu Nacional  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**

**Sexualidade e construção de si em uma  
favela carioca: pertencimentos,  
identidades, movimentos.**

**Paulo Victor Leite Lopes**

**Paulo Victor Leite Lopes**

**Sexualidade e construção de si em uma  
favela carioca: pertencimentos,  
identidades, movimentos.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Luiz Fernando Dias Duarte

**Rio de Janeiro**

**Fevereiro de 2011**  
**Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades,  
movimentos.**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. Examinada por:

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte (Orientador)  
PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana de Resende Barreto Vianna  
PPGAS/MN/UFRJ

---

Prof. Dr. Peter Henry Fry  
UFRJ/IFCS

---

Prof. Dr. Antônio Carlos de Souza Lima (Suplente)  
PPGAS/MN/UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Luiza Heilborn (Suplente)  
CLAM/IMS/UERJ

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2011

Lopes, Paulo Victor Leite.

Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/ PPGAS, 2011.

xiii, 141 f.: il; 31 cm

Orientador: Luiz Fernando Dias Duarte.

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ Museu Nacional/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2011.

Referências Bibliográficas: pp. 135-138.

1. Construção de si 2. LGBT 3. Juventude 4. Favela 5. Maré I. Duarte, Luiz Fernando Dias. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

## **Resumo**

### **Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos.**

Paulo Victor Leite Lopes

Orientador: Luiz Fernando Dias Duarte

Esta dissertação trata da articulação entre sexualidades e modos de construção de si de jovens não-heterossexuais moradores de uma favela carioca. A partir de um longo período de trabalho de campo, alguns dispositivos acionados por esses sujeitos nessa elaboração de si são identificados e remetidos a uma configuração onde “ser favelado” ou “não-heterossexual” não constituem experiências englobantes, grandes definidores do *self* dos mesmos. Desse modo, além de incorporar aquelas características sociais e comportamentais dos interlocutores dessa pesquisa, também será conferida especial atenção às suas dinâmicas familiares, outras relativas a circulação dentro e fora da favela, como também a participação em projetos sociais . Além disso, a partir de uma experiência pioneira em termos do desenvolvimento de uma ação coletiva na favela organizada a partir de identidades sexuais, apreende-se como esses temas são produzidos e articulados na emergência de um sujeito político específico.

**Palavras-Chave:** LGBT, Juventude, Favela, Construção de si, Maré

## **Abstract**

### **Sexuality and Construction of the Self in a Rio de Janeiro Favela: belongings, identities, movements.**

Paulo Victor Leite Lopes

Orientador: Luiz Fernando Dias Duarte

This work deals with the articulation between sexualities and ways of constructing the self among the non-heterosexual youth that live in a Rio de Janeiro favela. Based on a long period of field work, some devices used by those subjects in elaborating their self are identified and sent to a configuration in which “to be from a slum” or “to be non-heterosexual” do not constitute encompassing life experiences nor are great definers of their “self”. This way, not only this work incorporates the social and behavior characteristics of the interlocutors of this research, but also gives special attention to the dynamics of their families, the dynamics regarding their circulation in or outside the slum, as well as their participation in social projects. Moreover, from a pioneering experience in terms of the development of a collective action in the slum, that has its focus in discussing sexual identities, we can apprehend how those themes are produced and articulated in the emergency of a specific political subject.

**Keywords:** LGBT, Youth, Favela, Construction of the Self, Maré

*À presença da Debora*

## *Agradecimentos*

Como todo trabalho, inicio meus agradecimentos dizendo que essa foi uma caminhada difícil, árdua, mas que foi possível dado o apoio sempre presente de pessoas muito queridas. Dito isso, parto para o exame dos nomes e de suas colaborações, pois sei que tenho amigos ansiosos e carentes loucos por verem seus nomes citados. Em ordem cronológica para não esquecer ninguém, não poderia deixar de citar meus familiares: minha mãe, meu pai, minha irmã e meus sobrinhos!

Não sei exatamente como agradecer-los ou mesmo identificar campos específicos de apoio. Não é preciso dizer o papel e o modo como “a família”, em geral, exerce influência sobre os sujeitos. Também não é disso que desejo dizer. O que mais me emociona, cativa, sensibiliza, é a dedicação que ainda posso observar, sentir e me beneficiar como parte dessa comunidade. Com pouca escolaridade, sem grandes salários e tantas outras limitações [com outras “ampliações” também rs], nunca observei uma economia de esforços, a descrença ou a ausência de apoio. Mesmo sem fazer muito sentido o que eu fazia ou desejava fazer, o fato de eu querer, por si, justificava todo tipo de engajamento afetivo, emocional e econômico possível. Parceiros sempre presentes, mesmo com as minhas ausências constantes, talvez eu ainda não saiba expressar o que sinto. Pena para mim!

Dos tempos do Ensino Médio, ainda restaram três amigos que nos acompanhamos: Lourence, que me ensinou a “amar-amar, simplesmente amar”, sem exigir, recalcar, meu agradecimento eterno por essa dádiva; Glaucia, a sua oponente, nos reaproximamos nos últimos para o bem do humor ácido e dos comentários escrotos. Contudo, não é apenas isso. Troca de olhares, sorrisos, abraços e esporros que ressaltam a nossa comunicação “transcendental”. Infelizmente, não consegui incluir a sua foto nesse agradecimento, mas o leitor poderá localizá-la no Orkut e no Facebook a partir da busca com “Glaucia Marinho”. Por fim, tão diferente de mim, Marcos, o assessor para mapas dessa dissertação, com suas exclamações a respeito das minhas descobertas pessoais, circulações e interesses, estimulava ainda mais “essas descobertas”.

A minha ligação com a Uerj, como os mais íntimos e antigos sabem, é fortemente afetiva e orgânica. Isso é possível em razão de alguns encontros. Agradeço aos amigos feitos a partir da Uerj pelos estímulos em tudo: Palloma por sempre apoiar, me chamar de bontito/gostoso e sempre dizer “claro que você consegue!”. Aqui, mesmo que como um agradecimento póstumo, queria registrar outra grande incentivadora, apoiadora e crente em mim: Debora. Sempre muito espontânea, divertia, encantava e empolgava. Minha modernidade que se foi, mas que permanece presente. Meus queridos amigos do décimo

segundo andar [Cecília, Isabel, Joli e Léo] que, apesar do nosso distanciamento, os reencontros são ainda muito afetivos, carinhosos e divertidos – e hão de continuar sendo!!!! Outra figura importante no quesito pessoas que colorem o mundo e, portanto, tornam as coisas compensadoras, é a Angélica, meu feminino com arte.

Ainda da Uerj, quero louvar o carinho, abertura e sintonia da amizade que eu e Luitgarde desenvolvemos. Sempre interessada, preocupada, aberta ao diálogo e às minhas insistentes piadas. Luit sempre foi querida companheira! Elaine, uma admiração intelectual e política que tenho desde o princípio da graduação, sempre agüentou de modo pacífico as minhas piadas politicamente incorretas e conservadoras. Sua presença por perto sempre é “um chamado à luta”. Posso não estar junto, mas você me faz lembrar que “estou no erro”. Um dia me corrijo, sua hippie-aventureira! rs

A minha experiência no Grupo Arco-Íris deixou quatro pessoas muito queridas. Dificilmente as encontro, mas sinto que a distância não constituiu empecilho para o envio de *positive vibrations* de longe e nem às perguntas sobre a “vida na maré” quando nos encontramos: Felipe, Joana, Marcelle e Verônica. Meio da Uerj, meio do Arco-Íris, inteira da rua, do mundo, meu Exu Aguião, minha parceira para bordeios noturnos e uma grande referência. Sei que Silvia não tem a dimensão disso, mas a admiro por completo. Valeu pelas conversas sobre campo, sugestões de textos, cervejas, cachaças, gargalhadas, beijos, toques, abraços...

Seguindo essa onda “caminhos da vida”, sou gratíssimo pela amizade, apoio, generosidade e disposição em ajudar do casal Guilherme e Vanessa. Papos interessantes e divertidos sem chateações. Amizade simples e do coração. À Vanessa ainda agradeço o ouvido durante a redação desse trabalho. Obrigadão! Carla é outra de um não-lugar! Se eu tivesse que dizer uma palavra que definisse a Carla, não titubearia em defini-la como generosidade. Carla corta um dobrado com as coisas dela, mas sempre dá um jeito de fortalecer os “irmãos”. Eu fui beneficiado muitas vezes por essas características dela. Foi muito legal conversar sobre nossas vidas, embates e faltas de coragem. Foi muito importante trocar sobre campo, bibliografia e escrita. Devoto um grande carinho por ti, Carla.

No Museu, um lugar de adaptação inicial mais difícil, contei com algumas pessoas especiais que desejo destacar aqui. Inhaí?! Drica e Bele foram duas grandes parceirinhas da secretaria. Quebra-galho aqui, explica de novo ali, conta uma piada, dá uma gargalhada, faz um comentário... Dava para se divertir com os causos trocados em almoços e “pós-almoços” no chafariz! Obrigadão pelo carinho comigo! Ainda na secretaria, temos a Rita – que só briga comigo e dá tapinha, mas eu gosto! rs – e a Tânia – que também briga comigo, mas eu

também sou confuso... Obrigado e parabéns pela competência. Um p.s. me leva à Caroline, secretária do Iup. Carol foi maior quebra-galho nas minhas demandas no Iup. Não era aluno, não trabalhava lá, mas era mais chato e inconveniente que a galera que “podia”. Obrigado pela presteza – uma mão-na-roda!! – e gargalhadas!

Inháí2?! Outro arraso de competência e carinho que tive no Museu foi na biblioteca. Eu chegava gritando, dava as minhas gargalhadas, perturbava com o computador, as desconcentrava do trabalho, mas a Alessandra, a Carla e a Rosana sempre foram as coisas mais fofas comigo! Sou grato por garantirem a biblioteca organizada, eficiente e agradável!! Por fim, também quero agradecer ao Fabiano e à Carmen a qualidade (eu que vim da Uerj sei dos malefícios de “xerox fraca”) e rapidez com que executavam o trabalho. Lá na xerox também encontrei parceiros para compartilhar paixões: com Fabiano o funk e o pagode e com Carmem a dança de salão! Ainda vou ao baile no Tabajaras e danço um tango com Carmem.

Dos “coleguinha tudo”, destaco alguns do coração. Leandro e Raphael eu os conheci na Uerj. Leandro, desde o meu primeiro período da graduação, me propiciou aulas de teorias social e, em especial, Foucault. Dicas de texto, comentários, diálogo sobre campo e disciplinas. Uma pena que fique fazendo a linha “estou muito ocupado”, mas mesmo assim “suguei” bastante. Muita coisa do meu olhar foi influenciado pelo Leandro. Muito carinho e grande admiração! Já com o Rapha a aproximação se deu no Museu. Valeu demais pelas dicas de sobrevivência naquela selva, pelo compartilhamento de angústias e dificuldades com coisas em comum, mas também pelas cervejas, brincadeiras e fofquinhas feitas! Rapha ainda “trouxe” o Marcos, uma espírito livre que admiro e curto muito! Por falar em fofquinhas feitas e Uerj, logo me vem à cabeça o nome da Isis. Coisa mais fofa e carinhosa!!! Outra que me deu importantes dicas de sobrevivência na selva! Valeu pela força! Junto com a amizade da Isis, vieram mais três queridas: Aline, Laurita e Silvia! O que são essas pessoas? Parceiras em *night-cervejinha*, disciplinas ou me pressionando para trabalhar, sempre divertidas e carinhosas.

Da minha turma de fato, ficaram alguns queridos. Quero agradecer a cumplicidade, apoio e amizade das minhas mineiras católicas. Raquel e Lilian, dádivas trocadas sob a forma de sorrisos, apoios e preocupações trocadas! Ainda na minha turma, tive bons momentos, conversas e mais risos com Aline, Guilherme, Magdalena, Marcelo, Mariana e Waldemir. No Museu, ainda encontrei uma espécie de alterego: Guillermo! No início, nos estranhávamos um pouco. Acho que, na verdade, nos testávamos. Depois que ambos fomos aprovados na avaliação do outro, uma rica, sincera, generosa e fofa relação se desenvolveu. Sempre

brigamos, sempre discutimos, mas sei que sempre posso contar com meu carinho e vice-versa. Aliança que fica!

Sobre essa minha passagem, não posso deixar de falar dos professores Gilberto Velho, José Sérgio Leite Lopes, Márcio Goldman e Olívia Cunha cujas disciplinas foram muito importantes à minha formação intelectual. Um agradecimento especial ao Professor Antônio Carlos não apenas por ter aceitado compor a banca dessa dissertação, mas pelas graças e risos provocados em nossos encontros. Ainda no Museu, tenho que dedicar uma nota especial a dois outros professores.

Primeiro, devo agradecer a Adriana Vianna pelo excelente curso que fiz com ela no primeiro semestre de 2010. As discussões foram de grande relevância não apenas para um dos capítulos desse trabalho, mas também para as minhas próprias reflexões políticas, de militante. Além da sua generosidade e capacidade intelectual, desejo agradecer os toques e sorrisos. Devoto a você grande admiração!!! Obrigado por fazer parte da minha banca.

Uma pessoa muito importante não apenas para esse trabalho, mas também para uma determinada trajetória que venho desenvolvendo, é o Professor Luiz Fernando, orientador dessa dissertação. Lembro de seu acolhimento ainda no meio da Graduação quando começava a caminhar em direção à antropologia, permitindo que eu pudesse frequentar as suas aulas e, mais tarde, me incluindo no grupo de estudos que coordenava. Já na orientação dessa dissertação, Luiz conduzia de modo que liberdade e respeito ao “meu tempo” não impedisse a produção da mesma e o cumprimento dos prazos. Sou grato pela confiança, apoio e estímulo intelectual oferecidos ao longo desses anos, como também de sua generosa compreensão na etapa final da escrita dessa dissertação.

Agradeço ainda os professores Peter Fry e Maria Luiza Heilborn que mesmo não me conhecendo, aceitaram participar da banca de avaliação dessa dissertação. São figuras por quem tenho grande admiração intelectual. Ao Peter, um agradecimento especial pelos generosos comentários quando da defesa dessa dissertação.

Sou grato aos Professores Horácio Sivori e Sérgio Carrara, do Instituto de Medicina Social (Uerj), por terem permitido que eu participasse na disciplina que ministraram no primeiro semestre de 2010. Foi muito importante ter acessado aquela bibliografia e ter participado das ricas discussões feitas em aula. Por fim, queria agradecer à Laura Moutinho o estímulo e a curiosidade sempre presentes quando conversávamos sobre a minha pesquisa.

É importante lembrar do aporte financeiro proporcionado, através do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação, pela Fundação Ford. As condições privilegiadas de ser um IFP Fellow fizeram a diferença não apenas para o desenho final dessa dissertação,

mas acredito que deixará marcas duradouras nessa trajetória em que dou os primeiros passos. Quero agradecer também a equipe do Programabolsa [Fundação Carlos Chagas] pela firme e atenciosa condução de todo o processo – “da catapora à defesa”, como disse Fúlvia, coordenadora do Programa.

Já que falei do aporte financeiro, devo falar do emocional. Três mulheres foram irmãs, extremamente generosas, carinhosas, durante todo o processo: Diana, Patrícia e Raíza. À Diana, devo agradecer coisas bem anteriores a essa dissertação, mas extremamente vinculadas com a mesma. Obrigado pelas conversas que possibilitaram uma “tomada de posse de mim”, decisivo para a concorrer a bolsa da Ford e uma vaga no Museu. Além disso, agradeço a ajuda prática, efetiva, nas diferentes etapas dessas duas seleções, bem como as dicas com relação ao Museu e todo o apoio prestado durante o mestrado e, em especial, no período da redação dessa dissertação. Mesmo “cheia de afazeres”, sempre arrumava tempo para as minhas lamentações e pedidos de apoio. Reconheço demais as nossas conversas em mim. Muito obrigado por me apoiar em diferentes processos e áreas da minha vida!

Existem coisas que são para ser e ponto. Foi preciso ir fazer o estágio-sanduíche para Raíza deixar de me negar o direito de amá-la. Amizade construída além-mar, não sei mais me pensar sem minha Picu. Devo agradecer não apenas a ajuda prática, efetiva, durante a redação da dissertação, mas a sensibilidade de entender os meus momentos e os remédios oportunos do momento [piadas, saídas, telefonemas etc.]. Conselheira amorosa, profissional e de outras relações pessoais, já me confundo a você e adoro isso. S2 = coraçãozinho!

A Patrícia me fez entender, ela, na verdade, materializa os novos formatos de família. Minha irmã adotada, meu clone, meu amor. Quando a pessoa é tão próxima e tão misturada a nós mesmos, acho que fica difícil dizer coisas sobre esse ente-quase-eu. Ela não é irmã, não é esposa, não é mãe. É algum parente muito importante que desempenha um pouco do que se imagina para esses papéis, mas que ainda não tem nome nesse novo formato de família que construímos. Patrícia, muito obrigado pelo suporte emocional em diferentes momentos críticos e, em especial, durante a escrita desse trabalho. Revisora, tradutora, estimuladora! Vamos juntos tentando aprender do e com o outro o que a gente não tem sabido fazer direito. E a Oi agradece essa amizade...

Por fim, agradeço aos meus interlocutores pelos carinhos, sorrisos, alegrias, preocupações, desejos etc., compartilhados ao longo do trabalho. “Foi bom estar com vocês, brincar com vocês...”. Não vou dizer seus nomes, pois não faria muito sentido com a garantia do anonimato. Utilizo os nomes adotados no texto da dissertação.

Não sei bem como agradecer, o que agradecer. A dádiva recebida não tem como mensurar. Obrigado por me fazerem torcer, me emocionar, vibrar, rir, amar, me sensibilizar. Esse “trabalho de pesquisa” foi, antes de tudo, uma experiência de modificação, de experimentação, de transformação de si. Obrigado por me deixarem saber um pouco das suas vidas e por poder dizer/mostrar um pouco da minha!

Fernanda, uma grande amiga transformada em “co-nativa” e em referência bibliográfica, sempre se empolgava com minhas descobertas e observações. Empolgação fundamental durante toda a pesquisa. Além disso, sua presença ao meu lado em campo também me deu grande segurança enquanto interagia. Muito obrigado por tudo!

Agradeço a Gilmar por ter aberto um pouco da sua vida e da instituição que preside para mim. Como Gilmar me “xoxou” durante toda a pesquisa!!! Aos poucos fomos nos permitindo, deixando de lado o pé-atrás e hoje o tenho como uma pessoa querida! Valeu por tudo! Ângela, Lucas, Scarlett e outros interlocutores, muito obrigado pela paciência e carinho que tiveram comigo.

Não eram nativos, mas sempre estiveram muito presentes em minha estadia na Nova Holanda. Geandra, uma deliciosa fanfarrona! Adorei conhecer, estar junto, me divertir com você! Meu muito obrigado à Deise pelas ajudas, conversas e apoio! Uma amiga que fiz. Ao Valdemir, não sei como agradecer. Extremamente paciente, amigo, companheiro. Possibilitou um ambiente agradável e seguro para a minha pesquisa e reflexão. Poucas pessoas, mesmo entre os amigos que tenho de longos tempos, seriam tão legais como você foi. Dívida eterna!

Augusto, Fabiana, Henrique e Pedro!!!!!!! Meu Deus, que quarteto! Raciocínio rápido, diversão garantida, observação cuidadosa! Meus nativos que tanto aprendi a amar! Como foi bom estar com vocês esse tempo! Carinhos, beijos, abraços, xoxadas, piadas... enfim, amo muito vocês! Obrigado por tudo!

A Nova Holanda é um pedaço de terra  
Que fica situado à beira mar

Tem um segredo de bamba  
Onde impera o samba  
Nosso lema é cantar  
Eu sinto orgulho em viver  
Na Nova Holanda para mim é um prazer

Eu vejo a alegria estampada  
No rosto da rapaziada  
Eu vejo as pastoras com esplendor  
Cantando o samba com fervor

Fazendo bonito nos pés  
Bonito nas cadeiras  
Dá gosto ver essas cabrochas brasileiras  
[Ademir da Nova Holanda]

## *Sumário*

<b>Introdução</b>	<b>16</b>
<b>Maré</b>	<b>16</b>
<b>O tema</b>	<b>19</b>
<b>A rede de Gilmar</b>	<b>22</b>
<b>A rede dos amigos da namorada da minha amiga</b>	<b>24</b>
<b>Os sem redes</b>	<b>31</b>
<b>Eu – o antropólogo em campo</b>	<b>33</b>
<b>Capítulo 1. Violência ‘efetiva’ e ‘esperada’: estratégias de evitação e outras negociações na circulação pela favela</b>	<b>37</b>
<b>1.1. O aniversário da amiga</b>	<b>37</b>
<b>1.2. Relato da noite de natal – retorno à cena e ao evento narrado</b>	<b>38</b>
<b>1.3. Sobre uma sociabilidade específica na/da favela</b>	<b>43</b>
<b>1.4. Regulação, autocontrole e negociações</b>	<b>47</b>
<b>1.5. O ‘caso’ do antropólogo como um caso</b>	<b>54</b>
<b>1.6. Outros Arranjos</b>	<b>58</b>
<b>1.7. Mas o que dizer sobre isso?</b>	<b>60</b>
<b>1.8. De volta ao evento inaugural: sobre como se conta e outras soluções (possíveis)</b>	<b>64</b>
<b>Capítulo 2. Entre a “visibilidade” e a “revelação”: discursos sobre “assumir-se”</b>	<b>68</b>
<b>2.1. Um problema</b>	<b>69</b>
<b>2.2. Construções de si, família e visibilidade</b>	<b>73</b>
<b>2.3. Quem são os que se visibilizam?</b>	<b>92</b>
<b>2.4. Autenticidade x Artificialidade: entre o saber ser e o saber fazer/dizer</b>	<b>99</b>
<b>Capítulo 3. Uma experiência de movimento LGBT a partir da/na favela</b>	<b>106</b>
<b>3.1. Elegendo o inimigo e definindo o seu espaço</b>	<b>109</b>
<b>3.2. Um pouco da história: aprendendo e produzindo uma linguagem ...</b>	<b>116</b>
<b>3.3. Dialogando com outros grupos e parcerias: a linguagem da (na) política e a definição de relações</b>	<b>119</b>
<b>3.4. Entre papéis e status: projetos e distanciamentos</b>	<b>122</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>133</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>135</b>
<b>Anexos</b>	<b>139</b>

## ***Introdução***

*É bom você se mudar pra tomar coió junto com as bichas.*  
Almir França, estilista, pedagogo e ativista gay.

Esta dissertação tem como objetivo tratar de algumas questões produzidas a partir do trabalho de campo realizado, sobretudo, com jovens não-heterossexuais<sup>1</sup> moradores da Nova Holanda<sup>2</sup>. Busquei apreender alguns dos dispositivos acionados no esforço de “produzir-se”, da construção de si, partindo de uma dupla experiência inaugural: “ser LGBT” e “favelado”. As gramáticas que envolvem a família, suas dinâmicas de circulação e diferentes aspectos de suas trajetórias (não apenas as questões relativas a “carreira sexual”) são incorporados para pensar seus percursos. Também é dedicada especial atenção à construção do “LGBT favelado(a)” como um sujeito político, de direitos, a partir da organização e dos discursos suscitados pelo grupo LGBT articulado a partir dessa favela

## ***Maré***

Localizada na Zona Leopoldina da cidade, às margens da Baía de Guanabara e cortada ao meio por três vias expressas (Avenida Brasil e Linhas Amarela e Vermelha), o Complexo de Favelas da Maré, ou apenas Maré, é composto por 16 favelas com diferentes modalidades de habitações (barracos de madeira, palafitas, casas de alvenaria, conjunto habitacionais favelizados, morro, entre outros). Conforme os dados da Prefeitura do Rio, é o sétimo maior bairro – e primeira favela – em número de moradores, com uma população estimada – segundo o Censo 2000 – em 113.807 pessoas. É um dos vinte menores índices de desenvolvimento social (0,497 em 1,0), com um rendimento médio dos chefes de domicílio de

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto as referências a essa figura genérica de “não-heterossexuais” poderá ser feita recorrendo à sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) como um modo de tornar a escrita mais fluente e, em alguns casos, mais compreensível. A escolha não se justifica apenas por isso, mas também por garantir o maior alinhamento com a classificação mais recorrente entre acadêmicos e ativistas do movimento LGBT, bem como por sua presença em diversas falas nativas. Portanto, mesmo reconhecendo que dizer “LGBT” é mais restrito que “não-heterossexuais” (o caráter não-identitário dessa noção confere a mesma uma elasticidade maior, podendo abarcar um número mais abrangente de experiências e desejos que a outra noção), o leitor saberá reconhecer o uso dessas noções como sinônimos ou em seus sentidos particulares ao longo do texto.

<sup>2</sup> Contudo, as reflexões trazidas aqui têm origem em minhas interações com um grupo maior de pessoas, mais diretamente, moradores de outras favelas do Complexo da Maré, jovens heterossexuais, adultos heterossexuais e não-heterossexuais, e um idoso, vinculados as redes que acessei a partir dos jovens e que desenvolvi enquanto morei nessa favela.

2,52 salários mínimos. A primeira ocupação do seu espaço se deu pelo atual Morro do Timbau, em 1940, e a formação da favela mais recente, Salsa e Merengue, teve início em 2000.

Considero duas características da Maré especialmente importantes para esse trabalho. A primeira, como vimos no parágrafo acima, refere-se a sua localização próxima a três vias expressas importantes na cidade. Isso não é apenas uma característica, uma peculiaridade do local que ocupa, mas indica uma grande possibilidade de trânsito dos seus moradores. Situar-se na Avenida Brasil e ser cortada pela Linha Amarela e Vermelha, garante uma grande mobilidade espacial, dado que é possível tomar apenas um ônibus para chegar a qualquer Zona/região da cidade. Além disso, a própria região da cidade onde o Complexo de Favelas se situa, na Zona Leopoldina, ou seja, próximo da região central, garante maior agilidade, conforto e economia nesse trânsito.

Outro elemento característico dessa favela que, em certo sentido, pode ter sido privilegiado em razão dessa localização, é a forte presença de projetos sociais e ONGs em seu território. Lembro de uma brincadeira feita por uma amiga que comparava a Maré com Salvador, dizendo que ao invés de ter uma igreja para cada dia do ano, essa favela teria um projeto social/ONG. Essa dimensão faz com que uma série de serviços, discursos, práticas, tenham esse local e seus moradores como alvo de intervenção, tornando a experiência de morador dessa favela diferenciada de outras regiões da periferia/subúrbio da cidade. Além disso, a proximidade territorial com a Universidade Federal do Rio de Janeiro e seus “projetos de extensão para as comunidades vizinhas” tornam a favela ainda mais singular.

Contudo, essa pesquisa não se desenvolveria em toda a Maré, mas a partir de uma de suas favelas: a Nova Holanda. Inicialmente planejada como um “Centro de Habitação Provisório”, em 1962, essa favela guarda uma organização espacial que, de algum modo, a particulariza. Suas ruas planejadas possibilitam uma circulação onde o cara-a-cara dos becos restritos, pouco largos de outras favelas, não se concretizam. Algumas dinâmicas de “evitação”, como as indicadas no primeiro capítulo, podem ser recorridas com maior facilidade, dado a maior previsibilidade dos usos desse espaço. Além disso, o desenho geométrico e perpendicular das ruas possibilita um melhor campo de visão dos sujeitos,

garantindo a eles uma maior capacidade de planejamento dos caminhos a serem seguidos e evitados.

Sobre esse aspecto, reconheço essa possibilidade de planejamento nos meus próprios caminhos. Logo que me mudei para a Nova Holanda, tinha uma apreensão com relação aos sujeitos envolvidos com o tráfico de drogas. Além das diversas histórias que envolviam a ação violenta desses em direção a jornalistas e supostos “X-9s”, delatores, bem como percalços passados por antropólogos que realizavam seus trabalhos de campo em ‘locais mais perigosos’ que me foram contados por amigos e conhecidos como sinais do “risco” que estava correndo, somado ao próprio medo/receio que eu, como a grande maioria da população, conservava a respeito das ações desses sujeitos, ainda me foram narrados alguns casos de violência naquela favela. Todos esses enunciados confluíram para o desenvolvimento de uma estratégia de circulação em que eu evitava, ao máximo, me ver de frente com traficantes ou passar em frente a uma das bocas. Buscava as ruas mais discretas, de menor movimento, mais residenciais que comerciais, pois há um (re) conhecimento de que os traficantes e as “bocas de fumo” não se situam nessas ruas. A possibilidade de ver onde estavam, dado o desenho geométrico, com poucas curvas, de grande parte das ruas, garantia maior eficácia ao meu planejamento.

A presença da ONG Redes de Desenvolvimento da Maré em seu território é outra característica da Nova Holanda a ser destacada. Gestora de diversos “projetos sociais”, com articulação em diferentes campos, muitas vezes ouvi falar que é a “maior ONG da Maré”. Surgida a partir de uma briga interna entre os componentes do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), é dona de diversos prédios onde realiza seus projetos e também tem a concessão da Lona Cultural Herbert Viana<sup>3</sup>. A “Redes” é uma “instituição parceira” do “Conexão G”, tendo cedido uma sala para a sede do Grupo em seu prédio principal.

---

<sup>3</sup> Lona Cultural é um espaço da Prefeitura da Cidade cuja administração das atividades e definição da programação é terceirizada a entidades da sociedade civil. A “Lona da Maré”, situada no Parque Maré, favela vizinha a Nova Holanda, é gerida pela Redes desde a sua reabertura em 2010.

### ***O tema***

Como explicito no terceiro capítulo, o tema inicial dessa dissertação era pensar uma forma de ‘ação coletiva LGBT’ articulada a partir da favela: a organização e atuação do Grupo Conexão G<sup>4</sup>. Contudo, como examino no capítulo, encontrei algumas dificuldades em acessar o Grupo. Gilmar, presidente da ONG<sup>5</sup>, sempre colocava dificuldades para que eu frequentasse uma reunião, não me avisava das atividades etc. Já havia permitido que eu desenvolvesse a minha pesquisa, mas parecia criar empecilhos, dificultar o acesso, ou, pelo menos, potencializar essas dificuldades.

Além de questões políticas em razão da minha associação com o Grupo Arco-Íris, como examino no capítulo dedicado ao Conexão<sup>6</sup>, acredito que Gilmar tinha uma certa consciência de uma dependência que eu tinha em direção a ele, afinal, ele iria abrir os caminhos para mim e disso dependia a minha pesquisa. Muitas vezes ele brincava dizendo que poderia inviabilizar a minha pesquisa: ameaçava não me apresentar pessoas ou “mandar” que não falassem comigo. Dizia que se ele quisesse, não ia conseguir “entrevistar” ninguém. Havia uma plena consciência – das duas partes – dessa relação de poder que eu tinha que tentar negociar. Lembro de uma vez, já no meio da pesquisa, quando pedi que me levasse com ele em sua próxima visita ao “ponto das travestis”. Gilmar imediatamente respondeu algo como: “Gata, não é assim. Você acha que vou entregar a galinha dos ovos de ouro assim?”.

No mesmo período, começava a me aproximar de um grupo de jovens (majoritariamente composto por gays e lésbicas) moradores da Maré, pois uma amiga da faculdade iniciava o namoro com uma das meninas que o compunha – um evento, digamos, inaugural é retomado no primeiro capítulo. Abria-se, então, outra possibilidade de entrada na

---

<sup>4</sup> Na tentativa de guardar o anonimato das informações trazidas e assim preservar a privacidade dos meus interlocutores, todos os nomes utilizados na dissertação são fictícios. As únicas exceções são os ativistas LGBT em situações públicas de fala, o nome da ONG LGBT que atua no Complexo de Favelas da Maré (o Grupo Conexão G) e seu presidente.

<sup>5</sup> Apesar de não possuir registro como uma ONG, o Conexão G não apenas é, em um senso comum na favela, considerado como uma, mas, muitas vezes, o termo “ONG” é utilizado como um sinônimo do mesmo. Assim, ouvia: “Gilmar, como está a ONG?”, “Que horas você vai estar na ONG?” etc.. Portanto, ao longo desse trabalho também farei referências ao Grupo como ONG, considerando esse uso social do termo.

<sup>6</sup> Ao longo do texto meus interlocutores e eu fazemos referência ao “Grupo Conexão G” também por meio de outras expressões: “Conexão”, “Conexão G” ou “Grupo”.

Maré. Aquela relação de poder com Gilmar já não era tão estável, tinha outro caminho de acesso que não passava, necessariamente, por ele.

Além disso, ainda no primeiro semestre de 2009, estava procurando um apartamento para alugar. Tinha a intenção de morar na Maré para fazer a pesquisa, mas somente no segundo ano do mestrado, portanto, em 2010. Contudo, em uma conversa com uma amiga da faculdade que havia sido criada na Maré, ela comentou que um amigo seu tinha um quarto para alugar. Após a descrição das condições feita por ela e das dificuldades de encontrar um lugar onde eu então procurava, decidi me mudar para a Maré em maio de 2009.

No entanto, não foi apenas a falta de um local de residência fora e o desejo de morar na favela para desenvolver a pesquisa que orientou a minha mudança: essa foi uma estratégia adotada na relação de poder, desfavorável para mim, que existia com Gilmar. Ir morar na Maré era emitir o sinal que minha dependência não era tão grande, que eu tinha relações e poderia caminhar sem ele. O Grupo deixaria de ser o meu tema, mas ainda faria uma pesquisa sobre LGBTs na Maré. Apenas revelei a Gilmar que tinha me mudado para a Nova Holanda quando nos esbarramos em um pagode, no domingo, duas semanas depois da minha chegada. Animado, disse “virei seu vizinho”. “Tô sabendo”, ele respondeu. Eu imaginava que ele sabia, pois já havia encontrado com alguns conhecidos dele em diversas situações e, para Cláudia, que na época fazia parte do Conexão, contei que estava morando na “casa do Waldemir, onde a Carla tinha morado”. Na semana desse domingo, visitei a sede do Conexão para falar com Gilmar, me colocar a disposição para ajudar o Grupo. Ele disse que estavam um pouco parados, estavam “vendo o CNPJ”<sup>7</sup>, mas que era para eu ir aparecendo.

Ainda é oportuno destacar que “morar na favela” nunca foi considerado um meio de eu me “tornar nativo”. Não tinha interesse e nem acreditava que isso é possível. Entre outras coisas, existe uma série de relações de vizinhança, (re) conhecimento público local, vínculos familiares etc., que eu não possuía, ao contrário dos meus interlocutores, e que tornavam a minha experiência de morador da favela diferente da deles. Contudo, a opção por morar na favela pode ser compreendida, em alguma medida, a partir da epígrafe dessa introdução: Eu pretendia “tomar coió junto”. Ou seja, desejava me colocar ‘a disposição’, apreender junto na

---

<sup>7</sup> CNPJ é a sigla de Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

experiência cotidiana, no dia-a-dia, dispor do meu corpo e das minhas emoções na produção de um entendimento; a idéia era permitir “ser afetado”. Acredito que isso foi fundamental à pesquisa realizada. Em razão de uma intensa vida noturna dos meus informantes, das cervejas quase diárias em um período de calor, enfim, das relações que se estabelecem no cotidiano, estar ‘sempre perto’ e presente foi fundamental não apenas para sedimentar a relação, mas também para obter mais informações e enriquecer o trabalho etnográfico.

Enquanto mantinha visitas esporádicas à sede do Grupo e conversas pela Internet com o presidente do mesmo, ‘ia entrando’ na rede dos amigos da namorada da minha amiga de faculdade: fui ampliando o meu conhecimento a respeito dos eventos, pessoas e instituições da favela, minhas circulações foram se tornando cotidianas, comecei a frequentar outros locais fora da favela com esses jovens, conhecendo seus familiares e amigos de outros lugares. Enfim, a pesquisa, o próprio trabalho de campo, me levava nessa direção. A ausência de atividades do Conexão, as reuniões desmarcadas e as próprias dificuldades colocadas pelo seu líder, me levavam a um maior investimento nesses jovens e em suas circulações. Contudo, permanecia interessado na “ação coletiva”, acreditava que dali poderia chegar em coisas interessantes.

Comecei a ouvir mais e mais relatos de eventos, opiniões diversas sobre diferentes assuntos, as saídas “à noite” se tornaram ainda mais frequentes, comecei a entrar nas casas etc.. As piadas e risos, com o tempo, converteram-se em carinhos e abraços. E aquela mesma profusão de temas, dados, referências interessantes para uma pesquisa permaneciam surgindo nas conversas com aqueles jovens e com as pessoas que me apresentavam. Como disse uma amiga, brincando com um texto do Roberto DaMatta, o meu envolvimento com essa rede era tal que eu não tinha *anthropological blues*.

Já havia me aproximado bastante desse grupo dos amigos da namorada da minha amiga, a entrada no Conexão G já havia sido melhorada consideravelmente, mas o Grupo tinha dificuldade em realizar atividades. A grande circulação dos seus membros, as dificuldades de construir horários de encontros comuns, do cumprimento desses etc. não concretizavam as idéias que surgiam. Eu, que já tinha muitas informações daquela outra rede, não pretendia, não era um desejo que eu tinha, falar ‘de um esforço’, ‘de um grupo que

tentava se formar’, ‘de um investimento em algo que ainda viria’. Considero todas essas questões relevantes e interessantes, mas eu não desejava dar conta dessas, me debruçar sobre as mesmas.

Desse modo, meu interesse de pesquisa foi se deslocando do Grupo Conexão G para pensar algumas gramáticas, interações e experiências de moradores LGBTs, tendo o Grupo não mais como o ator principal, mas incorporá-lo como um deles. Mantive uma certa regularidade de visitas a sua sede, mas, como ela é frequentada, sobretudo, por Gilmar, procurei acessar sua rede de amizade através de frequência em bares ou pagodes com ele.

### ***A rede de Gilmar***

Na rede de Gilmar não tive uma entrada tão forte. Sentei algumas vezes em bares pela favela e fui em alguns pagodes. Contudo, apenas saí da Maré com eles uma vez: quando fomos a uma “festa de santo”, “da Padilha” de uma travesti conhecida por todos. Aliás, assuntos referentes a “macumba” eram um dos principais investimentos do Grupo. Todos eram frequentadores e discutiam sobre festas, pais de santos, terreiros e orixás. Confesso que ficava muito perdido nesses assuntos, mas sempre pedia que me explicassem um pouco mais. Uns eram mais pacientes, mas outros praticamente ignoravam as minhas questões. Boa parte das vezes em que tomei cerveja com eles, foi em um trailer comandado por um pai de santo morador da favela.

Dos seis atores que identifico nessa rede, dois cursam ensino superior (Aécio é graduando de um curso na área da educação em uma universidade pública e Gilmar em Psicologia na Universidade Veiga de Almeida) e os demais concluíram ou estão concluindo o Ensino Médio em escolas públicas. As suas idades variam entre 22 anos (Rafael e Cecília) e 28 anos (Aécio). Cláudia é a única heterossexual do Grupo. Moram com seus pais e, com exceção de Cecília, são “assumidos”. A relação da família com a orientação sexual dos mesmos se dá, conforme uma avaliação preliminar, de acordo com a religiosidade dos pais, mas não somente a partir dessa variável. Gilmar, cuja mãe frequenta o mesmo terreiro que ele, tem uma relação não conflituosa com a sexualidade do mesmo, embora no passado fosse diferente; já Aécio, filho de pais evangélicos, gere o fato de sua sexualidade ter sido revelada

‘acidentalmente’ de modo a evitar tensões; Cecília, por outro lado, filha de pais sem religião, ocasionalmente revelava conflitos familiares que pareciam ter origem em sua orientação sexual e/ou performance de gênero masculinizada. Esses conflitos, a sua performance (‘bermudas masculinas de surfistas’, cabelos presos, jeito de andar e sentar com as pernas, como disse Cláudia, “escancaradas”, um balancear identificado como “de malandro” etc.) e o fato de ter morado com sua “ex-mulher”, mesmo que apresentada como amiga, em cima da casa dos seus pais, foram elementos destacados em algumas conversas para questionar o fato de Cecília “não ser assumida” para os seus pais. Todos os membros dessa rede moram na Nova Holanda, Rubens Vaz ou Parque União.

Sobre as suas auto-identificações, os rapazes recorrem à categoria “gay”, Cecília apresenta-se como “lésbica” e Cláudia “heterossexual”. Contudo, referem-se uns aos outros, na grande maioria das vezes, como “bichas”, “viados”, “bee”, “sapa”, “sapatão” ou “sapatona”. Apenas chamavam de lésbica uma mulher não presente no local, com quem não mantivessem alguma intimidade e, em seu texto, parecia haver um sentido de revelação (“Fulana é lésbica” ou “dizem que ela é lésbica”). Outro uso comum era feito em um sentido mais pejorativo (“Aquele lésbica maldita” ou “sua lésbica!!”). Gay, por outro lado, além de auto-identificação, também era recorrentemente utilizado, sempre precedido por um artigo feminino, para se referir a uma terceira pessoa (“A gay estava toda, toda” ou “Uma gay chegou afrontando”)<sup>8</sup>. Todos os gays dessa rede reconheciam-se como “pintosas”, isto é, tinham um comportamento “fechativo”, identificável como próprio dos gays, associado ao feminino<sup>9</sup>. A esse comportamento social, mantinham uma coerência com relação ao que se esperaria que tivessem em termos de comportamento sexual, eram “passivos”, desejavam homens que, como tais, apenas comiam e se comportavam como tal (Fry, 1982). Lembro de uma conversa que mantínhamos no bar a respeito de práticas sexuais. Rafael disse: “adoro quando os caras pegam a minha boca e fazem ela de buceta. Eu fico só (mostra a boca com

---

<sup>8</sup> O uso dessas expressões, com esses significados, não quer dizer que os dados aqui trazidos são exclusivos ao descrito. Apenas desejo destacar a maior regularidade em acioná-las nesses casos e contextos.

<sup>9</sup> No primeiro e no segundo capítulo trato de algumas dimensões desse comportamento na construção de si de alguns dos interlocutores dessa pesquisa.

uma abertura reconhecida como apropriada ao sexo oral) e eles (fazendo o movimento de ir e vir com o braço, com a mão fechada na altura da boca) só metendo”.

Por fim, considero oportuno destacar que, exceto Cecília, todos os membros dessa rede fizeram ou fazem parte do Conexão G. Gilmar, dessa rede, foi o único entrevistado para essa pesquisa. Poucas referências serão feitas às personagens dessa rede ao longo desta dissertação, não em razão da ausência de entrevistas, mas pelo reduzido trabalho de campo empenhado entre esses atores e, talvez por isso, pela seleção dos temas tratados aqui. Outras pessoas eram próximas a essa rede, ou eu as contactei via uma ou mais pessoas desse grupo, contudo, não sendo possível caracterizar todas as pessoas com quem interagi, considero esse um ‘núcleo duro’ da mesma.

Contudo, ainda é interessante incorporar uma breve caracterização de Maria. Participa do Conexão G há menos de um ano, mora com sua mãe, dois irmãos e a cunhada<sup>10</sup>. Acredita que não dá “muita pinta”, considera que é “mais feminina”. Sua namorada é “mais masculina”, mas elas fazem “tudo”. Sua mãe é evangélica e Maria foi criada professando essa fé, até que na adolescência rompeu com a mesma para “curtir a vida”. Mora no Parque União, tem dezoito anos e cursa a oitava série do Ensino Fundamental em uma escola pública dentro dessa favela.

### ***A rede dos amigos da namorada da minha amiga***

Como descrevo no próximo capítulo, conheci a maior parte dos sujeitos dessa rede em uma comemoração do aniversário de uma amiga da faculdade que iniciava o namoro com uma moradora da maré, membro desse grupo de amigos. Como muitas das referências são tratadas a partir dessa rede, considero oportuno caracterizar melhor as personagens aqui.

Fabiana, a namorada da minha amiga<sup>11</sup>, tem vinte e três anos, é graduanda em um curso na área das Ciências Sociais Aplicadas. Foi criada, até os 15 anos, por sua avó. Mora

---

<sup>10</sup> Sua mãe é acompanhante de idosos e concluiu o Ensino Médio. Seu irmão tem vinte e cinco anos, parou de estudar no Ensino Médio e trabalha como porteiro. Sua irmã, que apresenta como “lésbica, mas ela não é assumida”, tem vinte e um anos e também está na oitava série do Ensino Fundamental.

<sup>11</sup> Fernanda tem vinte e sete anos, cursou Ciências Sociais e hoje faz doutorado na mesma área. Filha de dentista, de classe média, milita em diferentes espaços sociais, sobretudo nos temas relativos a favela e a violência policial.

com seus pais<sup>12</sup> e um irmão mais novo (16 anos), em uma casa de três quartos. Contudo, desde que iniciou o namoro com Fernanda, costuma passar a maior parte da semana na casa desta, em um bairro da Zona Sul carioca. Estagia em um grupo de pesquisa na Universidade em que estuda e é membro de um grupo de artes composto por jovens moradores da Maré. Fabiana tem uma longa trajetória em projetos sociais, já tendo participado em diferentes funções (desde membro, simples participante, até estagiária na coordenação de um desses projetos). Nem Fabiana e nem os membros mais próximos possuem uma adesão religiosa freqüente. Fabiana, logo que me mudei, foi fundamental na minha adaptação. Acompanhou-me desde a freqüência em determinados eventos, que eu não gostaria de ir sozinho, até a indicação de lanchonetes e restaurantes “mais gostosos”. Fabiana se identifica como lésbica e negra, mas, nas interações cotidianas, entre os mais próximos, é a categoria sapatão que é evocada para se identificar. Mantém um relacionamento com uma orientação mais próxima do modelo igualitário, tal como formulado por, entre outros, Fry (1982) e Heilborn (2004). Fabiana não se considera nem masculina e nem feminina. Disse que era “meio-termo”, mas que “as pessoas notam”.

Cláudio possui vinte e três anos. Após quatro anos matriculado em um supletivo público de ensino médio à distância, concluiu o Ensino Médio em 2010. No último ano, cursou um pré-vestibular comunitário e prestou vestibular para Letras e Teatro. É membro de um grupo teatral e dá aula de uma modalidade de expressão artística para adolescentes e jovens em uma ONG local. Participa de diversos projetos sociais, sobretudo nas áreas de saúde e arte, já tendo sido, inclusive, multiplicador em um projeto social de uma ONG-Aids. Mora com a mãe<sup>13</sup> e seu irmão<sup>14</sup> em uma casa de dois quartos. Cláudio, durante muito tempo, foi a minha companhia em minhas circulações pela favela e nos pagodes. Quando não saía com o grupo, era também ele que me contava com grande riqueza de detalhes o que tinha

---

<sup>12</sup> Seus pais têm, por volta de, cinqüenta anos. Sua mãe estudou até a oitava série, mas não concluiu o ensino fundamental (é auxiliar de serviço geral) e seu pai, que “de vez em quando se inscreve no supletivo”, não concluiu o ensino médio.

<sup>13</sup> Concluiu o segundo grau recentemente, cursa teologia em um Seminário Teológico Batista, ocupa funções de liderança na igreja em que participa, divorciada, trabalha como professora/recreadora em uma escola infantil localizada em uma favela vizinha. Possui quarenta e dois anos.

<sup>14</sup> Possui quinze anos, estudante de ensino médio e multiplicador de projeto social voltado para a área de saúde dos jovens.

acontecido. Tenho uma grande gratidão pelos toques, explicações e comentários que me chamaram atenção para questões muito interessantes.

Cláudio oscila entre uma identidade “gay”, “livre” e “bi”; “é ativo” e “pintosa”. Ele, a partir dessas referências, cria um certo desconforto em seu grupo mais próximo, sobretudo, com Augusto e Pedro. O fato de Cláudio “pegar mulher” não é assimilado sem uma “piada” que desqualifique seu interesse/prática. Basta Cláudio comentar que uma moça é bonita, que algumas ‘caretas’ de desaprovação ou de dúvida são performadas. Esse interesse desviante de Cláudio indicaria uma certa hierarquia interna ao grupo de amigos, implicando um certo distanciamento, um rompimento de uma identidade. Acredito que a oscilação em termos de identidade se dá, em alguma medida, em razão disso. Cláudio respondeu na entrevista que é “bi”. Também pude presenciar essa identificação em outras situações. Contudo, em diversas outras, acionava a noção de “livre” como um meio de apresentação dos seus desejos e práticas afetivo-sexuais. Não é à toa a escolha desse termo. Definir-se como livre é um modo de expressar não apenas a sua associação com valores hedonistas em uma busca pelo prazer independente do sexo das pessoas, portanto, ‘livre’, mas também constituiria um modo de reagir ante as investidas normativas levantadas não apenas por seus amigos, mas por uma concepção geral, de um senso comum a respeito da sexualidade, que questiona a existência de sujeitos interessados afetivo-sexualmente por homens e mulheres. Declarava-se, de algum modo, livre dessa tentativa de normatização onde suas escolhas estariam restritas a “ser gay” ou “ser hétero”.

Contudo, essa não era a única forma de se reconhecer de Cláudio. Quando não havia um questionamento a respeito da sua orientação sexual, era comum vê-lo fazer referência a si mesmo como “gay” ou, ainda, “viado”. Isso pode estar relacionado não só a uma dinâmica de negociação de espaço, evitação de conflitos com seus pares, mas como um efeito, o resultado de sua adesão, participação, em um grupo de gays, de “pintosas”. Essa apresentação de si feminilizada desse grupo de amigos e de Cláudio indicava, para si e para os demais, que todos eram “viados”. Assim, “viado” ou “gay” era um modo coletivo (tanto do grupo como ‘do mundo’) e individual de reconhecer (se) essas personagens.

Além dessas questões relativas à identificação, à nomeação de seus desejos e práticas sexuais, Cláudio ainda era “ativo” e “pintosa”. Isso potencializava sua situação marginal, liminar, dado que não mantinha uma ‘coerência’ entre comportamento sexual e social, tão cara ao modelo hierárquico, hegemônico na representação da homossexualidade, entre as camadas populares (Fry, 1982). Embora parecesse indicar que não desqualificava “ser passivo”, dizendo que apenas não era a sua, “gosto de comer”, Cláudio em várias situações e com diferentes interlocutores parecia querer deixar claro que ele “só” tinha “dado para três caras!!!”. Lembro de outra situação onde eu e ele comentávamos sobre um “cara” com quem ele tinha saído. Criticávamos a aparência, a postura etc.. Para nós, ele era “tosco, bizarro”. Cláudio, ao avaliar a sua noite, ia concluindo: “O pior, aliás, nem sei se é o pior, foi que eu dei pra ele”. Ou seja, se sair com essa cara já é ‘menor’, “bizarro”, é ainda pior dar pra ele. A auto-correção de Cláudio também é interessante para pensar uma certa leitura do que é correto de se dizer, do que se pode falar e como avaliar. Nesse caso, talvez porque falava comigo que sempre dizia que “achava uma besteira” essas divisões ou porque reconheceu que não seria politicamente correto dizer o que disse, dado todo o seu alinhamento com valores igualitários, o fato é que Cláudio correu para retificar a sua afirmação.

Essa disputa entre “ser ativo” e “ser passivo” regularmente se materializava nos embates performados por Augusto e Cláudio. Augusto possui vinte e dois anos e é analista de cobranças. Não concluiu o ensino médio, abandonou a escola no segundo ano. Mora com seus pais<sup>15</sup> e seu irmão. Sua mãe também é evangélica. Identifica-se com relação à identidade sexual como gay, mas, assim como ocorre com Cláudio, recorre a outras classificações em seu cotidiano, sobretudo, “bee”, “bicha”, “maricona”, “viado” e, mais recentemente, “operada”.

“Pintosa”, Augusto gosta de “ser passivo”. Cláudio costumava dizer que Augusto e Pedro não consideravam que tinham transado quando “tinham que comer”. De fato, Augusto tinha a preferência por “ser passivo” e sempre mostrava uma predileção por parceiros que fossem comê-lo. Sempre valorizou uma performance menos feminina que a sua. Sem dúvida,

---

<sup>15</sup> Seu pai tem setenta anos e o Ensino Médio completo. É militar aposentado e já foi dono de dois empreendimentos comerciais na favela. A mãe de Augusto tem quarenta e oito anos. Ele não sabe até quando estudou. É dona de casa. Seu irmão tem quatorze anos e está na sétima série do Ensino Fundamental. A mãe de Augusto teve uma filha de seu relacionamento anterior. Bem presente no cotidiano da família, ela tem vinte e seis anos, uma filha de um ano, esta há dois anos casada, morando em outra favela na Maré, e é enfermeira.

o comportamento característico do masculino incitava maior desejo, mas a sua recusa, contudo, concentrava-se não tanto no feminino em si, no sujeito que “dava pinta”, mas quando esse era “mais mulher” que ele. Acredito que a recusa à passividade, tal como indicada por Cláudio, tinha um nexo muito forte com essa questão de gênero, não exclusivamente com o comportamento sexual.

Lembro que certa vez, quando conversávamos sobre o “vizinho hétero” que Augusto “fazia”<sup>16</sup>, afirmei: “Ué, você não fica reclamando de comer os outros e fica comendo o seu vizinho...”. Ele me respondeu: “Ih, bicha, mas comer boy é bem!”. “Boy” aqui se referia a um homem heterossexual de performance masculina. Não havia aqui um questionamento ou tematização da orientação sexual desse rapaz, embora o fato de “ser hétero” e “pedir” que Augusto “chupasse e comesse o cu” dele, bem como o dele “chupar o pau” de Augusto, práticas/desejos não tão esperadas de “um ativo”, menos ainda de “um heterossexual”, criasse uma certa exclamação. Ao que parecia, o “troca-troca” que realizavam não maculava a orientação sexual do vizinho, blindada pela performance masculina e pela periodicidade esporádica com que mantinham essas relações.

Ainda sobre Augusto, uma coisa que chamou a minha atenção foi a permanência de uma representação cristã hegemônica a respeito da homossexualidade. Mesmo tendo se afastado da igreja evangélica que frequentava na adolescência, Augusto permanece considerando que “tá em pecado” e que “depois” vai “ter que pagar por tudo”. Ainda sobre isso, considerava um “absurdo”, “heresia” a existência de “igrejas de gays”, pois “Deus não quer isso”. O que me despertou mais interesse é que Augusto não mostrava evitar a prática ou desejo que considerava pecado. Revelava, desse modo, uma orientação fortemente hedonista, pois, mesmo reconhecendo que “vai ter que pagar no futuro” e que esse ‘pagamento’ será custoso, não modificava a sua prática ou seu discurso sobre a mesma, pois “é o que eu gosto, que me dá prazer”.

---

<sup>16</sup> O verbo “fazer”, quando empregado em relação a alguém, tinha a conotação de algum tipo de interação erótica mantida entre os pares.

Pedro tem vinte e dois anos, mora com seus pais e dois irmãos<sup>17</sup>, no Conjunto Bento Rubião Dantas, mais conhecido como fogo-cruzado, também na Maré. É o único dessa rede que não reside na Nova Holanda. É fiscal de caixa em uma rede de lojas de variedades. Durante parte da infância e da adolescência, frequentou a Igreja Católica. Sua mãe é católica e frequenta uma Paróquia perto de sua casa.

Pedro se identifica como “gay” e também se diz “passivo” e “pintosa”. Dizia que não gostava de comer, “se tivesse” que fazê-lo, “até” fazia, mas que era sua “preferência dar”. É interessante que em seu último relacionamento, “era versátil”. Pedro, na época, dizia que “descobriu” que “comer também era bom”. Após essa experiência, com o fim do namoro, teve algumas experiências “dando” e “comendo”. Dizia que estava “curtindo ser versátil” ou ainda que “estava gostando de comer”. Após o namoro, criou uma sátira, uma paródia que é interessante para pensar como gênero e comportamento sexual articulam-se no interior desse grupo de amigos. Na verdade, essa paródia já existia antes, mas ela é potencializada e incorporada por Pedro após esse relacionamento.

A sátira performada, mais uma vez, tenta administrar a já apresentada ‘incoerência’ entre o comportamento social, isto é, determinada performance de gênero, e o comportamento sexual dos sujeitos. Não apenas Pedro, mas outras “pintosas” que “comiam”, ou que diziam que eram “ativos”, nessa paródia eram convertidas em “ativas” – ênfase na variação do gênero para o feminino: da tradicional categoria “ativo” para “ativa”<sup>18</sup>. A sua variação no feminino era feita em um tom de deboche, apelando para o jocoso como um meio de lidar com um determinado ‘desconforto’, com uma experiência social que parecia, de algum modo, ‘estranha’ ou falsa. Assim, esses indivíduos, e Pedro adorava a brincadeira, seriam referidos como “ativas”. No mesmo sentido, surgiu depois “bofinha”, não apenas para os sujeitos, mas também para o modo como estavam vestidos e roupas específicas que utilizavam. Para dar maior ênfase, para enriquecer essa paródia, não apenas o termo deveria comunicar o deboche,

---

<sup>17</sup> O pai é sócio de um bar na Tijuca e estudou até a sexta série do Ensino Fundamental. Já sua mãe, dona de casa, estudou até a quarta série também do Ensino Fundamental. Seu irmão, de vinte e quatro anos, cursa construção civil em uma universidade particular em Bonsucesso, bairro vizinho a Maré, e sua irmã, com 12 anos, está no Ensino Fundamental em uma escola pública próxima a sua casa.

<sup>18</sup> Mais comum e justificável na configuração dos pares de oposição é chamar um sujeito de comportamento sexual “passivo” de “passiva”.

mas o tom de voz, estridente, nasalado, característico das pintosas, seria adotado ao empregar essa classificação. Enfim, a brincadeira é ampliada criando apelidos em salas de bate-papo (“ativa carioca”, “ativa da Maré”, “ativa 24”), poses para fotos a serem postadas em redes sociais e sites para trocas sexuais etc..

Concluindo a descrição das principais personagens dessa rede<sup>19</sup>, temos Ângela. Na verdade, ela é apresentada como parte dessa rede, dada a sua forte presença em bares, festas e outras atividades desse grupo de amigos, mas ela também circulava como parte de outros grupos, de outras redes compostas por moradores LGBT<sup>20</sup>. Ângela tem vinte e dois anos e participa do Conexão G desde 2008. Como disse na entrevista, trabalha “com promoção de saúde” em projetos sociais para adolescentes e jovens na Maré. Mora com sua mãe e duas irmãs; no mesmo prédio, mas no apartamento de cima, reside seu pai<sup>21</sup>.

Ângela se apresenta como “lésbica”, mas era muito comum ela referir a si mesma como “sapatão”. Ângela com maior regularidade que as outras lésbicas ouvidas, utilizava as categorias “lady”, para indicar uma lésbica mais feminina, de comportamento sexual esperado “passivo”, e “fancha”, para indicar o seu oposto, “mais masculina” e “ativa”. Assim como Maria e Fabiana, não se reconhecia como “masculina”. Dizia, assim como a primeira, que poderia jogar com isso. “Dependendo do dia eu estou mais machinho, mas tem dias que eu também estou mais feminina. Mas, em geral, eu me considero feminina”. Contudo, destaca que desde adolescente, quando ainda “não era” (lésbica), as pessoas já “a discriminavam” por isso.

Ângela dizia que apesar dessa possibilidade de às vezes parecer mais masculina e às vezes mais feminina, ela preferia uma aparência mais feminina. Na verdade, assim como Maria e Fabiana, havia uma certa desqualificação das “masculinizadas”, era algo que não desejavam ser e nem se relacionar – apenas Maria que disse preferir “namorar” com mais

---

<sup>19</sup> Faço essa caracterização mais detida apenas das principais personagens dessa rede que aparecerão com maior regularidade nessa dissertação. Os demais sujeitos tratados no decorrer do texto serão ‘localizados’ conforme as situações, assim como os apresentados aqui terão outras informações trazidas ao longo dessa narrativa.

<sup>20</sup> Ângela me apresentou possíveis entrevistados, me chamava para andar com ela em outras redes, sempre se dispôs a colaborar com a minha pesquisa. Sua colaboração foi de grande importância à minha pesquisa.

<sup>21</sup> Sua mãe é copeira e tem quarenta e cinco anos. Seu pai, quarenta e seis anos, é metalúrgico, mas está desempregado. Sua irmã mais velha tem vinte e seis anos e é técnica em enfermagem. Já a mais nova, tem quatorze anos, é estudante e também trabalha em projetos sociais.

masculinas, mas “não tanto”, “só um pouco”. Lembro de uma conversa com Ângela onde ela contou que conheceu um “casal de sapos tão lindo”. Perguntei como elas eram. Ela disse: “Ah, elas eram femininas, bonitas... Quem via não dava para saber quem era a passiva e quem era a ativa”. Eu a interpelei dizendo que se fossem “duas fanchas” também não seria fácil identificar isso. Ângela respondeu, meio sem jeito, “É... mas não era isso, sei lá, achei elas muito bonitas”.

### *Os sem redes*

Além desses sujeitos que identifico como partes de redes que tive acesso ao conjunto dos membros, interagi com diversos outros que não pude acessar melhor suas relações, mas que alguns dados da observação e entrevistas realizadas junto a eles serão tratados nesse trabalho. Para ser preciso, apenas desejo incorporar mais duas personagens a essa primeira apresentação: Carolina e Lucas.

Sempre encontrava com Lucas nos pagodes, festas e bailes que haviam pela favela. Alguns dos membros das redes tratadas acima o conheciam, mas a interação nunca ia além de “e aí?”. O conheci de fato, fomos apresentados, em um churrasco realizado na casa de sua prima, uma conhecida minha das redes de militância. Lucas identifica-se “gay”, “pintosa” e diversas vezes dizia, “adoro dar pinta”, “me sinto eu mesmo”. Recusava ser uma “bicha escrota”, “uó”. Foi o único informante que se referiu diretamente à sua “cor/raça”. Dizia que era “moreno” e considerava importante destacar esse atributo no mercado erótico. Contou que um dos seus principais apelidos, identificações, em salas de bate-papo na Internet é “moreno passivo” e “moreno20”, este último em alusão a sua idade. Mora com seus pais e uma irmã mais nova<sup>22</sup> na Nova Holanda.

Se entre as “lésbicas” trazidas acima havia uma certa rejeição às masculinizadas, Carolina, 32 anos, há seis anos casada e auto-identificada lésbica, poderia ser classificada como uma dessas. Na verdade, eu, antropólogo, ‘imbuído dos valores modernos, individualistas’, ‘crente na verdade da sexualidade, na importância de se permitir como um

---

<sup>22</sup> Seu pai presta serviços como pedreiro, é “biscate”, e concluiu o Ensino Médio. Sua mãe é empregada doméstica e estudou até a quarta série do Ensino Fundamental.

meio de ter uma existência completa’, sempre a considereei como sendo potencialmente um transexual masculino e, na entrevista, iniciei um questionamento sobre isso. Meu interesse não era tanto nas informações sobre isso, suas opiniões etc., mas, sem dúvida, com uma postura etnocêntrica de quem acredita ‘levar a luz’, acreditava que estava trazendo uma novidade que lhe ‘encheria os olhos’, ‘conferiria um novo sentido à sua vida’ e ‘dirimiria seus conflitos’. Pretendia ‘ajudá-la’. Antes de entrar nesse assunto, Carolina dizia que seu relacionamento estava em crise, que trabalhava demais e não tinha tempo para a sua esposa. Dizia que seu trabalho a consumia demais, mas não poderia largar, pois sua “aparência masculina” inviabilizaria que conseguisse um trabalho fora. Dizia que gostaria de ser diferente, de mudar isso, mas que não conseguia. “Usar essas bermudas, camiseta e boné” era ela, não conseguiria abrir mão disso.

No entanto, após eu perguntar o que ela achava de indivíduos que nasciam com o corpo de mulher, mas que se identificavam mais com o masculino e faziam essa alteração, Carolina respondeu recorrendo a um discurso naturalista e religioso, embora sem tradição religiosa cristã pessoal ou na família. Dizia que é “mulher”. Poderia não se identificar tanto com isso, mas que era um “absurdo” fazer a alteração. Acredita que a pessoa “vai ser castigada”.

Carolina dizia que é “ativa” desde que se conhece como lésbica:

“Eu tenho 32 anos, desde que eu me conheço como lésbica, eu só gosto de passivas. Se ela tiver um dedinho assim, de ativa, eu separo... eu não quero. Eu posso ter seis anos com ela [sua “esposa”], se ela tiver um dedinho pra mim, eu vou desgostar dela. É o meu jeito, entendeu? Eu não sei se é ignorância, eu não sei o que que é... Eu sei que entre quatro paredes tem que rolar cinquenta-cinquenta, mas a minha parte, o que eu faço, eu sou ativa, não adianta...”

Interessante nessa fala é a presença dos dois valores norteadores, estruturantes, dos modelos hierárquico e igualitário identificados por Fry (1982). Observa-se uma certa disseminação dos valores do modelo igualitário, à medida que Carolina diz “eu sei que entre quatro paredes tem que rolar cinquenta-cinquenta”, portanto, um relacionamento igualitário, sem “passivo” e “ativo”, mas a permanência de valores do hierárquico, dado que com ela “não adianta”, é “ativa”. Lembro também a auto-correção de Cláudio quando dizia que o pior de ter

ficado com um “cara bizarro” foi “ter dado”. Além dos jogos, das negociações que envolviam uma certa gramática entre gênero e comportamento sexual que examinamos acima, bem como algumas características trazidas na apresentação das personagens “lésbicas” indicadas anteriormente, a própria eleição das categorias ‘canônicas’ (“Gay” e “lésbicas”) como formas de apresentação de si em uma situação formal, de entrevista, em detrimento das classificações do cotidiano, indicam a expressão de valores modernos, igualitários. Não estou, com isso, preocupado em indicar continuidades, permanências, assimilação ou resistência de um ou de outro modelo, mas tentando caracterizar a convivência entre eles não apenas entre os meus informantes como um grupo, mas também em suas trajetórias individuais, particulares, oscilando conforme as situações.

### ***Eu – o antropólogo em campo***

Como uma forma de me apresentar em campo, optei por não fazer um longo relato em um espaço separado dos eventos tratados ao longo da dissertação. Procuro explicitar a minha presença e atuação enquanto discuto os temas. Contudo, acredito que cabe uma breve caracterização de quem sou e como, em geral, me comortei em campo.

Tenho vinte e cinco anos, sou “gay” e, como meus informantes, considero que “dou tinta”. Acredito que esses elementos que porto, dado a identificação que 'automaticamente' produzem, visto que são compartilhados por meus informantes, facilitaram a minha interação com os mesmos. Não se trata apenas de características, de atributos, mas do compartilhamento de uma certa subcultura juvenil gay, com seus lugares de frequência, gostos e algumas características em comum. O fato de ser de camada popular é outro elemento que considero ter garantido maior facilidade em campo. Conhecer bairros de subúrbio, ter sido socializado ouvindo determinadas músicas, assistindo a determinados programas de TV e compartilhando os mesmos espaços de socialização também garantiram a existência de um diálogo fluente.

Contudo, algumas outras características não eram 'tão identificáveis'. Outros hábitos musicais, gostos que eu tinha, suscitavam algumas questões. Não que inviabilizassem diálogos, mas apenas criavam – ou materializavam – distanciamentos. Apesar das avaliações

que consideravam “chatos” determinados interesses, ao mesmo tempo esses eram reconhecidos como justificáveis, pois eram interpretados como algo 'refinado'. No entanto, como tudo, a linguagem da brincadeira, a ordem do jocoso, era acionada para dar conta dessas diferenças.

Outras duas características que, de algum modo, nos distanciavam e tinham seu tratamento conduzido a partir do jocoso, era com relação aos meus parceiros afetivo-sexuais, desejados e efetivos, e as roupas que eu utilizava. Sobre o primeiro tema, diziam que o “Paulo só gosta de gente feia” e “de mulher”, criticando constantemente as minhas avaliações estéticas e uma presumida preferência por “pintosas”. Já com relação às roupas, diziam que eu “tinha que usar umas coisas mais bonitas”. Brincávamos com as camisas promocionais, as de gola esgarçada ou as furadas que costumava usar quando estava em casa ou pela favela. Lembro que, no meu último aniversário, dividiram as peças de roupa para me darem de presente: uns dividiram uma camisa, outros uma calça e ainda teria aqueles que dariam um calçado.

Se no relato acima buscavam ser carinhosos, atenciosos, úteis comigo, eu também me comportava do mesmo modo. Como destacou Whyte (2005) a respeito de sua interação com Doc, tentei orientar as minhas atitudes a partir de uma “reciprocidade interpessoal”, buscava ser útil no cotidiano dos mesmos. Desse modo, ajudei Gilmar e apoiei o Conexão em suas atividades, escrevi releases etc.. Já na outra rede, busquei apoiar com aquilo que considerava poder fazer melhor e notei que meus interlocutores também consideravam isso, haja vista que fui procurado algumas vezes para emitir opiniões sobre estudos, educação. Reconheço que “perturbava” alguns deles com os estudos, mas sempre recebia sinais diretos que “já deu”. Era o momento de parar de perguntar como estavam indo os estudos ou quando iriam, de fato, retomá-los. Se algumas vezes parecia que me excedia, isso, contudo, como disse anteriormente, não provocou ruídos nas relações, pois me procuravam sempre. Dei dicas de como estudar, cursos de inglês interessantes, opinião sobre vestibular e cursos a que poderiam concorrer etc.. Enfim, esse era o meu tema legítimo para pareceres.

\*\*\*\*\*

Nas próximas páginas, o leitor terá acesso a uma tentativa de tornar texto uma experiência etnográfica (Clifford, 2002). Para isso, tive que calar algumas coisas, não trazer alguns eventos, relações, com o intuito de poder melhor tratar de outros, ressaltar alguns aspectos que me pareceram mais interessantes no momento em que essa dissertação foi desenhada. É claro que esse trabalho poderia assumir outros contornos, seguir outras direções etc.. Contudo, este foi o formato que me pareceu mais interessante. Nunca pretendi escrever uma dissertação que – e ela não é – fale de uma “experiência LGBT da favela” ou “na favela”. Trago, na verdade, alguns modos de constituição de si, elementos que são acionados por alguns dos sujeitos envolvidos na pesquisa, nesse esforço 'de se fazer o que se é'. Por isso, considero que é um trabalho feito, pensando em diálogo com Geertz (1989), não sobre a favela ou na favela, mas a partir da favela.

No primeiro capítulo, a partir da noção de “sociabilidade violenta” (Machado da Silva, 2008), trato de algumas dinâmicas de circulação pela favela, tendo em vista a atuação de valores e comportamentos identificados por Machado da Silva e sua equipe de pesquisadores. A definição dessa perspectiva teórica, a despeito de uma pequena crítica que faço no capítulo, se deu em razão não apenas das suas possibilidades interpretativas em termos da violência que ocorre, mas porque também faz referência à forte presença da experiência do medo, da expectativa de violência, dado a crença que se sempre se está em risco. Além disso, ainda trato do modo como se conta e o sentido que se conta uma das narrativas que me foram reveladas.

Partindo do que me foi narrado como um modelo ideal de namorado por um grupo de interlocutores gays, trato de algumas dinâmicas operadas pelos sujeitos no que tangencia a “visibilidade” – de afetos e de orientação sexual – e as representações, os valores que marcam os sentidos do “se assumir” em um grupo específico. Como pretendo ter deixado claro, as experiências narradas não podem ser generalizadas, dado que são fruto de trajetórias singulares, de dinâmicas específicas. Assim como discutido no primeiro capítulo, busco, a partir das reflexões de Foucault (1984), compreender os gestos, as ações morais realizadas pelos sujeitos não apenas como comportamentos que estão em acordo ou desacordo com a

moral, mas identificando nos mesmos o potencial de constituir os indivíduos como sujeitos morais. “Se assumir”, como poderá ser visto, adquire diferentes contornos entre aqueles informantes.

No último capítulo, examino a constituição do Grupo Conexão G e algumas das suas dinâmicas. Como destaque, a partir da constante referência à classe média, aos LGBTs de classe média, o Grupo, apelando a essa alteridade, não apenas se constitui como tal, mas conquista um determinado espaço. Isso, conforme acredito, é possível em razão de uma certa demanda, de uma 'agenda social' de reconhecimento das chamadas “minorias”, das ditas “populações vulneráveis”. Além disso, identifico algumas dinâmicas que conduzem a constituição dos sujeitos como militantes. Aqui a noção de carreira (Becker, 2008) é importante, bem como da eleição da produção do líder e do reconhecimento dos pares de sua 'adequação', onde me valerei da contribuição de Bourdieu (1989; 2004).

Por fim, na conclusão, retomo alguns pontos discutidos ao longo do trabalho e indico alguns temas que considero interessantes de serem abordados em outras investigações. Destaco que uma orientação política e acadêmica, que norteou a minha pesquisa desde o princípio, pode ser mantida sem prejuízos aos dados trazidos e às experiências dos meus interlocutores.

## **Capítulo 1 – Violência ‘efetiva’ e ‘esperada’: estratégias de evitação e outras negociações na circulação pela favela.**

“Enquanto lhes disse que era necessário acabar com aquilo porque era um pecado, uma coisa imoral e feia, os meninos riam nas suas costas e continuaram a dormir com os mais novos e bonitos” (Jorge Amado em *Capitães de Areia*).

Ainda antes de iniciar o período do mestrado, realizei duas visitas exploratórias à Nova Holanda na tentativa de me aproximar do meu ‘futuro’ campo. Um evento foi “uma cerveja” para comemorar o aniversário de uma amiga minha da faculdade – não-moradora da favela –, com sua namorada e amigos – todos moradores da Maré – e, o outro, a inauguração da sede do Grupo Conexão G. Ambos os eventos trouxeram algumas questões interessantes para esse trabalho. Trato, nesse capítulo, do primeiro evento.

### **1.1. *O aniversário da amiga***

Em fevereiro de 2009, quando visitava a Nova Holanda pela segunda vez, tive acesso ao relato de um evento que depois ouviria tantas vezes. Sentados em uma mesa de bar, na calçada da rua “principal”, comemorávamos o aniversário de uma amiga minha que iniciava o namoro com uma moradora daquela favela. Aquela era a primeira visita noturna que fazia à Nova Holanda. Entrava na favela só – outro evento inédito – e tinha grande expectativa de conhecer “os amigos da Fabiana”<sup>23</sup> a quem tanto se referia a minha amiga.

Logo no entrecruzamento da Rua Principal com a Rua Teixeira Ribeiro, um ponto de grande movimentação da favela, fui recepcionado pela minha amiga e sua namorada. Fernanda, a minha amiga, mandou eu me preparar, pois já havia antecipado aos “meninos” que um amigo dela estava indo comemorar o seu aniversário. Segundo ela, existia uma certa curiosidade, pois ela teria revelado algumas características físicas e comportamentais que eu tinha. Assim que cheguei ao bar avistei “os meninos”: Augusto, Pedro, Rodolfo e Cláudio que

---

<sup>23</sup> Essa classificação não parecia remeter apenas aos vínculos afetivos que envolviam Fabiana e seus amigos, mas também ao fato desses rapazes ostentarem orientação sexual não-heterossexual, constituindo-os, desse modo, interlocutores da pesquisa que iniciaria.

estavam sentados à mesa<sup>24</sup>. Havia outras mesas naquele bar, mas a idade e os olhares direcionados a nós – que chegávamos – permitiram a identificação quase imediata do grupo. Nem fomos apresentados e logo conheci uma característica própria a eles – que, também sendo minha, caracterizaria parte da nossa relação desde então – um aguçado senso de humor. Sem esperar uma apresentação formal ou algo equivalente que pudesse gerar algum tipo de aproximação ou intimidade, afirmavam discordar de Fernanda. Fiquei sem entender. Manifestei uma certa dúvida com a expressão facial. Até que eles continuaram e revelaram que eu não era bonito. Identificado o ponto de discordância, seguiram-se risos, as apresentações e então ‘já estava’ no bar com todos.

O cenário era barulhento, movimentado e descontraído. Intercalavam-se conversas sobre namoro, sexo, carnaval e outros eventos. Entre cervejas e gargalhadas, uma narrativa despertou especial atenção da minha parte: a violência sofrida por Cláudio – e seu namorado na época – no Parque União, favela vizinha, na madrugada do dia 25 de dezembro de 2008. Fernanda havia me antecipado essa história, mas apenas disse que um dos amigos da sua namorada tinha passado por determinada situação, mas não revelou seus detalhes. Nessa ocasião, fiquei muito interessado, mas imaginei que apenas pudesse ter acesso ao relato em situação ‘tranqüila’, reservada; pensei que talvez fosse ouvi-la em uma entrevista. Contudo, foi naquele clima de descontração e intercalado por muitos risos que esse evento foi trazido à tona – e é assim que ele sempre é retomado em diversas conversas.

### **1.2. *Relato da noite de Natal - Retorno à cena e ao evento narrado***<sup>25</sup>.

Enquanto estávamos na mesa, entre as conversas que mantínhamos, Fernanda lembra meu interesse de pesquisa na Maré. Nesse momento, em um tom jocoso, que parecia visar constranger Cláudio, mas que ao mesmo tempo indicava uma certa leitura que reconhecia certos aspectos que seriam interessantes a alguém ‘interessado em pesquisar

---

<sup>24</sup> Durante a noite algumas pessoas passariam pela mesa e Monique, uma amiga dos meus interlocutores, se incorporaria à mesma no fim do dia.

<sup>25</sup> O relato aqui descrito não se deteve à primeira narrativa ouvida, nessa situação de bar, mas foi construído em diálogo com algumas variações apresentadas nas diferentes vezes que ouvi, dando especial ênfase à ‘situação formal’ quando solicitei que o Cláudio narrasse o ocorrido. As diferenças/variações mais expressivas serão ressaltadas aqui. A conversa ‘mais formal’ que eu e Cláudio tivemos para que ele relatasse o evento foi realizada em um bar, não-gravada, enquanto tomávamos cerveja, acompanhados por Fabiana.

homossexualidade na Maré<sup>26 27</sup>, Augusto incita Cláudio, num tom provocador, a contar a “surra que ele levou dos mavambos<sup>28</sup> no Parque União”. Todos riem, eu demonstro um tímido interesse em conhecer o evento (ainda orientado pela expectativa de uma situação mais reservada para conhecê-la) e Cláudio que, inicialmente, emitiu um sorriso no rosto com uma certa timidez, inicia a narrativa.

“Na noite de Natal do ano passado” esse grupo de amigos passou boa parte do tempo na festa realizada pela família de Fabiana – na porta da casa dela. Havia bebido bastante, alguns dos rapazes se vestiram com roupas e calçados femininos, dançaram, brincaram, se divertiram bastante. Além desse grupo de amigos, dos familiares da Fabiana e de outros moradores da favela próximos a essa rede e à família, também estava presente Guilherme – então namorado de Cláudio e, com ele, também vítima de violência no Parque União –, morador de Nova Iguaçu.

Segundo narrado, já era mais de cinco horas da manhã quando Cláudio, Guilherme e Rodolfo saíram das comemorações na casa de Fabiana em direção a casa desse último, no Parque União. Chegando lá, Rodolfo subiu para casa, enquanto Cláudio e Guilherme permaneceram num misto de quintal e beco próximo a (da) casa<sup>29</sup>. Eles transaram e depois permaneceram no mesmo local conversando. Depois de ter passado um curto período do tempo, Cláudio conta que foi interpelado por um vizinho de Rodolfo, doravante, vizinho, que

---

<sup>26</sup> Quando solicitei que Cláudio novamente me contasse esse evento, pois eu tinha dúvidas de algumas partes, nele, imediatamente, sem que eu tivesse tempo para justificar/expor os motivos imediatamente, olhando para o computador disse: “é pra botar aí, né? É pro seu trabalho, né?”. Mais uma vez é evidente a formulação, representação, a elaboração de um conhecimento nativo a respeito de nossa, no caso, da minha, situação em campo.

<sup>27</sup> É oportuno destacar que mesmo uma breve conversa com um possível interlocutor sobre meu interessante de pesquisa suscitava, de imediato, a referência a algum evento envolvendo uma reação negativa do tráfico em direção a indivíduos não-heterossexuais. Eram relatos que aconteciam com as próprias pessoas, amigos, conhecidos ou mesmo apenas falavam do medo que seus agentes despertavam nesses sujeitos. Essa demanda, embora um pouco mais discreta, também esteve presente entre colegas de pós-graduação, amigos e conhecidos de outras redes. Mesmo sendo este um discurso, uma questão, muito recorrente e, em alguma medida, esperada, procurei não me deter a mesma, pois considero que ela parte e não age contra, não questiona, um estigma que atua violentamente sobre a favela e os favelados.

<sup>28</sup> “Mavambos” é um dos termos nativos utilizados para se referir aos traficantes de drogas. Apesar de Augusto ter recorrido ao termo nesse momento, não observei o uso frequente dessa categoria em outras interações com essa rede de sociabilidade. Contudo, ela é presente entre outros grupos e indivíduos com os quais interagi ao longo da pesquisa.

<sup>29</sup> Não consegui compreender bem a caracterização desse espaço. Acredito que seja um misto de espaço aberto, público, mas que foi privatizado por alguns moradores daquele local, entre eles a família de Rodolfo.

perguntou se ele estava “trepando” ali<sup>30</sup>. Cláudio respondeu que não e, então, o vizinho mandou ele “se adiantar”<sup>31</sup>. Cláudio disse que combinou de dormir na casa de seu amigo, mas o vizinho, indo embora, insistiu para que ele “se adiantasse”. Cláudio conta que um tempo depois Guilherme viu que o vizinho os observava pela janela de seu apartamento. Segundo narrou, logo depois ele já teria descido com um “pedaço de pau” para acertar o mesmo. Cláudio entrou na frente e recebeu o golpe. A confusão aumenta. O conflito que inicialmente envolvia apenas os três, minutos depois já havia incorporado alguns amigos do vizinho. A tensão já estava presente e o “desenrolo”<sup>32</sup> foi apresentado como caminho imediato. Cláudio conta que tentou chamar Rodolfo – que era “quem morava lá” – para acompanhá-los no desenrolo, mas que foi impedido pelo vizinho e seus amigos.

Cláudio conta que assim que chegaram na “boca” a questão foi apresentada – pelo vizinho – como “pederastia na rua”. Segundo ele, após o vizinho apresentar a sua versão, um dos traficantes teria perguntado se ele era gay, se estava transando. Cláudio teria respondido negativamente todas essas questões, dizendo que ia dormir na casa de um amigo que morava lá. Ante as suas refutações, iniciaram um novo inquérito com Guilherme. Ao contrário de Cláudio, Guilherme respondeu que ele era gay e que eles tinham transado. Quando perguntado disse que morava em Nova Iguaçu. Cláudio conta que eles foram separados, tendo ficado cada um em lado da rua, na calçada. Nesse momento, um dos traficantes que havia ficado ao lado do Cláudio, ameaçou dizendo que com ele (Cláudio) não poderia fazer nada, pois era “cria”<sup>33</sup>, mas que com “ele” (Guilherme)...

---

<sup>30</sup> Na primeira vez em que ouvi essa narrativa, um dos rapazes afirmou que “uma crente denunciou” os dois “na boca”. Perguntei ao Cláudio se isso era verdade. Ele disse que não. É interessante a eleição dessa personagem como motivo de brincadeira, pois chama atenção para o papel que estas mulheres desempenham no imaginário social dos mesmos. Como argumenta Leite (2008) com relação ao desenrolo e à própria possibilidade de ação coletiva nas favelas, essas mulheres parecem possuir um papel especial, mais legítimo em termos de posses de valores morais positivados (ou, mesmo, não questionáveis).

<sup>31</sup> “Se adiantar” – assim como “meter o pé” – significa andar rápido, logo, sair de onde está. Nesse caso, o vizinho mandava ele ir embora, sair dali.

<sup>32</sup> “Desenrolo” ou “desenrolar” são categorias êmicas empregadas para se referir ao desenvolvimento de uma diálogo onde os sujeitos envolvidos tratam de determinado assunto para, de algum modo, apresentar uma solução. Desenrolo não é utilizado apenas na interação com traficantes ou em dinâmicas que envolvem alguma violência ou tensões dessa natureza. Muito comum é dizer que “fulano” desenrolou com “beltrano” e eles ficaram a noite ou que alguém conseguiu um desconto em algum produto/serviço após desenrolar com o prestador/vendedor do mesmo.

<sup>33</sup> “Cria” é outra categoria nativa para se referir a quem é próprio, oriundo, nascido em determinada favela. O uso dessa expressão, nos artigos incluídos na coletânea organizada por Machado da Silva (2008), ressalta como uma reelaboração que moradores produzem a respeito dos traficantes na tentativa de ‘humanizá-los’. Essa noção

Nesse momento, um ‘traficante influente’ na Nova Holanda, Otávio, passava próximo de onde estavam. Cláudio pediu para que ele fosse chamado – dizendo que eles moravam na mesma rua<sup>34</sup>. No mesmo momento, um rapaz, vinculado ao tráfico do Parque União, Rogério, passava no local. Cláudio teria solicitado que esse também fosse chamado, já que tinham estudado juntos. Rogério, ao contrário de Otávio, parece ter tido um papel importante. Cláudio conta que pensou que estava correndo risco de morte. Considera a defesa de Rogério a razão pela manutenção de sua vida e, de certo modo, o fato de não ter sido apanhado como seu namorado<sup>35</sup>. Segundo disse, Rogério intercedeu dizendo que Cláudio era seu conhecido, que era “cria” da favela e que o mesmo já o tinha salvado de muitas situações; assim como Cláudio, Rogério informou que tinham estudado juntos<sup>36</sup>. Antes disso, porém, Rogério teria orientado Cláudio que dissesse que não era gay e que não eram namorados. Contudo, Guilherme já havia dito o contrário.

Durante essa discussão outra pessoa desempenhou um forte papel no conflito: Rafael, também traficante na Nova Holanda. Este teria atuado contra Cláudio e seu namorado naquele ‘julgamento’, tinha interesse em “ferrá-los”<sup>37</sup>. Caminhando para o desfecho do evento, Cláudio conta que ele foi protegido – dada a intervenção de Rogério – e que Guilherme tomou uma surra. Vários dos traficantes, amigos do vizinho e o próprio “juntaram” no Guilherme. Ao Cláudio, teria sido reservada a especial atenção de um dos traficantes que “não queria deixar passar”. Segundo Cláudio, esse teria afirmado que queria, ao menos, dar “um soco no peito”. Cláudio conta que quando esse deu o soco, ele o recebeu com peito estufado e o

---

também é central quando contraposta ao traficante que não é cria, considerado, dado a ausência desse traço original, mais violento e menos compreensivo nas interações cotidianas com “os moradores”.

<sup>34</sup> A atuação desse ator não foi destacada nem quando a história foi narrada, nem nessa conversa mais formal.

<sup>35</sup> No relato mais sistemático, essa garantia de sua vida não foi enfatizada. Contudo, em todas as vezes que ouvi essa história isso foi enfatizado.

<sup>36</sup> Cláudio depois explica que haviam participado de um mesmo projeto voltado para a saúde do adolescente, o “Adolescentro”.

<sup>37</sup> Cláudio disse que ele já era conhecido como alguém que “não gosta” dos gays. Essa não teria sido a primeira vez que ele teria manifestado certa contrariedade com os mesmos. Cláudio conta, por exemplo, que ele já tentou retirar o presidente da Associação dos Moradores da Nova Holanda dessa função, em razão da orientação sexual do mesmo. Ao longo da pesquisa, ouvi diversos relatos da agressão e ameaças desse traficante contra gays e travestis. No meu processo de “ser afetado” em campo, aprendi a temê-lo. Sempre que alguém comentava que ele estava próximo, mantinha a minha cabeça abaixada ou direcionada para algum local que, com certeza, ele não estivesse. Apenas vi seu rosto, um homem jovem com seus vinte e poucos anos, quando foi noticiada a sua morte em uma operação da Polícia Civil na Nova Holanda. Evento que, segundo me relatou um morador gay da favela, foi comemorado por ele e algumas travestis.

encarado, olhando nos olhos, sério. Segundo ele, o soco o atingiu com grande força, mas se manteve com aquela postura, pois “ele (o traficante) queria” que Cláudio mostrasse fragilidade. Ante a sua reação, Cláudio conta que esse “cara da boca” comentou com seus pares que ele era “abusado” pela reação que teve. Após todos esses momentos, os rapazes foram liberados, mas, para tanto, tiveram que passar antes por um “corredor polonês”<sup>38</sup>.

Cláudio conta que foi com Guilherme até o ponto de ônibus em Ramos, onde este pegou um ônibus em direção à sua casa. Em seguida, enquanto chorava, conta Cláudio, Guilherme o teria perguntado se as feridas estavam doendo. Cláudio respondeu que não, mas que chorava porque era um “absurdo” o que havia acontecido com eles. Segundo ele, tudo não teria acontecido pelo fato deles terem transado ou não, mas por serem gays. Afirmou que se fossem heterossexuais e se estivessem trepando “no meio de todo mundo”, isso não teria ocorrido. É interessante que Fabiana, nesse momento, corta Cláudio e argumenta que no caso de duas mulheres poderia ter ocorrido não uma surra, mas o estupro das mesmas. No tom em que fez esse comentário, parecia acreditar que há uma resistência maior à homossexualidade feminina que à masculina<sup>39</sup>.

A narrativa termina com Cláudio indo à unidade de atendimento hospitalar acompanhado pelo seu ex-namorado, Tiago, moto-taxista e também morador da Nova Holanda. Um aspecto da conversa estabelecida entre eles, na porta da unidade hospitalar, é interessante. Cláudio disse que Tiago recomendou que ele se reservasse mais, fosse “mais discreto”. Ele contou que dias após o ocorrido pensou que Tiago tinha razão. Que talvez fosse melhor “fingir que não era gay”. Fabiana cortou Cláudio dizendo que Tiago não era “discreto”, mas “mentiroso”. Isto porque, segundo ela, e depois concordado por Cláudio, ele

---

<sup>38</sup> “Corredor polonês” é uma disposição de espaço onde um grupo é dividido em dois, ficando um de cada lado, tendo um espaço entre os grupos. Essa organização configurará um corredor, cujo sentido é materializado na passagem por um sujeito (ou mais) nesse corredor, recebendo golpes (chutes, socos, xingamentos etc.) enquanto passa pelo mesmo.

<sup>39</sup> Ângela contou – em sua entrevista – que tinha ficado sabendo de uma favela – que não lembra onde fica e nem o nome – onde isso ocorreria. É importante, contudo, destacar que não tive acesso a nenhuma história parecida no caso da Maré. Fabiana que, após algumas latinhas de cerveja, falou de um momento onde “era proibido ser sapatão na favela” ao se referir a uma mulher que, segundo ela, tinha “deixado de ser” nesse período, não soube dar mais informações sobre esse período depois que foi inquirida novamente.

não é discreto, pois quando “sai com uma mulher mostra pra favela toda”. Ele é, para ela, “mentiroso”, pois gosta de fingir que não é gay<sup>40</sup>.

### 1.3. *Sobre uma sociabilidade específica na/da favela.*

O caso narrado por Cláudio fornece elementos para um diálogo com a literatura que observa a existência de um tipo de sociabilidade que se manifesta “mais direta e profundamente” em favelas e outras “áreas desfavorecidas”: a *sociabilidade violenta*. Machado da Silva (2008) e os demais integrantes do seu grupo de pesquisa partem dessa noção para tratar de diferentes modalidades, das diversas possibilidades de interação, de relação, em espaços onde a violência física – “real ou esperada” –, atua como estruturador das relações sociais. Trata-se de “uma ordem social que submete os moradores” e que atua de modo englobante, dominando as diferentes esferas da vida social. Sob esse modo de gestão do cotidiano, as relações sociais, mediadas pela força, pendem à satisfação daqueles que são mais fortes e que podem, a partir desse capital, atuar sobre os demais – todos aqueles que se colocam ou mesmo se colocaria contra as suas vontades. Machado da Silva (2008, p. 21) revela:

“Na “sociabilidade violenta”, as ações são coordenadas quase exclusivamente por referências a escalas de força física (e as suas extensões: armas etc.). Os atores não compartilham valores comuns que poderiam regular o uso de violência na realização de seus desejos, limitando-a, assim, à condição de um meio entre outros para a obtenção de fins. A (quase) única consideração dos atores da “sociabilidade violenta” é a capacidade de resistência do que (outros seres humanos ou coisas) estiver impedindo a realização de seus desejos imediatos. Na “sociabilidade violenta” quem tem mais força usa os outros, assim como artefatos (armas etc.), para impor sua vontade, sem considerar princípios éticos, deveres morais, afetos etc”.

Aqui é importante marcar uma certa discordância que tenho com relação ao trecho citado acima. Ao contrário do que defende Machado da Silva – e acredito que o próprio apelo de Cláudio ao seu amigo, a adesão do mesmo a uma defesa do Cláudio e próprio desfecho do evento –, não acredito que os agentes da violência armada e do tráfico de drogas nas favelas se comportam “sem considerar princípios éticos, deveres morais, afetos”.

---

<sup>40</sup> Estes dois últimos parágrafos apenas apareceram nessa situação mais formal onde solicitei o relato do evento.

Em síntese, o episódio descrito por Cláudio refere-se à execução de um certo tribunal, de um inquérito, ou melhor, nos termos nativos, de um “desenrolo”, onde a imposição da força física, o repertório caro à sociabilidade violenta esteve presente desde o início. Inicialmente uma tensão entre dois sujeitos (Cláudio e vizinho), logo se reconheceu como um dispositivo possível, mesmo, natural, levar a pendência, a sua resolução, à intervenção/mediação dos traficantes. Aqui já emerge o reconhecimento daqueles agentes como os reguladores privilegiados, ou mesmo, a crença de que este é o fórum correto para resolver ‘problemas internos à favela’.

Em outro trecho Machado da Silva (2008, p. 23) defende:

“Quase todos os assuntos tratados pelos moradores sofrem a interferência da “sociabilidade violenta”, sejam os que envolvem a submissão direta imposta pelos traficantes ou as atividades da polícia (repressão legal ou não, corrupção, omissão etc.), sejam os assuntos da vida cotidiana que aparentemente não dizem respeito a estas esferas de atividade. O receio, por sinal justificado, de infringir de alguma forma o domínio dos traficantes provoca alta dose de medo e desconfiança entre os moradores”.

Ao descrever a cena, Cláudio parece enfatizar uma ‘atitude comum’ contrária ao que considera o motivo da denúncia a que foi alvo. Em seu retrato, é clara uma adesão de todos – ou quase todos – a uma rejeição da homossexualidade – sendo necessário, como se indica na narrativa, a intervenção de pessoas inicialmente externas a cena a pedido do próprio. Nesse caso, o que se narra é a ocorrência de uma negociação entre os traficantes a respeito do que irá se concluir daquele enredo.

Ainda que não tenha dados suficientes sobre o evento e nem sobre os modos de decisão dos grupos envolvidos com o tráfico, e também não saiba se esta é uma característica das decisões que envolvem temas não diretamente relacionados à ação armada e ao comércio de drogas – como (inter)ditos à homossexualidade –, pode ser interessante tomar o exemplo para chamar atenção a uma certa heterogeneidade nas definições, na tomada de decisões, desses grupos reconhecidos a partir da violência armada e do narcotráfico. Mesmo que a grande maioria, ao que parece, fosse contrária<sup>41</sup>, duas vozes dissonantes foram ouvidas para a

---

<sup>41</sup> O próprio recurso ao desenrolo da parte do vizinho – e as tentativas de Cláudio de evitar o mesmo – revelam uma certa expectativa comum sobre o desfecho/sentença que seria dada.

definição do caso. Lembro de uma conversa com outro interlocutor que, ao falar das possibilidades de exercício da homossexualidade em uma das favelas que compõe a Maré, ressaltou que o chefe local era um “cara mais próximo”, mas que a definição dessas coisas não dependia só do gerente<sup>42</sup>, por isso a situação não seria “melhor”. Quando pedi para explicar melhor, ele me informou que não é só o gerente quem manda, que ele não pode tomar uma decisão que não esteja de acordo com os demais, mas que elas devem ser negociadas, definidas com seus pares. Comparou – “como se fosse” – com uma organização hierárquica composta por diretores, onde um deles assume um papel de coordenador, mas que as decisões são tomadas em grande medida de modo coletivo, pela diretoria.

Retornando à cena, observa-se que as duas vozes dissonantes são produzidas a partir de um contexto específico: algum tipo/grau de proximidade, vinculação, com Cláudio. Como argumenta Fridman (2008, p. 84), “todo mundo conhece alguém do tráfico”, sendo, deste modo, a convivência com seus agentes, em alguma medida, inevitável. Esse elemento será, conforme destaca ele e demais autores do livro, o mote para a identificação, para a consideração dessa população como conivente com o tráfico – que compartilha o mesmo território com eles. Essa “contigüidade territorial” exigirá dos moradores duas estratégias distintas: uma que busca se diferenciar, se distanciar, produzir uma “limpeza moral” e a outra que pretende garantir algum tipo de elo, de proximidade.

“Meu argumento é que o que se apresenta como “ambigüidade” derivada da proximidade social e moral integra uma forma de atuação discursiva e prática que preserva os potenciais recursos de diminuição dos danos associados às situações de perigo que estamos analisando. O primeiro conjunto deles é defensivo e envolve a não-confrontação dos criminosos, até mesmo evitando o máximo possível dos encontros. A maioria dos relatos dos moradores enfatiza que esse tipo de recurso é acompanhado pelo estabelecimento de fronteiras simbólicas em relação aos criminosos. (...) O segundo conjunto de recursos é ativo, no sentido de que envolve a preservação da possibilidade de contatos com os agentes do crime violento, revelando ao mesmo tempo a fragilidade inerente ao primeiro face à inapelável proximidade com os traficantes. Nesses eventuais encontros, apresentam-se na condição de moradores da “comunidade” que, compartilhada no passado e se não rompida no presente, pode até mesmo facilitar eventuais conversas (“desenrolos”) com os traficantes, às vezes suscitadas pelos próprios moradores”. (2008, p. 130-131).

---

<sup>42</sup> Gerente é o sujeito responsável pela administração do comércio de drogas em determinada favela. Muitas vezes o gerente e o dono é uma única pessoa, sendo o uso das duas categorias dois modos de dizer a mesma coisa. Contudo, em diversas outras, sobretudo, quando o “dono” está impossibilitado de estar na favela – seja por estar preso ou escondido em outro local – o gerente é responsável por gerir “os negócios” locais, mas sempre subordinado às definições do dono.

O argumento de Leite (2008) é pertinente à reflexão aqui apresentada. Cláudio, nas conversas estabelecidas, não destoa dessa procura de se distanciar, de se diferenciar dos agentes de crime violento. Contudo, como é possível ver em seu relato, em uma situação mais dramática, onde as relações de força parecem se desenhar de modo violento contra ele, recorre à sua relação com um daqueles agentes (e aos vínculos, pertencimentos anteriores) para se credenciar, adquirir certo capital social, naquela relação onde sua posição era desfavorável<sup>43</sup> – naquele momento não apenas pela correlação de forças que se apresentava contra ele e seu namorado, mas também por sua identificação como “viado”.

É interessante perceber a – evidente – difusão desses valores reconhecidos como algo que garante/confere determinado capital extra. Nos diferentes capítulos de “Vida sob cerco”, há uma ênfase nessas referências a partir dos moradores em direção ao tráfico. Contudo, Rogério irá operar com esse mesmo mapa de significados, recorrendo também a noção de “cria” – enfatizado no artigo como um meio de “(re) moralização” dos agentes do crime violento por parte dos moradores –, para (re) qualificar Cláudio naquela interação<sup>44</sup>.

Sob este aspecto, é interessante retomar um trecho do artigo de Leite (2008, p. 128) sobre as possibilidades de ação dos sujeitos sob a atuação da sociabilidade violenta e, deste modo, observar a colonização das formas estatais e a produção de outras formas de regulação a partir das margens:

“Minha interpretação é que a elaboração de formas de lidar com os integrantes dos bandos de traficantes sediados nas favelas desenvolve-se a partir do reconhecimento por parte dos moradores de sua inserção em uma ordem factual que é caracterizada, de um lado, pela contigüidade com o crime violento no território e pelas diversas situações em que sua presença e atuação alteram as suas rotinas cotidianas e afetam seus familiares, amigos, vizinhos. De outro, pelo acesso precário dos moradores de favela aos bens de cidadania e às instituições e serviços públicos, que lhe dificulta recorrer a alternativas institucionais para se contrapor ao risco e à violência, tentando minorá-los ou enfrentá-los em seu cotidiano”.

Desse modo, os moradores de favelas teriam a sua existência regulada por, nos termos de Fridman (2008, p. 81), uma “superposição de vulnerabilidades”. Além da existência de uma série de desigualdades oriundas da sobreposição das “desigualdades de classe” ao

---

<sup>43</sup> Esse aspecto é interessante, pois é revelador dos limites colocados à tentativa de “limpeza moral” por parte dos moradores.

<sup>44</sup> Dessa vez opera-se em sentido oposto. O morador, agora reconhecido como “cria”, desempenha outro papel ante a sua interação com os agentes do crime violento.

território, estes são alvos de diversos estigmas forjados a partir da crença de que os favelados apóiam/são coniventes com tráfico e, ainda, têm a sua existência regulada, administrada pela sociabilidade violenta. Como vimos na citação de Leite, o estado, tal como apresentado a essa margem, não parece ser um ente possível, a ser recorrido por essa população em diversas situações<sup>45</sup>. O que lhes resta é, portanto, a invenção de um conjunto de ações que possibilite conviver com o “medo” e a “desconfiança”, destacados na referência acima de Machado da Silva, tentando conferir certa estabilidade à instabilidade que caracterizaria o comando do tráfico. Os moradores, sem poderem recorrer a estado e nem ao resto da sociedade, atuam o tempo todo fazendo cálculos na tentativa de minorar o “risco” constante a que estão submetidos.

#### **1.4. *Regulação, autocontrole e negociações.***

Aqui é interessante tomar o último aspecto da narrativa que foi seu diálogo com Tiago, seu ex-namorado. Como discutido por diversos autores, a atuação dos agentes do crime violento se caracteriza pela grande imprevisibilidade e violência dos seus atos. A partir disto, como indicam, os atores se conduzem a partir de um constante cálculo na tentativa de passar despercebido, de não provocar reações violentas daqueles agentes, de produzirem certa estabilidade/garantias à sua “segurança ontológica”. O conselho dado por Tiago ao Cláudio, impulsionado pelo evento narrado, parece operar a partir desse mapa de significados da ‘evitação’ – que, destaco, no cotidiano da favela não é exclusivo de quem é desviante com relação à performance de gênero ou orientação/prática sexual não-heterossexual.

Ao sugerir que Cláudio “fingisse” que não “é” gay, Tiago recomendava que ele não desse “pinta”, que não apresentasse signos que permitissem identificá-lo como tal. O que se vê, portanto, não é o reconhecimento do (suposto) ato sexual como um problema, mas a

---

<sup>45</sup> Mattos (2009), por exemplo, faz uma interessante interpretação sobre os impasses e questionamentos vividos por sua informante quando vítima de violência doméstica. Segundo relata, essa informante foi à “boca de fumo” para saber se poderia/deveria recorrer à polícia, pois não sabia se este gesto poderia “atrapalhar” as atividades do tráfico. Nesse caso, seu conflito doméstico foi ‘solucionado’ pelos traficantes, não tendo recorrido à intervenção policial. Outro exemplo é a crítica que Gilmar faz a eleição da demanda pela aprovação do PLC 122/2006 – que criminaliza a homofobia – como prioridade do movimento gay, pois naquele território a existência dessa lei não faria diferença. Se vítimas de homofobia no espaço da favela, a população LGBT ali residente não poderia recorrer a essa lei para proteger-se. Esses parecem ser alguns dos desafios à judicialização de direitos nesses territórios marginais.

necessidade de produzir uma disciplina sobre o corpo, conduzindo a uma certa regulação de uma performance desviante. Sob égide desse risco invisível e imprevisível, mas ao mesmo tempo constante, os sujeitos deveriam se precaver, elaborar uma performance de si que não produzisse (ou que, ao menos, reduzisse a possibilidade de) conflitos.

Em diferentes situações em campo essa tentativa de “autocontrole” se fazia notar: redução do tom da voz e imposição da mesma na conversa que mantínhamos, controle/evitação de piadas e brincadeiras enquanto passávamos em frente a boca etc.. Lembro de um dia que eu e Cláudio caminhávamos de braços dados, cruzados, conversando. Conosco estavam Augusto e Pedro. Já era início da madrugada, tínhamos ido comprar sanduíches e estávamos indo para um pagode. Além do horário, por ser quinta-feira (um dia da semana) e ter chovido no início da noite a rua estava praticamente deserta. Seguíamos numa rua e ao dobrarmos a esquina, na direção que faríamos, encontraríamos mais à frente uma das bocas. Assim que nos aproximamos do cruzamento, Cláudio sugeriu que a gente seguisse outro caminho – que tiraria a boca do nosso caminho, mas que seria mais longo, daríamos uma volta para fazer o mesmo caminho –, mas todos recusamos, pois o nosso percurso ficaria mais longo. Assim que viramos a esquina na direção do caminho de sempre, o mais curto – o que nos faria passar pela boca –, Cláudio interrompe nosso abraço, afasta um pouco seu corpo, inviabilizando que eu permanecesse abraçando as suas costas, e anda com a mão apoiada no meu ombro. Continuamos todos andando e conversando em duplas. Pouco após passarmos da boca, Cláudio se reaproxima, coloca seus braços e minhas costas e voltamos a andar como antes na direção do pagode.

No momento em que ocorreu não achei conveniente perguntar ao Cláudio se a relação que estabeleço aqui é pertinente – o tempo passou e a questão não foi feita. Contudo, em razão das experiências que mantive ao longo do tempo com essa rede e outros LGBT da favela, verifiquei algumas técnicas de evitação como essa. Em entrevista, Pedro revelou:

*Mas agora indo para o espaço da favela... tem diferença uma bicha da favela e um hétero da favela na sua vivência na favela?*

*Como assim?*

*Não sei, existe alguma diferença?*

*Ah, viado é viado...*

*O que que isso quer dizer?*

Viado quer sempre dar aquela pintinha, né? Marcar presença...

*E como é fazer isso na favela? Dá problemas?*

Não... tipo assim, onde eu moro, nunca vi... Aqui na Nova Holanda também nunca vi. A não ser que a bicha seja abusada, é diferente...

*O que seria... ?*

Ah, mexer com os outros, arrumar confusão. Só vi aquele episódio lamentável, do Natal do Cláudio...

*Você sabe de outras histórias?*

Não, não... Assim, a bicha quieta não. Só de arrumar a confusão (...).

*Mas existe uma certa tensão, alguma preocupação... ?*

Existe. Às vezes eu fico meio cauteloso...

*Como é que essa cautela?*

De não dar tanta pinta, de não, é... De não, de não dar tanta pinta, né!! Perto assim, de bandido, que eu não sei. Não dar, também, muita confiança pra eles, pra não dar brecha, não ficar falando...

*Mas cauteloso por que, Pedro? O que eles podem fazer?*

Não é nem o que eles podem fazer. É com medo do que eles podem fazer. Sei lá, podem querer bater, implicar, querer expulsar... fazer tipo coisas que poderia ser, assim...

*É... aí o meio que você falou de ter cautela é evitar de dar tanta pinta?*

É... quando tá perto, assim... Não sei, porque aqui eu passo rebolando pra tudo quanto é quanto, que é uma coisa inevitável de eu não fazer.

*Aqui na Nova Holanda?*

É... Não, aqui ou lá [Fogo Cruzado], quando é favela assim... é uma coisa que eu não consigo deixar, rebolar... mas, assim, de uma forma de não ser tão gritante, entendeu, dar tanta pinta...

Pedro, nesse relato, apresenta não apenas a sua percepção de um “risco” a qual estaria submetido, mas indica também o modo como opera diante dessa vulnerabilidade. Ao indicar que fica “cauteloso”, revela que sua antecipação será manifestada através de uma apresentação de si que ele considera mais adequada para reduzir a sua vulnerabilidade, o risco de receber alguma punição. É interessante que o próprio Pedro apresenta dois lados dessa experiência: ele se esforça por produzir uma performance “menos pintosa”, mas andar rebolando “é inevitável” – ou seja, seu êxito é muito pequeno ou nulo na construção dessa apresentação de si menos feminina; e, por outro lado, seu temor, em alguma medida, não encontra eco em termos de experiências efetivas, em casos que ocorrem no cotidiano, mas simplesmente, ou, sobretudo, em termos subjetivos. Afinal, ele revela nunca ter visto nada e nem ter conhecimento de outras histórias de violência ocorrida da favela – além da vivida por Cláudio.

É evidente que as pessoas não vivenciam de um único modo e nem do mesmo jeito essa gestão do risco. Dois relatos de campo mostram um pouco das tensões entre dois jovens a respeito disso:

16 de Maio – Bar do Mário:

Quando cheguei no Mário, por volta das 22:30, estavam na mesa do bar Cláudio, Pedro, Augusto e Fernando. Conversávamos sobre diferentes coisas até que surgiu o assunto do Seu Clóvis, pai do Augusto, e a ‘homenagem’ que Augusto faria ao Seu Clóvis no aniversário do mesmo. Augusto

começou a brincar dizendo que ia catar para o seu pai a música “Como é grande o meu amor por você”. Contudo, ele não disse apenas isso, mas também performou um jeito de cantar muito engraçado, gesticulando muito. Ele dizia “Como é grande... mas é grande, é grande mesmo... Ah, mas é enorme, é grande demais!” etc.. Enquanto cantarolava, fazia gestos enfáticos com a mão, balançava o braço, levantava os mesmos, sacudia e cantava alto... Pedro, como sempre, acompanhou Augusto e repetia... “Como é grande e eu adoro... É delícia!”. Eu ria sem parar. Me divertia com a brincadeira. Enquanto Pedro, Augusto e eu nos divertíamos com a zoeira, Fernando e Cláudio estavam sérios. Achei estranho, mas como eles estavam conversando separados, poderia ser que fosse o assunto do papo deles. Logo que saímos do Mário para o pagode aqui da Teixeira, Cláudio e Fernando vieram falar que não era pra eu ficar brincando daquele jeito – mesmo eu só tendo ficado rindo –, pois um bandido “muito influente” que “não gosta de viado” estava atrás de mim, Augusto e Pedro no bar. Na hora, fazendo piadinha, indaguei Fernando e Cláudio: “Mas o outro já não morreu?” – fazendo referência ao Rafael, bandido já citado anteriormente pela fama de não gostar de LGBTs. “Ele morreu, mas tem outro” e “ele não era só” foram as respostas que obtive. O assunto morreu e depois perguntei ao Cláudio como sabia do cara. Ele contou que foi Fernando<sup>46</sup> que disse. Seguindo mais à noite, Augusto veio reclamar – em tom de brincadeira, mas senti que falava um pouco sério também – comigo sobre o comentário de Cláudio: “Bicha, o outro foi reclamar da gente! Agora você vê! Eu não vou parar, não”. E riu.

Mais tarde, o pagode já estava quase acabando, eu, Augusto e Cláudio sentamos na esquina próxima a minha casa para conversar um pouco mais. Enquanto conversávamos e ríamos alto – como sempre – alguém jogou em nossa direção uma amêndoa. Quase me acertou. Cláudio perguntou se tacaram alguma coisa na gente. Eu disse que achava que sim. Na hora, impondo a sua voz, portanto, fazendo com que a mesma saísse mais grossa que o habitual, ele gritou: “O que que houve?”. Augusto, em seu tom normal, gritou “Ahhhh, que abusooo!”. Ninguém falou nada. Perto de nós, na direção de onde veio a amêndoa, havia um grupo de cinco homens jovens, por volta dos vinte e três anos, que conversavam em pé. Nenhum evento novo aconteceu, continuamos a nossa conversa.

Interessante foi a hora de ir embora. A única pessoa que passaria pela esquina onde aqueles rapazes estavam era Augusto. Despedimo-nos e Cláudio seguiu pra sua casa. Augusto puxou assunto comigo, parecia não querer ficar só. Não tenho certeza, mas fiquei com essa impressão. Quando dei um tchau mais decisivo, ele me deu tchau e brincou: “Amigo, foi bom te conhecer. Vou passar ali nos boys, não sei se sobrevivo”. Ri e falei: “Qualquer coisa grita, beijo”.

22 de julho – Eu, Augusto e Cláudio fomos comprar um hambúrguer. No meio do caminho, quase em frente a boca da Teixeira com a Principal, encontramos com Fernando. Fernando comentou que Aline estava procurando Augusto. Augusto passou um rádio pra Aline e ficamos esperando ela aparecer. Quando Aline apareceu, Augusto começou a gritar de longe com ela, brincando... Fernando, num tom sério, repreendeu Augusto: “Não faz isso. Fica dando pinta aqui em frente a boca”. Augusto apenas respondeu: “Ah, viado, se manca!”.

Os dois eventos narrados anteriormente trazem como protagonistas os mesmos atores com seus respectivos textos. Fernando conduz-se na tentativa de evitar conflitos, ao passo que a contenção de determinados gestos/comportamentos para esse fim não parece ser muito valorizada por Augusto. Uma interpretação possível decorre da própria relação que estabelecem com a favela e o papel que acreditam desempenhar em seu cotidiano.

Fernando produz uma certa rejeição da favela e, em alguma medida, uma negação da mesma. Não circula muito, sua frequência em festas, pagodes etc. é menor que a dos demais,

<sup>46</sup> Fernando é namorado de um líder comunitário. Muitas informações que essa rede e eu tivemos acesso sobre o tráfico foram contadas por Fernando.

produz uma série de comentários e práticas que visa identificar seu gosto – e, portanto, a si mesmo – com valores, preferências, estéticas não associadas a favela e aos favelados. Evitar algum tipo de ‘problema’ é também uma estratégia de não contaminação. Além disso, o fato de ser o namorado de uma liderança comunitária pode exigir dele – ou ele exigir de si – uma trajetória que o distancie de problemas e confusões na favela. Por outro lado, Augusto circula bastante na favela e, poucas vezes, em festas, bailes e em bares não vi fazendo uma brincadeira ou dançando sem fazer referência a gestos considerados próprios às mulheres. É característico de sua apresentação de si não apenas os gestos considerados femininos, mas a sua apresentação em um tom teatral e jocoso para seus pares, o que também garantiria a ele olhares de outras pessoas presentes nos locais. Em diversas situações, Augusto parecia querer chamar essa atenção especial, pretendia “causar”, “afrontar”<sup>47</sup>.

Acima tratei de algumas estratégias de evitação que passam pela tentativa de uma performance menos feminina no caso dos rapazes. Ângela, contudo, indica outras possibilidades de agir com outros interditos na favela. Segue um trecho da entrevista onde, entre outros relatos, comentamos um evento que presenciamos:

*Existe alguma coisa específica que um gay, lésbica da favela tem que fazer pra viver na favela? Algum tipo de cuidado especial... não...*

Cuidado especial...

*É... não é cuidado especial. É, enfim... Fazer uma coisa diferente, tomar cuidado com alguma coisa...*

Bem, eu não faço nada, não.

*Bem... pode dar pinta em qualquer lugar? Sei lá...*

Não, não pode dar pinta em qualquer lugar.

*Porque que não pode?*

Até mesmo por causa dos caras, né. Porque às vezes eles não gostam e aí acabam fazendo maldade com as pessoas.

*Que tipo de maldades eles costumam fazer?*

Eles batem. Como é, nessas situações, como aconteceu com meu amigo, pediram para o garoto se jogar no valão, desse tipo... Às vezes eles querem até que faça oral neles.

*Ah, também já teve isso...*

Já.

(...)

*Você falou das diferenças, sobre andar na favela. Aí você falou da pinta... E fazer carinho? Beijar, beijar na boca... ?*

Na favela?

<sup>47</sup> “Afrontar” ou “causar” é um determinado tipo de comportamento que, como me disse uma vez Pedro, trata-se de um jeito de “bater de frente de modo debochado”. É dizer algo, gesticular, vestir-se de um modo, enfim, comunicar-se fazendo referência, performando, algo que não é considerado próprio ao masculino (no caso dos homens) ou ao feminino (no caso das mulheres), em um espaço cuja maior parte do público não é de LGBTs. Nesse caso, afrontar ou causar está diretamente relacionado a contestação, transgressão de uma norma (ou da expectativa de uma) que não seja ‘inclusiva’ a LGBTs no espaço onde ocorre. Contudo, outro uso comum, é utilizar o termo em substituição a “provocar”, “desafiar”. Muitas vezes ouvi: “Aquela bicha me afrontou”, “Eu vou causar com ela” etc..

*É. Duas bichas se beijando... dá problema?*  
 Eu nunca vi não. Eu nunca vi duas bichas se beijando.  
*Mas não é estranho? Já que tem tanta bicha?*  
 Se é estranho... ?  
*É... normalmente as bichas se beijariam... não?*  
 É, eu nunca vi, não. Eu já beijei, mas não aconteceu nada comigo, não.  
*Onde isso?*  
 Na principal... Eu tava vindo andando e beijei. Na Teixeira já beijei...  
*E nunca aconteceu nada?*  
 Não, Graças a Deus! Agora dois meninos assim eu nunca vi não. Pois é... tem que saber os lugares que você vai beijar, para garantir que não tenha ninguém que vai te prejudicar.  
*Lembrei agora da festa da Vanessa... os meninos foram para o cantinho escuro...*  
 É.  
*Porque tem essa coisa das precauções, das cautelas, né, para evitar...*  
 Pois é... tem que saber os lugares que você vai beijar pra ninguém te prejudicar...  
*Tipo o que?*  
 Eles foram paro bequinho que tava escuro, ali não tinha problema, não tinha perigo. Até porque os caras ficam nas ruas principais... então é mais tranqüilo.  
*E como é que é no baile? As bichas... enfim, como é que é no baile?*  
 Ah, no baile... As bichas vão pro baile, dançam, dançam, dançam... dão pinta... Às vezes até saem com alguém. Chamam e aí saem com alguém já no baile.  
*Mas saem no meio do baile?*  
 Não, não... Vão pra algum lugar...  
*Algum bequinho?*  
 É...<sup>48</sup>

O não-entendimento da questão no início desse trecho da entrevista, para além das próprias dificuldades pelo modo como a questão foi formulada, pode ser revelador de dois outros aspectos. Ao não reconhecer que um certo ‘controle da pinta’ seria um cuidado especial, Ângela pode, de tão naturalizado que é esse comportamento, não refletir, reconhecê-lo como algo extraordinário, algo que se aciona em determinadas situações e não em outras; por outro lado, também pode ser representativo do seu oposto, dado que esse controle é presente em seu cotidiano extra e intra-favela, que não faz sentido considerá-lo como um ‘cuidado especial’ a ser adotado na favela. Eu considero que as duas respostas não se eliminam e, portanto, orientam a (não) percepção de Ângela.

Outro elemento interessante nesse recorte da entrevista de Ângela é uma aparente contradição na sua fala. Ao mesmo tempo em que indica os becos como lugares onde é “mais

<sup>48</sup> Certa vez estávamos (Cláudia, André, Rafael, Leonardo, Aécio e eu) sentados no Bar do Seu Bastos. Logo após Leandro contar da última vez que tinha ido à “Praia” – trata-se de um trecho de praia, na Ilha do Fundão, bastante conhecido entre gays e travestis da Maré por ser um lugar, como disse Lucas em sua entrevista, “legal pra pegação” – perguntei se ali tem ou já teve um local pra pegação. Já tinha o relato de outro interlocutor sobre um posto de gasolina abandonado na Av. Brasil, mas queria saber se haviam outras possibilidades. André comentou de pedaços da Rua Flávia Farnese e Rafael, Leonardo e Cláudia citaram o prédio do antigo Mc Donalds na Av. Brasil. André e Rafael, rindo e provocando risos em todos, lembraram do caso de alguns rapazes que conheceram no baile da Teixeira e que, em seguida, “levaram” para o Mc Donalds. Alguns desses lugares são indicados no mapa que segue como anexo dessa dissertação.

tranquilo”, pois os “caras ficam nas ruas principais”, ela revela já ter beijado na Teixeira e na Principal, as duas principais e mais movimentadas ruas da favela. É interessante que mesmo sabendo “os lugares que você vai beijar, pra garantir que não tenha ninguém que vai te prejudicar”, revelando uma certa gramática de antecipação dos riscos, Ângela descumpriria/ignoraria a mesma.

Acredito que aqui o prejudicar deve ser ampliado para além das dinâmicas de convivência com o tráfico de drogas. A opção pelo beco é feita muitas vezes considerando a ocultação de informações a respeito das interações eróticas e afetivas. O receio de uma possível publicização das interações mantidas é considerado com relação à família, amigos e conhecidos, mas também como estratégias de manutenção dessas interações mantidas nos becos e outras que poderão ser mantidas lá ou ‘nas ruas iluminadas’. Ou seja, a discricção com relação a essas interações também pode ser motivada por diversas outras questões além da violência, desde a reserva com relação a uma moral familiar até a manutenção de mais de um relacionamento no mesmo período.

O que pude ver ao longo do período de trabalho de campo foi a convivência dessa aparente contradição presente na fala de Ângela. Ao mesmo tempo em que existiam falas e constante piadas sobre o risco de ‘alguma coisa acontecer’ e, conseqüentemente, o desenvolvimento de algumas técnicas de evitação que passam por uma tentativa de neutralizar sinais, de desenvolver uma certa discricção, não houve um pagode, baile ou festa que eu não presenciasse uma performance feminilizada de um bicha e, em diversas situações, masculinizada de uma sapa. Ainda pude presenciar muitos gestos de carinho, abraços apertados, carícias nos rostos, gestos de coração performados com a mão em direção de outra pessoa do mesmo sexo e, em diferentes situações, brincadeiras entre namorados/as de roubar um beijo rápido, trazendo um certo espírito de transgressão nesses atos.

Esses gestos que acompanhavam ‘um beijo roubado’, é preciso destacar, não eram performados somente quando estávamos na favela. Fabiana e Fernanda, por exemplo, em diversas situações e em diferentes lugares, produziam a mesma cena de um beijo que, em alguma medida, trazia alguma transgressão e, com isso, uma experiência singular, talvez mais forte e corajosa, do amor que pretendiam demonstrar que existia entre elas. Esse aspecto

remete ao que Foucault chamou de “benefício do locutor” ao tratar das razões que torna gratificante formular um discurso que aponta para uma crescente repressão da sexualidade.

Ele revela:

“Se o sexo é repimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura”. (Foucault, 1988, p. 12)

### 1.5. *O ‘caso’ do antropólogo com um caso.*

Essa íntima relação entre manifestação explícita de uma interação erótica não-heterossexual e um certo sentido de transgressão e perigo que a acompanharia também pode ser apreendida em um evento que ocorreu comigo.

A festa “Tapa na Peteca” é um evento bastante popular na favela. Já tinha ouvido falar dela muitas vezes, além de ver várias pessoas usando abadá<sup>49</sup> das edições anteriores. No dia da festa, ocorreu em um sábado, como queria ver o movimento de quem ia, fui na casa de Augusto convidá-lo para ir até a porta da escola, onde ocorreria a festa, comigo. A idéia era ficar na rua, do lado de fora. Ficamos um tempo na porta, na barraca do cunhado de Augusto, que vendia refrigerantes, energéticos e cervejas. Em determinado momento da noite decidimos entrar. O público, segundo Augusto e seu cunhado comentaram e muitas pessoas eu reconheci, era, em sua grande maioria, de moradores da Nova Holanda e do Parque União. Era composto, sobretudo, por adolescentes e jovens, tendo uma razão muito próxima entre homens e mulheres muito próxima. No pátio externo da escola, maior e menos iluminado, o som era funk; no pátio interno, uma área menor e melhor iluminada, havia uma “tenda de música eletrônica”. Augusto e eu circulávamos pelos dois pátios e íamos muito à rua, saindo e voltando para a escola. Ficávamos parados e depois continuávamos a nossa circulação. Em um dos momentos onde ficamos paramos na tenda da música eletrônica, troquei olhares com um rapaz que eu sabia que ‘saía’ com homens – já o tinha visto fora da favela anteriormente.

---

<sup>49</sup> Abadá é uma camisa que, em determinados tipos de festas e shows, é utilizada como meio para ingresso. O sujeito adquire um convite para participar de determinado evento e recebe uma dessas camisas. Costumam ser coloridas e trazem como informação o nome da festa, a edição, os patrocinadores, os realizadores e, em alguns casos, as atrações do mesmo. Em geral, o uso do abadá não se restringe ao evento, permanecendo como parte do vestuário dos sujeitos.

Os olhares se intensificaram e duravam mais tempo. Augusto e eu fomos dar mais uma volta. Quando voltamos à tenda, aquele rapaz – Diego – não estava mais. Pouco depois ele chega e se aproxima. Começa a dançar perto de nós. Os olhares se intensificam. Começamos a dançar próximos, um de frente para o outro. Imagino que nossa interação já chamava a atenção de todos nesse momento. Nos aproximamos mais e começamos a nos beijar. Eu não lembro da reação dos presentes, eu não observava mais isso. Ainda permanecemos um tempo nessa tenda “ficando”. Diego saiu da pista de dança para ir ao banheiro e Augusto me chamou pra ir à barraca do cunhado para comprar cerveja. Logo que saímos da escola e nos distanciamos do som alto possibilitando um diálogo com menos dificuldade, Augusto diz: “Você está maluco?! Está cheio de bandido lá dentro e você faz isso... Vamos ficar um tempo aqui fora, depois a gente volta...”. Eu apenas ri. Ficamos um tempo lá fora, entramos um pouquinho e depois fomos pra casa. Não encontramos mais o Diego naquele dia.

Na quarta-feira, isto é, três dias depois, fui na casa de Augusto para falar com ele. Ao responder o meu grito aparecendo na janela de sua casa, ele brincou “Já estava preocupado com a senhora. Achei que os caras tinham ido atrás de você depois do beijo gay na tapa”. Depois conversamos pouco sobre isso, pois com Augusto era difícil ditar o rumo da conversa. Ele apenas, mais uma vez, me chamou de “maluco”, porque “os caras poderiam ficar putos” e eu corria risco de “levar uns tiros”. Para mim essa história tinha morrido na semana que seguiu. O evento ainda rendeu alguns comentários na mesa de bar com Augusto e alguns dos seus amigos, contudo, não tanto pelo ‘beijo transgressor’, mas em razão de comentários que sempre eram feitos a respeito de ‘quem pegou quem’ e das avaliações estéticas e morais sobre que tinha sido pego por um dos membros desse grupo.

Passados cerca de dez meses após essa festa, Cláudia e eu conversávamos sobre uma nova festa que teria na mesma escola. Na hora que comentava com ela que pretendia ir, mas que eu não tinha gostado do espaço, pois tinha ido na “última Tapa que tinha rolado lá”, ela me cortou sorrindo e dizendo “eu sei... eu sei que você foi”. Intrigado com o sorriso perguntei: “porque que você está rindo?”. Ela disse que soube que eu “tinha ficado com o Diego”. “Como assim?”, eu questioneei. Ela explicou que André e Rafael estavam na festa e

que tinha contado não só pra ela, mas “pra todo mundo”, que a gente tinha ficado na “festa cheia de bandido”.

Por fim, esse evento também foi retomado por Augusto cerca de quinze dias após a minha conversa com Cláudia. Estava na rua quando recebi uma ligação de Augusto contando que tinha encontrado Diego em uma van. Com seu tom jocoso, disse que tinham conversado “sobre aquele beijo de vocês”. Diego teria dito que nunca tinha feito aquilo, “que foi a primeira vez que deu um beijo no meio de todo mundo”, ao passo que Augusto respondeu que tinha achado Diego e eu “muito militante”<sup>50</sup>. Já sem se referir ao diálogo com Diego, mas fazendo piada comigo, brincou afirmando ter dito que deveríamos “fazer mais” – “se beijar na Teixeira, na Principal, em frente a boca, assim, só pra ver as reações”.

O interessante das repercussões do evento não foi o fato do PV (eu) ter ficado com Diego, mas o PV e o Diego terem ficado em uma festa aberta, dentro da favela, cheia de traficantes e na frente de todos. O mais importante não é tanto os atores em cena, mas a ação empreendida e o cenário onde ocorreu. Ante ao risco sempre esperado e uma prática comum de antecipação, teríamos aumentando as nossas possibilidades de conflito e este não ocorreu.

Oliveira (2006) destaca que a despeito de sua indisposição em revelar aspectos de sua vida privada na interação com seus interlocutores, teve que fazê-lo como uma espécie de contra-dádiva na troca estabelecida com os mesmos. Em meu trabalho de campo, dada a proximidade e o tipo de relação estabelecida com determinados interlocutores, não conseguiria apenas ‘falar um pouco’ da minha vida. Acredito que a minha presença asexualizada, num ambiente onde falar e manter interações eróticas era tão presente, implicaria uma certa estranheza. Do mesmo modo, em determinando momento do campo, todos os meus finais de semana era passados com os meus interlocutores, implicando uma certa revelação dos meus interesses e práticas afetivo-sexuais. À confiança que eu pretendia estabelecer, dependia um certo rompimento, uma abertura de segredos com relação a algumas práticas e desejos, pois só assim eu poderia ser incluído naquela “sociedade secreta”. O fato desse interlocutor não ser parte da minha principal rede de interlocutores e nem ser muito

---

<sup>50</sup> Essa relação entre a manifestação pública de carinho e militância gay será discutida no próximo capítulo.

presente no cotidiano da favela, foram dois outros elementos que, considero, não geraram tanta influência (tanto facilitando como dificultando) (n)o trabalho de campo.

O objetivo de contar essa história não é confrontá-la com o medo vivenciado e revelado pelos interlocutores para negá-los, mas apontar para um caso específico onde o rompimento de determinado interdito revela, com as narrativas que suscita, um processo de reificação do mesmo. As falas que emergiram a partir do ocorrido indicavam os riscos e o potencial violento do tráfico, e não, por exemplo, as possibilidades de agir em suas margens ou mesmo negociar, produzir arranjos às mesmas.

Como já destaquei anteriormente, é preciso ressaltar que essas dinâmicas de antecipação do risco não são exclusivas aos não-heterossexuais moradores dessa favela. As reflexões de Farias (2008) – ao observar os modos de circulação e constituição de si de jovens favelados ante as facções criminosas e aos seus domínios territoriais – indicam a existência de uma “asfixia mais aguda” e da produção de uma série de antecipações, de cálculos, de evitações dos jovens com relação às facções criminosas. Conforme revela, uma tentativa de se precaver, de se proteger de um tensionamento com uma dessas redes parecia orientar as suas dinâmicas de circulação pela cidade. Assim, a autora chama atenção aos efeitos dessa antecipação à medida que os sujeitos vivenciam um forte sentimento de medo e que deixam de orientar seus gestos pelas suas vontades, mas pesando os riscos que correm. Uma citação da autora é particularmente interessante:

“Os jovens tiram o boné Puma<sup>51</sup>, se preocupam por estarem vestidos com uma blusa vermelha, evitam “desrespeitar” as regras do tráfico. Justamente por pensarem que dominam códigos objetivos, correspondentes às supostas leis do tráfico, eles antecipam a submissão, guiando-se por expectativas lastreadas por poucas comprovações, naturalizando e amplificando a dominação do tráfico. O resultado é que, ainda que de forma não intencional, acabam por se entregar *ex ante* a uma dominação que, sem a adição desse *plus*, seria necessariamente muito mais pontual”. (Farias, 2008, p. 187).

Desse modo, o evento e o constante recurso a essa narrativa parecem atuar como dispositivos pedagógicos no disciplinamento dos corpos tendo em vista o controle do risco e a evitação dos conflitos. Estando a sua segurança ontológica em uma situação vulnerável, e reconhecendo que a sua orientação sexual (através de uma performance mais destoante do que

---

<sup>51</sup> A marca “Puma”, conforme indica a autora, é considerada como um signo que indica pertencimento a uma das facções criminosas em atuação no Rio de Janeiro.

seria esperado ao homem ou à mulher) é a alavanca desse risco, indica-se como um caminho possível de convivência diante dessa ameaça a necessidade de camuflar esse elemento que os torna vulneráveis.

### 1.6. *Outros arranjos*

No relato de Cláudio sobre a experiência que ele e seu namorado passaram, a opção pelo desenrolo foi feita pelo vizinho cuja expectativa, desde início, era estabelecer um ‘corretivo’, uma ‘punição’, aos dois rapazes. Ele parecia reconhecer que com o desenrolo obteria êxito em seu empreendimento. Contudo, não se pode crer que há uma única orientação com relação a essa temática, isto é, os agentes do tráfico na favela nem sempre adotarão uma postura contrária e violenta à não-heterossexualidade. Essas dinâmicas, como pude apreender, dependem mais de configurações específicas que podem mudar em razão do período, dono, grupo de traficantes, morador e favela.

Em um evento realizado pelo Grupo Conexão G, a travesti Valéria compartilhou algumas experiências por quais passou:

Há muitos anos atrás, dentro da Nova Holanda, quem comandava, era o Jorge Negão. Na época, na minha época, eu tinha 17-18 anos. Então, ele tratava as meninas como filhas. São minhas filhas, então ninguém mexia. Então, se ele respeitava, porque os soldados dele não iam respeitar. Entendeu?

Agora se o desrespeito vem dele, você passa na rua e um soldado mexe, ou taca alguma coisa ou te xinga, e ele não cobra, as pessoas que moram dentro da comunidade vão ver aquilo e vão fazer. Porque ele mesmo que se julga o dono não respeita, porque que eu vou respeitar? Então, na época dele, não tinha isso. Então hoje vieram outros. Então, muito garoto novo, 15, 16 anos, 17, que colocam as armas na cintura e se acham os donos do mundo. E você passa e xinga, agride, porque ele é o cara, ele está com a arma aqui, você tem que baixar a cabeça! Por que se você voltar, como muita amigas minhas voltam, ter disposição de mandar tirar o revólver e fazer na mão, você vai ser ajuntada por todos.

Agora onde eu moro, graças a Deus, a parte onde eu moro, mudou. Porque o dono viu isso. Ele observou. Então hoje em dia ele cobra, tem que respeitar. Porque se eu respeito, vocês têm que respeitar. Não quero que ninguém goste, mas que respeite como ser humano, porque é cidadão, é morador da comunidade, tem o mesmo direito que todos. Então acho que é tudo a mesma coisa. (...)

Hoje em dia, agora no Parque União também tá uma maravilha, mas não era. Porque eu freqüentei, eu via. De um travesti estar dentro do baile e eles virem com revólver, coisar e mandar ela sair. Agora você morando dentro da comunidade e passar por uma situação dessa é um constrangimento. Acho que se acontece comigo eu morro de vergonha. Como eu já fui num baile, na Nova Holanda também, ficava dentro da barraca tomando a minha cerveja, veio um e cutucou a minha cintura com revólver e falou que eu tinha que sair daquela barraca. Eu ia bater boca com ele? Não. Eu saí quieta, procurei alguém mais alto do que ele e falei. E o cara mandou eu voltar para o mesmo lugar. É assim, dentro da favela a gente tem que saber viver!

A fala de Valéria sinaliza para algumas questões interessantes. Primeiro, ela reafirma algumas questões que já tinha ouvido de alguns interlocutores sobre um período “mais tranquilo” e, com isso, indica que a experiência desses sujeitos não-heterossexuais é, ou pode ser, mediada/influenciada/marcada pelo tipo de liderança/configuração que o tráfico assume em seus contextos específicos. Aqui, mais uma vez, é preciso indicar que esse tipo de discurso é mais amplo e, portanto, não exclusivo desse segmento, sendo, inclusive, a base para se forjar a noção nativa de “cria” já comentada nesse capítulo. Trata-se de citar um período em que o tráfico era menos (ou mesmo não) violento, sobretudo, com seus moradores, mantedor de determinadas práticas assistenciais e cooperativas, além de fazer referência à própria origem local dos seus agentes.

Apesar de otimista a respeito de seu presente, já que o líder do tráfico da favela onde mora “respeita” e “faz respeitar”, a fala de Valéria coloca uma questão sobre uma certa dependência que esses sujeitos teriam com relação ao dono da favela. Isto é, a sua cidadania, a garantia de sua integridade física e das possibilidades de circulação, de trânsito, em alguma medida seriam regulados pelos (in) fortunios desses chefes locais.

A outra questão que desejo destacar de sua fala refere-se ao ter que “saber viver lá”. Se no caso de Cláudio o desenrolo não o beneficiava, aqui é Valéria, uma travesti, que irá recorrer a esse mecanismo para solucionar seu conflito com um traficante. Observa-se, então, que não é também a busca da intervenção do tráfico *per si* que irá levar a uma certa repressão/violência, mas, sobretudo, uma configuração específica entre aqueles que a demandam e os interventores solicitados<sup>52</sup>.

Além de alguns eventos mais fortemente marcados por conflitos e violências imediatas, existem outras dinâmicas mais ‘conciliatórias’, digamos, na interação com alguns traficantes. Carolina contou um evento que ocorreu em seu trabalho. Estávamos conversando sobre discriminação, preconceito e violências fora da favela. Aí eu perguntei:

*E na favela... Você já foi discriminada por ser lésbica?*

---

<sup>52</sup> É ainda oportuno destacar que alguns eventos públicos voltados para o segmento LGBT foram precedidos de uma liberação por parte dos respectivos donos das favelas onde ocorreram. Seus organizadores, conforme me foi relatado, solicitaram a permissão dos “donos” e “gerentes” para a realização dessas atividades.

Já, por bandido...

*E como é que foi isso?*

Olha, tipo assim... Ele pegou e chegou lá onde eu trabalho, né? Sempre me olhou de cara feia, sempre. Eu pô, nunca fiz nada com esse cara. Aí ele virou pra mim e falou, pô... Aí eu comecei a tratar ele bem, né, a gente nunca teve uma oportunidade, né, mas sempre olhou de cara feia, mas nesse dia foi o primeiro dia que eu tive oportunidade de, né, atendê-lo. Aí ele, pá, jantando, aí ele foi e me chamou: “Aí, queria falar uma parada contigo”. Eu: “Pode falar”. “Eu nunca fui com a tua cara, nunca fui com a tua cara...”. Bem assim. Aí eu: “Pô, mas eu nunca te fiz nada”. “Não, porque eu sou louco pela tua mulher. Ela nunca me deu confiança. A minha vontade sempre foi de, pô, na moral, na moral, de passar você”. Bem assim mesmo, sabe, na lata. Aí eu, pô, toda sem graça: “mas é que a gente se ama”, falei pra ele “a gente se ama, por isso que ela nunca te deu confiança, porque a gente se ama”, falei pra ele. Aí ele falou: “Com certeza ela te ama mesmo, porque ela nunca me deu confiança. Então eu tinha muita raiva de você, mas agora, conhecendo você, eu vi que você é uma garota maneira. Então me desculpa”, aí apertou a minha mão<sup>53</sup>.

*Nossa...*

Mas eu caguei um quilo.

Chama atenção que o único relato de interação entre uma lésbica e traficantes não estava marcado por uma relação objetiva de violência, como nos relatos dos gays ou de travestis. No caso trazido, o que se pode observar, é mais uma relação de acerto, de ‘camaradagem’, que um certo antagonismo que pode culminar em violência física. Acredito que uma chave de interpretação é recorrer às reflexões de McClintock (1995) sobre a construção do corpo feminino como violável, passível de violência. Desse modo, a apresentação de si “masculina” de Carolina não seria um elemento de segunda ordem, um acessório nessa narrativa. Ela, de certo modo, a conduz para um lugar ‘menos vulnerável’.

### 1.7. *Mas o que dizer sobre isso?*

Muitos relatos são feitos sobre a relação entre tráfico e LGBTs. A íntima relação, na verdade, a indissociabilidade entre favela e violência/tráfico de drogas no discurso de muitos agentes – incluindo os próprios moradores – provoca essa profusão de relatos. No entanto, acredito que a emergência desses eventos – revelados quando eu me apresentava como antropólogo dizendo o tema da minha pesquisa ou quando, nas entrevistas, perguntava se havia diferença entre um LGBT na favela e fora dela –, indica também, como sinalizei no

<sup>53</sup> É interessante ouvir a narrativa de Carolina, pois o próprio tom e imposição da voz quando narra marca essa relação hierárquica. O seu texto é interpretado com uma voz mais baixa e estendendo as sílabas, dando um caráter mais ‘suave’, ‘feminino’ e menos imperativo. Já o texto do bandido, será repetido com uma voz mais alta, limpa e imperativa. E ainda mais interessante pensar isso em relação ao comportamento geral de Carolina, que adota um estilo mais masculino, objetivo, de comando, no trato com clientes e pessoas não próximas, que rendeu a ela dois apelidos “moleque piranha” e “Julinho-play”, referência a um personagem humorístico, baixinho, garanhão, abusado e conquistador, performado pela atriz Samantha Suthz.

início do próprio capítulo, uma certa leitura sobre o que narrar e do próprio trabalho como uma certa denúncia ou, ao menos, um meio para isso.

Desde o início da minha pesquisa, trazia uma preocupação constante de não produzir uma etnografia que acabasse por reproduzir estigmas a respeito da favela e de seus moradores. Algo como “a favela é tão bizarra que até com as bichas é pior”, “como na favela tudo é tão difícil, com as bichas e com as sapos não seria diferente”. Do mesmo modo, a própria eleição do tema, para mim, trazia uma motivação que, claro, buscava pensar se há uma especificidade dessa experiência – LGBT da (na) favela – e qual seria em sua circulação, no seu cotidiano. Apesar das perguntas se era “pior” ou “melhor”, ou mesmo aquelas que já traziam a resposta “lá é muito difícil, né?” ou “eles sofrem muito?”, não pretendia (e não pretendo) fazer uma escala da probabilidade de experiências de discriminação/violência, onde a favela, no meu caso, a Nova Holanda e suas vizinhas, seria alocadas (e por mim!?) em alguma variação. Acho que uma fala de Lucas é indicativa de algumas conclusões sobre isso. O trecho transcrito tem início com o interlocutor, que se considera “pintosa”, explicando o que é um gay “menos discreto”<sup>54</sup> e, em seguida, avaliando o tipo:

Está mostrando, está pedindo pras pessoas verem e está pedindo pra ser xingado, entendeu, agredido no meio da rua. Porque hoje em dia todo mundo sabe que gay não tá sendo aceito em lugar nenhum, entendeu, então é muito perigoso.

*Você acha que tem muita diferença entre ser gay na favela e fora da favela?*

Não, acho que não... Acho que a diferença, a única diferença, é que na favela a gente sofre mais preconceitos do que lá fora, entendeu?

*Porque sofre mais?*

Por causa do tráfico, né? Acho que a questão de tudo é isso, o tráfico. Por a maioria, eu sei que não gosta de jeito nenhum, e é onde você passa, aí faz uma graça, com as pessoas que são menos discretas, porque eu acho que os que são mais discretos não passam por isso, vai ver até passam, mas não é tanto como os menos discretos. Eles xingam a gente, ‘ah não sei o que não sei o quê’, xingam, apontam armas e aquilo oprime a gente, deixa a gente mais oprimido, deixa a gente mais frustrado. Então a gente não pode falar nada, não pode revidar, não pode xingar. Entendeu? Não pode fazer nada, é abaixar a cabeça e vir embora, porque eles tem poder, pela arma que carregam na mão. Acham que tem o poder pra fazer isso com as pessoas, entendeu? Aí a gente sofre mais aqui que lá fora, entendeu? Lá fora, passar alguém, chamar, xingar, tudo bem, mas aí não vai ser a mesma coisa de lá dentro...

*Tudo bem, como assim?*

Acho que as palavras vão até ser as mesmas, mas acho que você vai poder... Vai ter outras pessoas, ao teu lado também, que vai poder chegar e dizer “não liga, não”, “é um idiota”, entendeu? “Ah, preconceito bobo”. Como aqui dentro não. Um xinga, o outro vê, quer xingar também. (...) <sup>55</sup>

Porque existem lugares onde é mais natural, onde tem mais gay, onde as pessoas não estranham tanto...

<sup>54</sup> Lucas, durante toda a entrevista, referia-se à “bicha”, à “pintosa”, como “menos discreto” ou “menos discreta”. Considero isso interessante, pois isso é indicativo do caráter artificial, extraordinário da entrevista. Em diversos encontros e conversas que mantivemos ao longo do trabalho de campo, não lembro de ter ouvido ele usar essas categorias para se referir aquelas pessoas que sempre chamou de pintosas ou bichas.

<sup>55</sup> Subtraí a narrativa de dois casos de violência vividas pelo interlocutor na favela.

*Você sabe de algum lugar...?*

Ah, lá fora... É... Na Alemanha... Onde as pessoas são realmente respeitadas, em outros países...

*Você acha que um dia isso vai acontecer? Se vai demorar muito, vai ser rápido? O que você acha disso?*

Eu acho que depende da lei, né, depende da lei...

*Que lei?*

No caso assim, da UPP, um exemplo. Uns falam que vai ser ruim, uns falam que vai ser bom, entendeu? Assim, no meu caso, eu quero mais é que entre, acho que seria uma boa entrar, entendeu? Porque acabaria com o tráfico e ia melhorar bastante no caso do preconceito contra os gays. E eles de repente iam ter mais respeito que os traficantes aqui dentro. Os policiais iam ter mais respeito com nós e os moradores iam passar a respeitar.

*Porque que você acha que isso iria acontecer?*

Por eles, sei lá, não sei, mas acho que por eles verem que a polícia agora tá ali, habitando aquele lugar, e que não poderia ter mais aquele tipo de confusão, aquele conflito. Porque você conhece um bandido, você vai me xingar, eu vou te xingar, a gente vai discutir, aí você vai chamar alguém, vai chamar seu primo. E até inventar uma mentira: Ah, ele piscou pra mim, ele me cantou... (...) Aí não tem nem defesa, é ser agredido verbalmente ou fisicamente, passar uma vergonha na rua e não poder falar nada.

Também realizando trabalho de campo em uma favela no Rio de Janeiro, mas essa caracterizada pelo controle de milícias e não do tráfico de drogas, Aguião (2007) revela um comportamento parecido com o que indiquei ao longo desse capítulo. Um dos locais observados foi “o bar das entendidas” onde, segundo revelou, uma “etiqueta da conduta” que prescrevia a interdição a “contatos mais íntimos e beijos na boca” garantia a manutenção do estabelecimento em funcionamento. Do mesmo modo, observou uma certa leitura de alguns espaços como “mais ou menos confortáveis para os “entendidos””, bem como alguns relatos de tensão entre LGBTs e a “polícia mineira”. Sobre essas dinâmicas, a autora (Aguião, 2007, p. 80-81) chega a uma interessante conclusão ao comparar favelas “com tráfico” e “com mineira”:

Podemos pensar que em favelas onde existe este tipo de atuação [do tráfico de drogas], os moradores têm trânsito mais livre a partir do domínio dos códigos de circulação do território, enquanto os não-moradores que são desconhecidos no local e/ou que desconhecem esses códigos de movimentação no território, temem o espaço. Já em RDP, a imagem de território livre das ameaças de violência do tráfico armado, faz com que os “de fora” sintam-se mais à vontade para circular pela localidade do que os “locais”, uma vez que muitas vezes ignoram o sistema coercitivo de limitação de circulação (matizada por gênero e orientação sexual) oculto sob a imagem da tranquilidade recorrentemente veiculada.

A experiência – ou mesmo busca – de uma homossexualidade discreta, isto é, orientada por um ethos da discrição, quase sempre considerada por uma busca de uma performance viril ou, no mínimo, de uma neutralização de características consideradas femininas (e vice-versa no caso das mulheres), é adotada por muitos sujeitos em diferentes contextos. Seja por negociações com família, trabalho, avaliação ético-moral, estratégias de

sedução/paquera no mercado erótico, formas de evitação/redução das possibilidades de manifestações homofóbicas etc., não acredito que essa é uma experiência muito distante das experiências das homossexualidades.

Assim, evitar um beijo ou a “pinta” em frente a boca de fumo ou próximo ao traficante envolvem elementos que tornam diferente de fazê-lo na Rua Voluntários da Pátria, na Av. Rio Branco ou mesmo em Rio das Pedras. Contudo, essa ‘contenção’ não é um dado extraordinário na vida dos sujeitos. Como é sabido, experiências e expectativas de violência e discriminação em razão de orientação sexual não são exclusivas às favelas – sejam elas com tráfico ou não.

Com isso, não pretendo naturalizar comportamentos ditos homofóbicos ou as estratégias de evitação empregadas pelos sujeitos, mas ressaltar a sua não-especificidade ao espaço da favela. Isto é, ‘pode dar problema’ beijar na boca ou dar pinta em qualquer lugar. A diferença, contudo, reside, e o último trecho transcrito revela isso, numa relação de forças entre agressor e agredido e nas possibilidades de reação do segundo, sobretudo, quando o primeiro é o tráfico ou mantém relação próxima com seus agentes.

A intensidade da violência cometida, afinal, os sujeitos portam armas, e as possibilidades de reação de um LGBT a um gesto inicial desses sujeitos, bem como ausência de um interlocutor, mediador, a quem recorrer, apontam para uma especificidade da experiência desses sujeitos. Se, fora da favela, um amigo pode juntar-se a você para te apoiar, reagir a um xingamento ou mesmo recorrer à polícia, esses dispositivos não se encontram disponíveis quando a interação ocorre na favela – a não ser, como vimos, em casos como o relatado por Valéria, quando o “dono” torna regra o respeito aos LGBTs. Contudo, nesse casos, como disse acima, emerge a questão de uma cidadania que não será uma propriedade de um cidadão, mas uma permissão, uma concessão conferida por um sujeito que, a qualquer momento, pode mudar de idéia. Aqui, mais uma vez, voltamos ao tema da “vida sob cerco”, caracterizada pela necessidade dos sujeitos saberem como se comportar sob tais condições de cerceamento de suas liberdades.

### 1.8. *De volta ao evento inaugural: sobre como se conta e outras soluções (possíveis)*

No fim do trecho da entrevista, Lucas conta que um conflito como aqueles seria como “passar uma vergonha na rua e não poder falar nada”; Valéria também fala muito em respeito. Muitas vezes ouvi os relatos de violência serem associados a vergonha, orgulho, honra e respeito. Além de uma violência objetiva, efetiva, materializada, que lhes era imposta, a impossibilidade de reação e a dimensão pública em que ocorria potencializavam a mesma com uma experiência de violência moral, subjetiva, emocional. Acredito que na narrativa utilizada para iniciar esse capítulo podemos observar dois dispositivos acionados para lidar com isso.

É interessante destacar o modo como Cláudio reconstrói todo o evento. Destaco duas partes em especial. Pouco antes de partirem para o desenrolar, Cláudio conta que o vizinho já reapareceu, nesse segundo momento, com um pedaço de pau na mão para acertar seu namorado. Conta que entrou na frente e recebeu o golpe. O outro momento é a sua narrativa a respeito do soco que atinge seu peito – já no desfecho da sua interação com os traficantes. Ele define bem a cena: peitos estufados, olhar sério, ausência de reconhecimento de dor quando golpeado. Essas duas passagens são significativas de uma requalificação de si na narrativa. Cláudio recorre a uma certa performance corporal essencialmente generificada: é um homem que responde, como um homem, ao gesto de outro homem. É interessante que essas performances não devem ser entendidas apenas como gestos, como reações ou respostas, mas como um modo de constituição de si, de tomada de consciência de si como um sujeito moral, que, de algum modo, podemos sugerir que se não reorganiza a cena, ao menos reorienta a relação de força estabelecida entre seu agressor e ele – a reação daquele que golpeia, considerando Cláudio “abusado”, é significativa disso. Com essa operação, meu interlocutor parece conduzir um “modo de subjetivação” que desempenha a função de requalificá-lo no interior daquela interação ao se constituir como um “sujeito moral” diferenciado. Foucault, em “A História da Sexualidade II”, pode nos ajudar a iluminar essa leitura da narrativa (1984, p. 27):

“Com efeito, uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra. Mas, outra coisa ainda é a maneira pela qual é necessário ‘conduzir-se’ – isto é, a maneira pela qual se deve constituir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que

constituem o código. Dado um código de ação, e para um determinado tipo de ações (que se pode definir por seu grau de conformidade ou de divergência em relação a esse código), existem diferentes maneiras de “se conduzir” moralmente, diferentes maneiras, para o indivíduo que age, de operar não simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação”.

Não apenas as duas performances produzidas em relação com seus algozes, mas o próprio diálogo que segue com Guilherme, quando identifica que o problema “é ser gay”, parece ocorrer um tipo de re-ordenamento, uma re-localização de Cláudio consigo mesmo. O que transparece em seu relato é que antes dessa interação direta (e de sua atuação na mesma), ele desempenhava uma posição, de algum modo, menor, passiva, subalterna. A partir dessa operação, dessa tomada de consciência de si e de sua própria re-elaboração, Cláudio, através de um sentimento difuso, que podemos considerar como uma indignação ou revolta, mesmo que ainda vítima, parece operar com um certo dispositivo que reorganiza a sua experiência, que o empodera. Acredito que não se trata somente de uma identificação/afirmação de gênero, de uma certa masculinidade reconstituída após ter sido abalada com a revelação de sua orientação sexual, mas, em acordo com isso, operar-se-ia uma nova constituição de si a partir do sentimento de honra; talvez o deslocamento efetuado pelo seu comportamento seja entre os sentimentos de vergonha e honra. Não se trata apenas de um fazer, mas de um ser – talvez, um saber ser – constituído a partir de seu comportamento (pro) ativo.

Como afirmei quando apresentei esse evento, essa história sempre é retomada, contada e recontada. Acredito que essa requalificação de Cláudio em sua narrativa (constante), é um meio de reconduzir-se nessa experiência de vítima de violência que ‘não se pode’ reagir. A sua reação pode não ter sido manifestada duelando nos termos de uma violência física ou armada, mas a partir da constituição de si como um sujeito moral, quando assume posturas generificadas como masculinas – não sendo bicha, frágil ou mostrando que sente o golpe –, controla seus atos, toma posse dos mesmos – é protagonista, age, entra na frente pra receber o golpe, estufa os peitos – e enfrenta seus oponentes – mais fortes e em maior quantidade. Sua coragem, enfrentamento e ausência de medo operam outra construção de si.

Além dessa requalificação do protagonista em sua narrativa, chamou minha atenção os risos que acompanham a mesma. Risos ao provocar que se conte, piadas que satirizam as reações e força de Cláudio e Guilherme, o que se diz etc. Risos, risos e risos. É bem verdade

que esse fenômeno (o riso) não é um elemento estranho no cotidiano desse e dos demais grupos pelos quais circulei. Acredito que a minha própria adesão, a minha aceitação nessa rede, se deve, em boa parte, como disse no início desse capítulo, ao compartilhamento de um senso de humor muito parecido com o desses interlocutores. Assim como eles consideravam um ao outro e a si mesmos, também passei a ser adjetivado como “pesada” ou “pesado”<sup>56</sup>

Contudo, o humor aqui despertou minha atenção por outra razão. Tratava-se de um estranhamento pessoal ante o reconhecimento de um não-local, diante de um caráter inapropriado do mesmo naquelas circunstâncias. Afinal, não era apenas uma experiência de forte violência vivenciada por uma das pessoas presentes, próxima e querida de todos, mas também revelava um certo perigo, um risco que todos ali, em maior ou menor grau, supostamente corríamos. O que para mim, em um primeiro momento, não era motivo de riso, ficou mais claro após compreender “De que riem os índios?” (Clastres, 2003).

Clastres, nesse capítulo de “A sociedade contra o Estado”, examina dois mitos amplamente conhecidos entre os Chulupi. Conforme indica, esses mitos se diferenciam dos demais pelo humor, pela comicidade despertada quando contados, por “*ao mesmo tempo* falar de coisas solenes e fazer rir aqueles que o escutam”<sup>57</sup>. Outra razão que os particulariza, é a eleição do jaguar e do xamã como protagonistas. Essas são duas figuras “capazes de inspirar medo, o respeito, o ódio”, mas que – nessa narrativa – ao serem vítimas de sua própria “estupidez” e “ vaidade”, despertam o riso (Clastres, 2003, p. 148). O autor, após analisar os mitos e a própria característica “intermutável” entre o jaguar e o xamã, à medida que um pode se transformar/guarda potencialidades do outro, conclui:

A contradição entre o imaginário do mito e o real da Cida cotidiana se resolve quando se reconhece nos mitos uma intenção de mofa: *os Chulupi fazem na esfera do mito aquilo que lhes é proibido no plano real*. Não se ri dos xamãs reais ou dos jaguares reais, pois eles não são nada risíveis. Trata-se pois, para os índios, de colocar em questão, de desmistificar a seus próprios olhos o medo e o respeito que lhes inspiram jaguares e xamãs. Esse questionamento pode operar-se de duas maneiras: seja realmente, e mata-se então o xamã julgado muito perigoso ou o jaguar encontrado na floresta; seja simbolicamente, *pelo riso*, e o mito (desde então instrumento de desmistificação) inventa uma variedade de xamãs e de jaguares tais que se possa caçar deles, já que são despojados de seus atributos reais para serem transformados em idiotas na aldeia. (...) Vê-se aparecer aqui uma função por assim dizer catártica do mito: ele libera em sua narrativa uma paixão dos índios, a obsessão secreta de rir daquilo que se teme.

<sup>56</sup> “Pesado” ou “pesada” remete a uma avaliação a respeito do tipo de fala, comportamento, juízo emitido antes do termo ser empregado. Ao “pegar pesado” com uma brincadeira, piada ou comentário, ou seja, fazer um comentário um pouco mais ácido ou agressivo, o sujeito pode ser considerado “pesado” ou “pesada”.

<sup>57</sup> Grifos de Clastres.

Ele desvaloriza no plano da linguagem aquilo que não seria possível na realidade e, revelando no riso um equivalente da morte, ensina-nos que, entre os índios, o ridículo mata”. (Clastres, 2003, p. 161-162).

Como defende Clastres, o riso, o ridículo, trazido nos mitos constitui um “gai savoir” dos índios, pois ao mesmo tempo em que faz rir, a sua narrativa também traz consigo uma “intenção pedagógica”, ela transmite a “cultura da tribo”<sup>58</sup>.

Considero que as referências e narrativas constantes da violência vivida por Cláudio e seu ex-namorado, bem como os risos que as acompanham, nesse e em outros casos, desempenham uma certa competência em divertir e advertir a audiência a respeito de um risco que lhes é próximo, cotidiano e que, no plano das interações objetivas, pragmáticas, não pode ser revertido por esses sujeitos – a não ser nas tentativas de minorá-las a partir das estratégias de evitação examinadas ao longo desse capítulo. Contudo, assim como os índios não condicionam as suas vidas aos perigos oferecidos pelos jaguares e xamãs, não quero fazer crer que essa é uma experiência que absorve de um modo totalizante o cotidiano dos interlocutores. Outras dinâmicas de tensões e soluções serão forjadas com diversos outros atores podendo consumir mais ou menos as experiências desses sujeitos.

---

<sup>58</sup> Alberti (2002) produz uma interessante discussão a respeito do “riso” e do “risível” na história do pensamento ocidental. Destaco as suas reflexões sobre o “riso cômico” e o “riso trágico” incorporando a contribuição de diversos filósofos ao tema, bem como o seu levantamento a respeito do “riso nas Ciências Humanas”.

## Capítulo 2 - Entre a “visibilidade” e a “revelação”: discursos sobre “assumir-se”.

“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é  
ainda vai nos levar além”. [Paulo Leminski]

Tema bastante presente em trabalhos acadêmicos, matérias jornalísticas e conversas cotidianas, o “coming out”<sup>59</sup> (Pollak, 1986) é uma das questões que, sem dúvida, desperta um enorme interesse em muitas pessoas. O processo e/ou ocasião de enunciação dessa ‘nova característica’ é vivido como um importante momento de rompimento na vida dos sujeitos. Certo é que ele não passa em branco, não é um dado menor na experiência dos sujeitos. Mas, pelo contrário, ao ser narrado em relação à família, à religião, aos amigos, à vizinhança, ao trabalho e etc., constitui-se como um fato social total na experiência desses segmentos. Talvez como um ‘novo nascimento’, a ‘entrada em uma vida adulta’, um sinal de ‘maturidade’, uma ‘afirmação fundamental sobre si’ ou apenas a revelação de algo que há muito era sentida/vivida pelos sujeitos (e/ou mesmo notada pelos que interagem com eles).

As reflexões sobre esse evento na vida dos indivíduos me remete a uma experiência de pesquisa anterior que eu tive. Quando iniciei o trabalho de campo para a minha monografia de conclusão de curso em uma “igreja inclusiva” no Rio de Janeiro – que se diferencia das demais igrejas pentecostais, entre outras coisas, pela quase exclusividade de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBT) entre seus membros – fui alvo de constantes e repetidas demandas a esse respeito (do meu coming out) em minhas primeiras interações: ‘tinha’ que revelar se era gay, com quantos anos havia “me assumido”, se meus pais sabiam, como e quando tinha contado. Como destaquei naquele trabalho (Lopes, 2008), eram fundamentais à apresentação que eu fazia de mim – e também para aqueles fariam sobre mim – e, portanto, para o próprio desenvolvimento da pesquisa, as respostas que eu dava àquelas questões. Era como um rito de iniciação que – se nesse caso não visava me conferir um status ou poderes novos – tinha como intuito fazer reconhecer algo que já imaginavam sobre mim e que era

---

<sup>59</sup> Pollack (1986) define *coming out* como o processo que leva o homossexual ao reconhecimento público, “sem angústia”, de sua orientação sexual, como também o seu engajamento no circuito, em uma sociabilidade gay, construindo sua “carreira sexual”.

fundamental naquela interação: uma identidade compartilhada, uma certa intimidade, uma experiência em comum.

No decorrer da observação em campo, atento ao modo como meus interlocutores travavam sua relação comigo, pude verificar qual a representação que se tinha a respeito dessa ‘passagem’ entre membros daquele grupo religioso. Menos elaborada enquanto experiência pública, como, por exemplo, é associado por movimento sociais em sua política identitária (Simões & Facchini, 2005), o “sair do armário” era tomado como um certo conforto emocional proporcionado a partir da superação de um obstáculo, de um sentimento negativo, como que de pecado ou de nojo, que, antes, mantinham com relação aos seus desejos e/ou práticas sexuais – essencialmente íntimos, privados, particulares (Lopes, 2008). Era mais pensado como um certo (re) ordenamento na experiência; era mais privado, menos público. E ao mesmo tempo em que era importante “se assumir”, havia uma forte rejeição ao que consideravam exagero de muitos que queriam “forçar as pessoas a aceitarem” – diversas vezes essa crítica era endereçada ao próprio movimento LGBT – mantendo uma posição mais pública de seus desejos, performances que “davam pinta”, carinhos e afetos entre homossexuais.

Quase dois anos depois, realizando o trabalho de campo para essa pesquisa, me deparei com o mesmo tema. Como disse desde o início, não se trata de uma novidade, não fiquei surpreso com isso, pois, como disse anteriormente: “é uma das questões que, sem dúvida, desperta um enorme interesse em muitas pessoas”. Contudo, dessa vez ela aparece de um modo diferente, o que chamou a minha atenção.

### ***2.1. Um problema***

Sentados em uma mesa de bar, estávamos Cláudio, Augusto, Pedro e eu, conversando sobre o tipo de namorados que gostaríamos de ter, como seria o nosso “ideal”, o que eles deveriam ser e o que não deveriam, como deveriam se comportar, o que gostar e etc. Em determinado momento, Pedro comenta: “Ah, ele tem que ser assumido”. Logo os outros dois concordam: “É... o meu também tem que ser”; “ah... também quero assumido!”. Perguntei

“Como assim?”. Um deles respondeu: “Eu não quero ficar me escondendo” e o outro colocou o seu amigo em questão “Eu não vou ficar que nem o Cláudio, brigando todo dia”.

Pouco antes do carnaval de 2010, Cláudio conheceu um rapaz: Marcelo possui vinte e quatro anos, tem uma ocupação que exige ensino médio e cursa contabilidade em uma universidade privada localizada em um bairro da Zona Norte. É também nessa região da cidade, em um condomínio de classe média baixa, que ele reside com seus pais. Após alguns encontros, eles começam a namorar. É a partir do namoro que algumas tensões emergem com relação a uma dimensão mais pública do relacionamento, sobretudo, com relação aos carinhos feitos (ou recusados/evitados) em público – como lembrado por Pedro no diálogo do bar citado acima.

No caderno de campo de 29 de março de 2010 escrevi:

...Enquanto estava em casa com Deise, Cláudio me chamou lá embaixo. Aproveitei que Deise estava de saída – e eu sem luz em casa – para convidá-lo para uma cerveja. (...) <sup>60</sup> Cláudio me contou outro evento entre ele e o namorado. Disse que quando ficou sabendo que Marcelo “não era assumido” pensou em “correr”, pois “eu (ele) não queria viver tudo o que vivi com Tiago de novo”. Cláudio disse que, no dia seguinte daquela discussão subtraída acima, quando foram “fazer uma DR” <sup>61</sup> a respeito da mesma, uma nova discussão teve origem. Ele “contou que estavam na praça de alimentação de um shopping quando tentou fazer um carinho no rosto de namorado. Na mesma hora, Marcelo teria mostrado um certo desconforto e retirou a mão dele. Continuaram a conversa. Em outro momento, Cláudio teria dado um abraço no rapaz e ele não teria correspondido. Cláudio então perguntou “o que que tá havendo?”. Marcelo teria respondido “Não tem nada. Só não quero ficar me expondo. Alguém pode passar”. Eis que o outro retrucou que “não é uma questão de exposição, mas de carinho”. Antes de um longo silêncio – inaugurado por essa fala – concluiu: “isso é um absurdo!”. Caminharam em direção à sala de cinema – em seu relato, Cláudio frisou que os ingressos já tinham sido comprados, se não teria ido embora – e assim que as luzes da sala de projeção se apagaram, Marcelo tentou beijá-lo. Cláudio narrou essa parte especialmente emocionado. Seus olhos marejaram e, ao contar que o afastou imediatamente dizendo que aquilo era um absurdo, parece ter impostado a voz para controlar possível oscilação no tom da mesma (já comentando o ‘deslize’ que pretendia evitar). Contou que então se mantiveram em silêncio durante o filme e, ao final da sessão, conversaram coisas parecidas com o diálogo da praça de alimentação”.

Nesse episódio, podemos destacar uma contraposição entre uma preocupação – de Marcelo – em se “expor” e o desejo – de Cláudio – em fazer um carinho no seu namorado (mas em público). Essa não foi a única vez que o casal brigou a respeito de suas diferentes posições a respeito da manifestação pública de carinho. Isso se repetiu muitas vezes e com os mesmos discursos ao longo do namoro. Há uma clara identificação desse – e de alguns outros

<sup>60</sup> Subtraí um trecho do relato onde ele me conta o motivo e como foi a briga que tiveram no final de semana anterior.

<sup>61</sup> DR é uma abreviação de “Discutir relação”.

– informante (s) a determinados valores do ideal romântico e dos modos reconhecidos de sua expressão no interior de um relacionamento. A força do romantismo como um elemento que conduz a rompimentos, a transgressões, sintetizados, por exemplo, através de expressões como “prova de amor”, brota de alguns dos seus relatos sobre relacionamentos que viveram e que gostariam de/imaginam viver.

Ainda no relato trazido acima, Cláudio comenta que não desejava viver o mesmo que viveu em um relacionamento anterior. Ele relata uma situação de tensão similar em seu namoro com Tiago:

“Eles (os pais de Tiago) colocam como se fosse eu, o viado da história, e o Tiago não fosse nada, era um momento do Tiago. E de repente poderia até ser, mas eu acho que não. Eu acho que o Tiago é muito mais covarde.

*Em que sentido?*

Cara, de boa, Paulo. Ele sempre sonhou, sempre quis agradar a família. Dá pra você fazer um parâmetro do Tiago antes e depois de se assumir<sup>62</sup>. (...) Ele falava pra mim que era covarde. Tinha muita coisa que ele queria comigo que ele sabia que ela não ia fazer.

*Mas o que que cê tá chamando de covarde?*

Covarde. Isso de voltar atrás, de recuar. Ah, eu amo você. Tipo, eu quero muito encarar as coisas, mas não consigo. (...) Depois que começou a falar mesmo [do namoro], de todo mundo ficar falando, aí ele começou a marcar comigo com ele já no quarto. E eu percebi isso, essa mudança. É, tem uma vez que aí eu terminei. Ele alugou o quarto e aí os amigos dele abriram uma lan house em frente ao quarto. Aí uma vez a gente passou de moto e ele não entrou no quarto. Ele deu a volta, ele ia passar por trás, pela Flávia Farnese [uma rua]. Aí eu peguei e falei assim: Eu não estou acreditando que você está com medo. Vai, volta, passa pela frente deles, buzina pra eles verem que a gente ta entrando. Se não eu não vou entrar nunca mais. Aí ele foi e falou assim: “Porra, tu é foda!” “Eu sou foda, mas você quis ficar comigo, lembra? Eu não falei pra você que ia agir de outro jeito”. Aí foi ele pegou e fez tudo que eu mandei. Quando chegou lá eu falei: “Eu não quero mais ficar contigo. Tu é ridículo”. Aí foi, eu fiquei muito triste naquele dia. Chorei, tal. Fui embora.

Apesar de ter trazido dois exemplos na trajetória do Cláudio, esses relatos/valores não se limitam ao mesmo. Ainda utilizando o relacionamento de Cláudio e Tiago, mas incorporando uma experiência de sua própria vida, podemos observar a interpretação de outro interlocutor, Augusto. Segue um trecho da entrevista realizada:

*Uma vez vocês falaram uma coisa interessante, no Mário, que pra arrumar namorado ele tem que ser assumido.*

Ah, sim, tem que ser assumido. Isso mesmo!

<sup>62</sup> Talvez fosse interessante pensar a relação de Tiago com uma homossexualidade pública mais em termos de uma descoberta dos outros que um movimento do mesmo em “se assumir”. Conforme Cláudio e outras pessoas dessa e de outras redes disseram, todos já comentavam sobre um “evidente” relacionamento entre eles. Não apenas isso, mas o fato de suas práticas não-heterossexuais terem sido reveladas ao seu núcleo familiar através de um flagrante dado por sua mãe enquanto ele transava com Cláudio, corroboram essa consideração. Além disso, Tiago hoje está casado com uma mulher, com quem teve um filho. Desse modo, a própria idéia de “coming out” aqui não cabe, pois Tiago não constituiu uma identidade gay/homossexual, mas heterossexual.

*Por que isso?*

Eu não vou namorar com um garoto que diz pra mãe dele que tá saindo com a Isabela... E eu sou a Isabela! (risos) E foi muito isso que aconteceu com Rogério. Ele dizia para a mãe dele que namorava com a Fabiana. E eu era a Fabiana! Entendeu?

*Mas porque que você não acha legal isso?*

Acho que o cara tem que bancar de estar comigo.

*O que quer dizer ter de bancar?*

Bancar, tipo, por exemplo. Ele tem que, que... de dizer... é... Eu vou dar um exemplo assim... Do Tiago e do Cláudio. Os dois transavam, fudiam gostoso e tal não sei o que. Aí na hora de, por exemplo, de repente... se tiver que assumir, por exemplo, assim, não faz isso não... Se a gente tivesse numa situação de, por exemplo, numa festa e alguém tivesse dando mole para o Cláudio, aquilo outro, eu não sei o que não sei que lá, o Tiago jamais ia chegar na festa, ia dizer pra garota: “Pô, ele é meu namorado. A gente tá junto. Não tem nada ver”. Ele não vai fazer isso, um garoto que não é assumido, entendeu? Porque é importante... [...]

*Mas porque que é importante se assumir?*

Porque é importante ser assumido, porque eu acho que tem que ser assumido.

*Por quê?*

Porque, porra, eu acho.

*Mas por quê tem que ser assumido? Antes de tudo, o que é ser assumido?*

Não é ser assumido, não é ficar gritando para todo mundo que é viado. Não é isso. Mas é ele saber que ele é gay e que ele namora com outro rapaz. E que se as pessoas tiverem que saber disso, que ele possa dizer isso sem nenhum problema. Entendeu?

Augusto fala que “ser assumido” não significa sair por aí gritando “que é bicha”.

Continuando a entrevista, ele ainda critica a parada e o caráter pouco político que, para ele, o evento tem – cita, sobretudo, os “viados que ficam fudendo na rua”<sup>63</sup>. Para além de uma crítica que, de certo modo, é amplamente difundida, considero oportuno sinalizar para a existência de um (re) conhecimento da existência, de um modo de atuação e de uma ‘repercussão’ do movimento LGBT para algumas bandeiras específicas. É ainda mais interessante a leitura que produzem a respeito de uma íntima relação entre um domínio das emoções, da manifestação pública dos sentimentos, de afetuosidade, e um plano político.

Podemos observar isso na entrevista realizada com Pedro:

*Vocês uma vez falaram que o ideal de namorado era alguém assumido e não sei o que não sei que lá.*

*Por que esse ideal?*

Porque quando você namora, eu já sou bem resolvido com relação a minha orientação sexual.

*O que é ser bem resolvido?*

Eu sou uma pessoa que não tem problema nenhum com a minha sexualidade. Eu não tenho problema nenhum das pessoas na rua me chamarem de gay, apesar de incomodar, mas pra mim não é problema nenhum. Não tenho problema nenhum de estar em um lugar e dar a entender que você é meu namorado, que fulano é meu namorado... Não tenho problema nenhum. Então, tem algumas pessoas que às vezes a gente sai, que são legais, mas que a gente para de sair, que fica meio que se escondendo. Incomoda, não quer dar a entender. Ou você é ou você não é! Não é ficar retraído, com vergonha. Eu acho que gay tem

<sup>63</sup> Aguião (2007), em contexto etnográfico similar, também identifica a existência de uma crítica dos seus interlocutores ao modo como atua o movimento gay. Contudo, como destaca, essa não é uma avaliação universal, de todos. A autora qualifica diferentes ênfases entre seus interlocutores, desde as “figuras deveras engajadas” até “pessoas que faziam questão de se mostrar desinteressadas em qualquer tipo de discussão política” (Aguião, 2007, p. 119).

os mesmos direitos de hétero. (...) Tem que sentar a vontade, ficar num lugar à vontade, do jeito que você é. Dar pinta a vontade sem medo de ninguém!

É interessante pensar nesse chamado/desejo pelo direito ao afeto como um direito que deve ser garantido a todos: homossexuais e heterossexuais. Ainda na produção dessa relação que elaboram, é interessante a piada que circula entre esses jovens a respeito da manifestação pública de carinho. Diversas vezes e com diferentes conformações de casais, em tom irônico, ouvia a exclamação: “Olhaaaaa, tá toda militante!”. Essa exclamação sempre era precedida por abraços mais prolongados, beijo trocado ou mesmo quando dois rapazes ou duas moças, em locais públicos, dançavam juntos. Acho que essa piada é um interessante aspecto da incorporação de uma associação entre afeto e política no mapa reflexivo e político desses sujeitos. É oportuno ressaltar uma certa intimidade com um determinado desenho contemporâneo do movimento LGBT, para poder explicitar que, apesar disso ou mesmo por isso, seu discurso – em alguma medida – identitário não assume contornos como o do movimento. Há uma certa crítica ao que considerariam exageros e algo como uma certa ‘artificialidade’ daquelas atitudes. Assim como tal movimento, eles operam com uma certa politização da intimidade, do privado, mas ao contrário do mesmo que o faz através de empreendimentos políticos *stricto sensu*, eles terão o plano do afeto para operar como orientador dessa dinâmica política própria.

## **2.2. Construções de si, família e visibilidade.**

Para compreender melhor como ocorre esse diálogo entre algumas estratégias e discursos próprios ao movimento gay e uma pragmática da construção de si por parte dos meus interlocutores, vale a pena incorporar as reflexões de Facchini a respeito da relação entre “campo” e “arena” (2005; 2009; 2010). Partindo do uso realizado por Santos (1977) das contribuições de Marc Swartz, a autora argumentará que:

“campo se aplica “aos atores envolvidos diretamente no processo sob estudo”, mas é tido como “suficientemente flexível, podendo se contrair ou expandir para fora dos limites da arena”, que se refere a “uma área social ou cultural imediatamente adjacente ao campo [...], onde estariam os que, ainda que envolvidos diretamente com os participantes do campo, não estivessem envolvidos em seus processos definidores” (SANTOS, 1977, p. 32). Nesse sentido, no “campo” do movimento [LGBT] estariam todos os atores sociais diretamente envolvidos em seu cotidiano, como as organizações ativistas, as agências estatais e poderes públicos com os quais se relaciona e os atores do mercado que abrem espaço ou se

dirigem a homossexuais. Na “arena”, estariam todos(as) aqueles(as) que poderiam se reconhecer ou ser reconhecidos(as) a partir das categorias enunciadas no sujeito político do movimento, sem, no entanto, estarem diretamente envolvidos(as) no cotidiano da militância” (Facchini, 2009, p. 133).

Considero a elaboração desses dois planos bastante profícua para pensar a construção das homossexualidades, sobretudo, as de jovens LGBTs cujo as primeiras experiências em uma (possível) carreira sexual não-heterossexual já são marcadas pela atuação do campo, seja através da incidência política em diversas instâncias ou em sua “ampliação da visibilidade social”<sup>64</sup>, cujo o resultado tem sido a crescente difusão de uma “visibilidade positiva”.

Pensando as dinâmicas entre campo e arena e, mais precisamente, a relação entre os sujeitos políticos, de direito, definidos a partir das interações por parte do movimento e o modo como esses se identificam, constroem suas identidades e forjam categorias próprias tendo em vista a construção de si e do outro no dia-a-dia, Facchini (2010) explora três casos etnográficos e, a partir de entrecruzamento entre gênero, classe e geração, conclui que a “discrição” é um dos dispositivos eleitos por suas informantes (e seus familiares) para lidar com contextos de maior vigilância da sexualidade e ‘menos favoráveis’ à homossexualidade:

“Entre as jovens *dykes*, individualidade e privacidade parecem ser valores no âmbito familiar e a homossexualidade aparece articulada pelos familiares como um lugar social mais próximo da “normalidade”: o relato a respeito da sexualidade foi em geral melhor aceito pelos pais do que elas esperavam e, quando havia dificuldades, foi comum a situação dos pais buscarem como suporte um terapeuta. No entanto, para a maior parte das outras mulheres da pesquisa<sup>65</sup>, há bem pouca privacidade e autonomia e essa situação é manejada, tanto pelos pais (especialmente mães) quanto pelas entrevistadas, a partir da *discrição*”. (Facchini, 2010, p. 15).

Alguns pontos de contato e de distanciamento entre as interlocutoras de Facchini e os meus são interessantes para refletir sobre essa questão. As “jovens *dykes*”, membros de uma cena jovem feminista de mulheres cujas interações erótico-sexuais da maioria se dá com outras mulheres, com origem social nas camadas médias urbanas e ostentadoras de um estilo

<sup>64</sup> “A ampliação da visibilidade social se dá basicamente pelo debate público em torno de candidaturas e projetos de lei; pela adoção da estratégia da *visibilidade massiva* através da organização das Paradas do Orgulho LGBT; e pela incorporação do tema de um modo mais “positivo” pela grande mídia, seja pela inserção de personagens em novelas, seja em matérias de jornais ou revistas que incorporam LGBT como sujeitos de direitos” (Facchini, 2009, p. 139).

<sup>65</sup> Adiante no texto, ao caracterizar suas interlocutoras, explica quem são essas “outras mulheres da pesquisa”: “A *discrição* se mostrou crucial em minha pesquisa tanto para mulheres adultas de estratos médios quanto para as jovens e adultas de estratos médio-baixos e para as jovens de estratos populares que recusam relações com as *muito masculinizadas*” (Facchini, 2010, p.15).

de vida onde rock, performances masculinizadas – marcadas por um questionamento, uma contestação, de um masculino a partir de uma reelaboração do mesmo – e o ideal de *do-it-yourself* são conjugados em sua construção de si, distanciar-se-iam de uma orientação pela discrição em situações públicas. Essas jovens que podem ser consideradas como parte da “arena” – quando tomamos o movimento LGBT como “campo” – operam com uma visão de mundo que, a despeito de suas críticas ao movimento, observa alguns pontos de contato. Contudo, o que especialmente nos interessa – e é destacado por Facchini (2008; 2009; 2010) – é o seu papel positivo, o fato dessa “cena dykes” produzir, a partir da arena, uma política específica, onde tornar público relacionamentos entre mulheres, produzir uma crítica a certos padrões de masculinidade e um estilo rock-performático-feminista, serão os elementos acionados para dar conta de um “drama dykes”<sup>66</sup> e, desse modo, conferirem um lugar e um sentido às suas experiências.

Quando tive acesso aos dados etnográficos da pesquisa de Facchini, imediatamente identifiquei uma postura próxima a dos meus interlocutores. Emerge dos trechos de entrevistas e dos relatos de campo que eu trouxe uma certa opção pela não-discrição – ou por um não-silenciamento – em determinados contextos. Através de uma referência a valores que circunda o “ideal do amor romântico”, de sua manifestação pelo casal por meio da troca de carinhos e afetos, esses sujeitos atualizam um certo repertório de ‘visibilidade/afirmação da homossexualidade’. Tratar-se-ia de um sair do armário que não é mais dos sujeitos em si, mas das possibilidades de manifestação de carinho de seus autores.

Ao longo da minha pesquisa de campo, não verifiquei essas manifestações desinibidas de carinho entre meus interlocutores e seus respectivos ficantes e/ou namorados. Destaco isso, pois é interessante pensar esses discursos também como um plano das representações ou um

---

<sup>66</sup> Facchini define o drama das minas do rock, das *dykes*, como um desafio que passa pela construção de gênero, mais exatamente da construção das suas interlocutoras como mulheres “viáveis e bem sucedidas de sua cor e classe”. Segue um interessante trecho da Tese da autora: “Entretanto dizer que classe e cor/“raça” são experimentados por elas, a partir de um lugar não-marcado, não significa pensar que sua “branquitude” e o pertencimento a estratos médios ou médios altos não coloquem problemas específicos para a construção de um lugar no gênero. As pressões para que se tornem mulheres de determinada cor/“raça” e classe, com um lugar específico em relações de poder, são intensas. (...) Isso é compartilhado por garotas que são interpeladas por gênero, ainda que não tenham práticas homoeróticas e/ou não se sintam homo ou bissexuais. Todas estão submetidas a pressões consideráveis para se tornarem mulheres viáveis e bem sucedidas de sua cor e classe, o que implica restrições no campo de gênero e de sexualidade. O drama das *dykes*, nesse sentido, não deixa de dialogar com o drama de outras garotas da *cena*”. (Facchini, 2008, p. 174).

certo desejo que apenas se buscaria manter, desempenhar, como eles próprios dizem, em relacionamentos “sérios”, “namoros”, com “alguém que você goste mesmo”. Ainda para ser fiel ao que se narra e ao que se vive, é bem verdade que ao longo do meu trabalho de campo esses interlocutores, exceto Cláudio cujo relacionamento com Marcelo é o caso contemporâneo a pesquisa tratado aqui, não se “apaixonaram”, não dispendo, portanto, do elemento necessário para desempenharem o que se discute aqui.

Convivendo com aquelas semelhanças, algumas características das personagens da minha pesquisa e as de Facchini são consideravelmente diferentes. Se entre as famílias das dykes a homossexualidade ocupa um lugar “mais próximo da normalidade” e a privacidade – junto com a individualidade – é um dos valores que orientam a sua convivência, nas dinâmicas familiares dos jovens por mim pesquisados – que, em princípio, são social e economicamente mais próximos das interlocutoras de Facchini que primam pela discrição – isso se dá de outra maneira.

Inicialmente, é interessante pensar como ocorreram os momentos de revelação, do “se assumir” à família dessa rede: Ângela foi vista em um local de sociabilidade gay por uma vizinha. Preocupada, conversou com sua irmã mais velha que recomendou que ela se antecipasse as “fofocas”. Estranhou o fato de “no início” seu pai “ter aceitado” mais que sua mãe, pois “era de se esperar o contrário”. Fabiana decidiu contar aos seus pais, pois sentia muita vontade, “amava a sua namorada” e não queria “continuar escondendo”, “queria compartilhar isso [o fato de estar “apaixonada” por uma “menina especial”]” com eles. Seus pais, segundo contou, não mostraram nenhum estranhamento com relação ao que lhes fora narrado, já “tinham notado” – a ausência de uma reação especial negativa e o “já notado” garantiram muitos risos e piadas por parte dos demais integrantes da rede durante um bom tempo, pois era um sinal que Fabiana é “muito sapatão”. Cláudio tem pais separados e a ‘revelação’ só foi feita à sua mãe – pelo pai de seu ex-namorado (Tiago) que ficou sabendo pela sua esposa que – na situação em que foram “descobertos” – parecia ter se preparado para pegá-los “no flagra”<sup>67</sup>. Uma série de tensões então se desenhariam na relação entre Cláudio e

---

<sup>67</sup> Cláudio conta que estava na casa de seu ex-namorado e que esperaram a mãe dele dormir para transarem. Quando imaginavam que ela já estava dormindo, começaram a transar. Contudo, “no meio da transa”, “ela desceu muito rápido” e os pegou ainda sem terem se vestido completamente. Por fim, ela disse: “Eu sabia! Já

sua mãe, oscilando entre conflitos diretos e um certo silenciamento mútuo da questão; Augusto e Pedro foram inquiridos por suas mães a respeito de suas sexualidades. Para o primeiro, o fato de “ser pintosa”, dos amigos também serem, a presença constante de seu namorado – mesmo que como “um amigo” – em sua casa e de ligações de diferentes rapazes, foram importantes elementos que produziram uma certa dúvida e o questionamento da sua mãe; já para o segundo, o fato “de nunca ter levado uma menina em casa”, “ser pintosa” e “as amizades” foram decisivos.

Uma questão que esteve presente entre todos esses relatos e também nos demais interlocutores foi a existência – anterior ‘a revelação’ – de uma certa dúvida ou de elementos que, para eles, permitiriam aos seus pais identificarem seus comportamentos desviantes. Os casos de Augusto e Pedro, que foram perguntados a respeito de suas sexualidades, são emblemáticos sobre a presença de um forte controle por parte das mães e da existência de outra referência no que tangencia a privacidade. Além desse gesto das duas, destaco os relatos sobre uma rejeição maior – ao menos no início, após “ter contado” – das mães em relação aos pais. Todos os relatos foram unânimes em apontar uma forte rejeição das mães (exceto os casos de Fabiana e Pedro<sup>68</sup>) e, em muitos casos, o não-envolvimento paterno.

Duas chaves, intimamente relacionadas, podem nos ajudar a entender isso. Uma ampla literatura sócio-antropológica tem, desde a década de 80, indicado a importância das mães como núcleo moral da família (Salem, 1981; Duarte, 1988; Guimarães, 1996). Como defende Monteiro (2002, p. 63), “o papel da mulher na favela é de ser serviçal, mas é matriarcal, pois a influência da educação e da moral é da mãe, mesmo que o pai more com a família”. Assim, as glórias e inglorias, a responsabilidade sobre a condução da unidade doméstica, recai sobre essas figuras, o que permite compreender melhor o porque de uma ação mais engajada dessas na recusa da orientação sexual de seus filhos. Ângela comenta:

---

desconfiava disso. Amanhã vou falar com a sua mãe”. Cláudio, sua mãe, o ex-namorado e os pais desse congregavam na mesma igreja evangélica dentro da favela.

<sup>68</sup> Fabiana relata a ausência de conflitos com seus pais no que tangencia a sua orientação sexual. Conta, chamando o pai de “fofinho”, um diálogo que tiveram em sua casa, no escuro, em um dia que faltou luz. Seu pai perguntou se determinada moça era a “camarada” dela e, após a confirmação de Fabiana, ele a aconselhou a “tomar cuidado”, pois há muita gente que “faz maldade” na rua. Ângela também conta que seu pai teve o mesmo comportamento quando ela revelou a sua sexualidade para ele, “mandou eu tomar cuidado”.

“Minha mãe não falava muito comigo, não. A questão pra minha mãe, a questão toda pra minha mãe era o que que as pessoas iam pensar sobre isso, sobre eu... Então ela ligava mais pelo o que as pessoas iam falar. Só que com o tempo eu fui conversando com ela e tal, e hoje em dia ela não liga tanto”.

Esse aspecto também era bastante destacado quando o assunto era o tratamento que a mãe de Augusto tinha com ele. A motivação pelo “medo do que vão falar”, “preocupação com o que dizem” remete a dois elementos diferentes: 1) a presença de uma rede de fofocas que atua como um dispositivo de controle social, definindo sujeitos e comportamentos moralmente aceitáveis ou não; 2) por outro lado, esse também pode ser um mecanismo, uma interpretação produzida por esses sujeitos que tem como resultado reconhecer algumas reações mais violentas, menos compreensivas de suas mães – e outros entes queridos, próximos – sem responsabilizá-las por esses gestos. Sim, elas reagiram de um modo menos acolhedor, mas isso se deu menos em razão de um sentimento interno, de uma dificuldade ou agressividade dessas pessoas, dos seus comportamentos, mas, de algum modo, era fruto, era algo suscitado por uma demanda externa, pelas fofocas ou ainda “pela sociedade”.

É interessante destacar a difusão que essa representação do papel das mulheres e das mães tem nas favelas, presente também nas possibilidades de ação coletiva a partir das mesmas. Leite (2008), ao examinar os impasses que se colocam a organização dos favelados, argumenta que essas personagens, esses papéis, atualizam uma série de valores que as situam em um local moral especial. Desse modo, são consideradas as melhores – em termos de eficácia – em vistas a negociação, a mediação, seja com agentes do tráfico armado ou com as forças policiais. A variável religiosa, sobretudo, “ser evangélica”, é destacada pela autora como um dado bastante considerado na construção dessa figura pública. Trata-se de mais um capital que se soma ao anterior, mas que também tem um custo extra.

Não obstante esse papel desempenhado pelas mães, acrescenta-se o fato de algumas dessas serem evangélicas ou, no caso de Pedro, participar da Igreja Católica. Isso faz recair sobre elas uma cobrança dupla a respeito de seu controle moral: não só é função das mães exercerem esse controle na vida doméstica, mas, se evangélica, com maiores restrições e efetividade. Cláudio, em diversas conversas informais, fez alguns relatos sobre cobranças que sua mãe recebia na igreja que freqüentava – e mesmo em uma rede religiosa maior – a

respeito da sua sexualidade. A situação da mãe de Cláudio tinha um agravante: ela é uma liderança religiosa. Essa dimensão ‘desabonadora’, como é evidente, não se restringe a figura da mãe. Augusto, em sua entrevista, contou que algumas discussões que teve com seu irmão decorreram de piadas ou provocações que Carlos ouvia por sua causa. Lucas, do mesmo modo, conta que boa parte das suas brigas com seu pai tem origem nas “piadinhas” que ele tem que ouvir na rua. Ele conta:

“É aonde ele faz biscate, no ponto, os amigos dele que me conhecem, que me vê passar pra lá e pra cá, fica zoando ele. Olha lá a filhinha do Jorge passando, não sei o que lá. Isso que é mais a revolta dele. Na verdade, zoam ele por causa de mim, por eu ser gay, né? Aí que ele fica mais revoltado ainda. E, por ele, eu acho que eu nem morava mais aí nessa casa...”.

Além disso, tentativas de “mudança”<sup>69</sup>, de “deixar de ser gay” foram buscadas por três interlocutores – Maria, Lucas e Pedro, dois filhos de mãe evangélica e um de mãe católica – no início de suas carreiras sexuais. Mesmo tendo tentado “deixar de ser”, ou mesmo por isso, esses interlocutores, assim como todos os outros, recorriam a um discurso naturalista que sustenta a existência de uma homossexualidade essencial, pré-discursiva. Constantes eram as falas “ninguém deixa de ser” ou “ninguém vira”, concluindo que o primeiro passava a “ser enrustido” e o segundo “parou de se segurar”. Era interessante que essa tematização, na maior parte dos casos, referia-se aos que dispunham os dois elementos distintivos, fundamentais, que caracterizam a “bicha” no modelo hierárquico observado por Fry (1982): o papel de gênero feminino e o comportamento sexual passivo. Embora aquela concepção pré-discursiva, ao menos idealmente, parecesse se estender a todos os sujeitos que mantinham relações com pessoas do mesmo sexo, tendo sido articulado um discurso sobre isso algumas vezes, destaco que aquelas falas sobre a impossibilidade de “deixar de ser”, de uma certa imutabilidade, apenas eram acionados para caracterizar as “bichas”. Os sujeitos que se encaixariam naquela formulação e que tentavam se desvencilhar de uma das identidades não-heterossexuais eram, na maior parte dos casos, chamado de “bichona” ou “maricona” – termos não exclusivos a

---

<sup>69</sup> Outros interlocutores revelaram que em algum momento pensaram/desejaram não serem homossexuais. Contudo, apenas os três mencionados no texto relataram recorrerem a algumas técnicas para isso: o abandono de amizades, a frequência em cultos, missas, grupos de oração ou vigílias e rezas ou orações foram indicadas nesse processo. É preciso destacar que nem sempre essas técnicas/exercícios estiveram presentes ao mesmo tempo e nem que esses sujeitos apresentavam a mesma motivação, o mesmo nível de envolvimento nessa atividade.

esses. A referência a “bichona” pode ter origem em um jargão de um quadro de humor bastante popular nos últimos anos. Uma das personagens, a despeito dos esforços da outra em controlar a representação que os demais fariam de si, revelava ao final do quadro, após uma série de sinais que fugiram do controle do seu emissor: “Isso é uma bichona!”.

Retomando o argumento sobre a importância da presença de uma experiência religiosa apoiando um determinado desenho de moralidade na esfera familiar, chamo atenção para um caso contado acima. A única vez que a presença da figura paterna foi destacada em termos de engajamento em uma certa gestão da homossexualidade de um filho – não apenas de uma recusa, de uma rejeição, mas de um certo envolvimento mais presente na questão – foi no caso do pai de Tiago, ex-namorado de Cláudio, que foi comunicar à mãe desse sobre o relacionamento dos dois. Raul, pai de Tiago, é evangélico – ao contrário dos pais de todos os outros interlocutores. A ocorrência desse fato é interessante, pois dialoga com uma ampla literatura dos estudos da religião que indica a redefinição do papel do masculino, sobretudo, dos homens de camada popular a partir da adesão religiosa ao pentecostalismo. Esses, conforme os estudos revelam, passam a dividir com as suas esposas questões relativas aos domínios da casa e da família, responsabilizando-se também por uma certa manutenção moral da casa (Machado; Mariz, 1998).

Como destaquei acima, a rejeição das mães foi mais forte assim que foi revelada. Aécio, por exemplo, cuja mãe tomou conhecimento através de uma reportagem de jornal, quase foi expulso de casa<sup>70</sup>. Hoje há uma relação negociada, marcada pelo silenciamento de algumas de suas atividades – não só as diretamente ligadas a sua carreira afetivo-sexual – com a finalidade de “não ficar brigando”. Lucas retrata assim a mudança de sua mãe e sua leitura sobre a mesma:

Aí ela ficou passada, né, arrasada. Como todas as mães ela não quer o mau pro filho. Mas o que ela temia mais era de eu passar na rua, pelo o que ela via, o preconceito na rua, não sei quem apanhou no meio da rua porque é gay, não sei quem juntou, morreu. Ela tinha medo por causa disso. Eu passar na rua, alguém me xingar, eu querer revidar e me juntar, querer fazer covardia comigo no meio da rua. Mas

---

<sup>70</sup> Aécio, quando atuava em um grupo gay da favela, deu entrevista para um jornal – que também tirou umas fotos dos membros do grupo. Apesar de terem combinado a não-divulgação das fotos com o jornalista, a matéria, com imagens dos jovens, foi veiculada em um jornal de grande circulação popular. Sua mãe teve acesso ao jornal e, a partir disso, instaurou-se um conflito.

aí falou que o amor dela seria o mesmo, que nada iria mudar... para eu tomar cuidado, usar camisinha...<sup>71</sup>

Em seguida, Lucas contou que sua mãe, nessa conversa, “pediu pra não desmunhecar”, para “não ser um gay escroto”. Conta que hoje a relação entre eles é “muito boa”, pois “brincam”, “se divertem”, “zoam”. Os conselhos de sua mãe são próximos aos de seus irmãos:

*O que seus irmãos falaram quando ficaram sabendo?*

(...) Tipo, seja um gay, mas seja um gay discreto, não arruma confusão com ninguém. Continua estudando, arruma um trabalho e seja uma pessoa, um cidadão, entendeu?

*O que é um gay discreto?*

Ah, você ter a sua opção sexual, mas não precisa falar para ninguém, usar roupas... é, curtas, nem que identifique você, ser gay, entendeu? Normal, entendeu. Não ter a voz tão afeminada, não andar tão desmunhecado. Acho que é isso que eles querem...

Se, em geral, pude notar um certo abrandamento<sup>72</sup> nas relações familiares que se tensionaram com a revelação de uma orientação não-heterossexual, os dois casos em que os conflitos diretos permanecem muito presentes ocorrem com as duas mães evangélicas – Augusto e Cláudio<sup>73</sup>. No caso de Augusto, alguns conflitos com sua mãe serão vivenciados não apenas entre eles, mas envolvendo também Carlos, seu irmão. Relatei, no caderno de campo, duas situações familiares descritas por Augusto e Cláudio a respeito de seus contextos familiares:

Hoje estávamos no bar do Mário: Augusto, Cláudio, Bruno e eu. Augusto comentou algo como ser “humilhado” em casa. Cláudio respondeu “mas também é você que procura, né, Augusto?”. Perguntei “o que que houve?”. Augusto disse apenas que sua mãe estava reclamando. Perguntei, mais uma vez, “o que que a Alice [mãe de Augusto] está reclamando?”. Cláudio ia começando a contar o que tinha acabado de acontecer na casa de Augusto, mas interrompeu a narrativa: “Antes, eu tava vendo “Malhação”<sup>74</sup> na minha casa. Aí um casal se deu um beijo. Eu achei tão bonito, tinha química; aí eu comentei isso”. Tudo bem... Aí apareceu a lésbica. Eu comentei: “Ih, tem lésbica na malhação!? Nem sabia...”. Cláudio continuou: “Na hora que ela apareceu, minha mãe disse: “Que Deus nos proteja, pois estão querendo fazer com que isso seja normal””. Cláudio falou que “não disse nada”, ficou “calado”. Logo depois a vilã apareceu e comentou “nossa, ela é linda”. Cláudio contou que na hora a sua mãe

<sup>71</sup>Relatos sobre conversas a respeito dessa preocupação dos pais também foram feitos por outros interlocutores.

<sup>72</sup> Mesmo que isso, na verdade, possa ser pensado como um deslocamento da ênfase numa rejeição da orientação não-heterossexual para uma tentativa de controle a respeito de uma performance de gênero adequada, como vimos no caso acima, essa alteração parece implicar a redução de conflitos.

<sup>73</sup> A mãe de Lucas tem frequência ocasional a Igreja Universal do Reino de Deus, mas, pelo o que o interlocutor contou na entrevista, não há regularidade ou um sentimento de pertencimento da mesma a essa denominação religiosa. A mãe de Aécio também é evangélica, mas não teve acesso a muitas informações sobre o seu dia-a-dia em casa.

<sup>74</sup> Novela vespertina – exibida todos os dias, durante a semana, na TV Globo – voltada para o público adolescente e jovem.

respondeu algo como: “Fique tranqüilo que você arrumará uma dessas”. Informou ainda que ele ia “conseguir, pois ela estava orando e as orações não iam ser em vão; e se não for desse tipo, não seria nada!”. Cláudio respondeu, num tom debochado, que “vai ver era por isso que ele tava sofrendo”. Álvaro, seu irmão, na hora começou a “fazer piadas”, tinha “percebido que eu tinha ficado puto” e que pretendia/poderia responder sua mãe.

Cláudio, contrapondo-se ao comportamento de Augusto, retoma o evento que aconteceu com esse dizendo: “Mas o Augusto é diferente, ele fica entrando em confusão”. Augusto começa o seu relato: “Ah, viado, num é isso... Estávamos eu e Cláudio assistindo tv lá em casa. Aí o Carlos chega e já vai cheio de marra dizendo que vai assistir não sei o que. Cláudio corta Augusto para fazer um ‘adendo’: “Ele chega da igreja. A Alice [mãe], o Seu Clóvis [pai] e o Carlos estavam na igreja. Os três! Só o Augusto não estava!!!”. Augusto retoma a palavra: “Então, ele falou isso aí e eu disse que não era assim. Comecei a trocar de canal até que achei o vôlei. Falei que ia assistir o vôlei. Até o fim!!!” (brincou enfatizando a sua fala enquanto narrava). Seguindo isso, Carlos iniciou uma série de provocações em direção a Augusto: “Tu é um comédia”, “só faz vergonha”, “não compra nada para casa”, “gasta seu dinheiro todo bebendo”, “caindo na rua”, “fazendo vergonha”, lembraram Augusto e Cláudio. Cláudio conta, elogiando Augusto, o que esse disse à sua mãe: “Tá vendo só, ele só tá reproduzindo o que você fala. Tá se reconhecendo na fala dele”. Disso iniciou uma pequena discussão de Augusto com sua mãe, mas que logo foi interrompida quando ele foi para a rua.

As distintas reações desses dois interlocutores – destacadas na fala de Cláudio – sinalizam para os diferentes modos como se comportam e como negociam alguns valores em seus contextos familiares. No caso de Cláudio, há uma certa evitação de conflitos como bate-bocas, discussões e uma clara opção por silenciamentos, além do desenvolvimento de uma gramática onde é possível tornar clara certas posições sem recorrer a confrontos diretos. Foi interessante que, durante uma parte da etnografia, sua mãe parecia acreditar que eu e Cláudio tínhamos um relacionamento. Assim, todas as vezes que eu ia à sua casa ou encontrava com ela na rua, recebia um tratamento frio, distante, diferente daquele que ela mantinha com os demais amigos de Cláudio, sejam os mais antigos ou os mais novos. Ela nunca me disse nada ou para Cláudio, mas havia um certo consenso de que seu comportamento diferente comigo se dava por acreditar que e Cláudio mantínhamos um relacionamento<sup>75</sup>. Por sua vez, Cláudio evitava questionar a sua mãe. Se Augusto relatava brigas, Cláudio costumava dizer que estava “de mal”, que estava “sem falar com ela”, como estratégia de marcar seus posicionamentos.

Um caso interessante foi a semana que Cláudio ficou sem falar com sua mãe em razão de uma

<sup>75</sup> Em sua entrevista comentou esse fato: “Igual a você, minha mãe achar que você é meu namorado e destratar pra mim é um absurdo, mas eu também não vou me dar ao trabalho de ficar explicando pra ela, porque ela não se dá ao trabalho de me perguntar. Então que ela fique com as confusões dela, idiotas, que depois um dia, ela pensa que é idiota, porque ela tá sendo idiota, totalmente idiota”. Já no final do trabalho de campo, a mãe de Cláudio passou a se relacionar comigo de um modo mais próximo ao normal. Para Cláudio, ela teria notado que não éramos namorados. É uma interpretação possível. Contudo, acredito que o fato de eu tê-la ajudado em um trabalho da faculdade, que fez com que Cláudio me apresentasse como alguém que “faz mestrado”, emprestado um livro e ter me colocado a disposição, também foram importantes para essa mudança – até porque, de fato, a alteração no tratamento apenas ocorreu após o trabalho.

atitude da mesma. O computador na casa de Cláudio fica no quarto que ele divide com seu irmão. Em determinado dia, Augusto entrou no quarto para acessar a Internet. Cláudio entra depois e encosta a porta, acho que ia pegar uma roupa. Logo depois disso, sua mãe, “dando uma porrada”, abre a porta e faz “uma cara feia” para o mesmo. Cláudio conta que ficou com muito ódio, mas que – em razão disso – “preferiu não falar nada”.

Augusto também recorria a essas estratégias, mas na grande maioria das ocasiões era antecedido por alguma discussão com sua mãe. Não lembro de Augusto ter contado de suas não-respostas, de ter “se segurado”<sup>76</sup>, como ouvi algumas vezes de Cláudio. Uma das poucas situações onde fiquei sabendo de uma não reação sua se deu com sua mãe. Segue um trecho do relato de campo:

Hoje, no Mário, Augusto contou uma cena que aconteceu em sua casa, com sua mãe. Segundo narrou, estavam assistindo a novela das 21 horas, “Viver a vida”, que tinha uma protagonista que, ao sofrer um acidente de trânsito, tornou-se paraplégica. Essa personagem mantinha um relacionamento não aprovado pela mãe do seu noivo. A cena exibida mostrava a futura sogra conversando com seu filho a respeito de sua insatisfação com o relacionamento do mesmo, pois “ele estava bem de saúde e ela não”. Augusto teria comentado que entendia o que “passava na cabeça dela” e sua mãe, segundo ele, teria respondido imediatamente: “Como é para uma mãe que tem um filho homossexual?”. Augusto que, enquanto narrou essa história ficou muito emocionado, marejou seus olhos, revelou que na hora em que a cena ocorreu ficou “com os olhos cheios de lágrimas” e saiu da sala. Conta que quando voltou para sala, foi direto para o computador e sua mãe tentou retomar o assunto, “ela queria consertar”. Disse que cortou dizendo que “tava cansado daquilo”. Depois Augusto contou que seu pai, presente na sala, permaneceu todo esse tempo calado. Augusto ainda chamou seu pai de “fofo” por ele “não falar nada”.

Os comentários de Alice, de fato, pareciam ser um pouco mais agressivos que os narrados pelos outros interlocutores. Piadas provocativas que indicavam uma intenção em ‘testar’, ‘provocar’ alguma reação específica em Augusto – e mesmo nos amigos – parece ser um dos dispositivos acionados por Alice para lidar com o comportamento desviante do mesmo. Eu mesmo, certa vez, quando comentava que gostava dos nomes próprios “Maria” e “João”, fui perguntado por ela: “Mas você prefere ser Maria ou João?”. Ao responder “depende do dia”, arranquei risos de todos – Alice, Augusto e Cláudio –, parecia que eu tinha me ‘saído bem’.

---

<sup>76</sup> É preciso destacar que esse pode ser considerado o comportamento geral, cotidiano, de Augusto. Augusto sempre tinha uma resposta e reagia sempre que algo acontecia (com ele ou não). Em diversas situações pude observar que, mesmo nos casos onde uma relação de forças lhe era completamente desfavorável, ele quase sempre reagia.

Ao contrário do que ocorria com a mãe de Cláudio que deixava evidente seu desconforto comigo, Alice nunca emitia esses sinais. Sempre me cumprimentava, em sua casa ou na rua, iniciava conversa, perguntava como eu estava, não me cortava etc.. Contudo, certa vez conversando sobre as mães, Cláudio contou que Alice não gostava de mim, pois tinha “comido muito” no natal e ela era muito “mão de vaca”, isto é, mesquinha – eu passei a noite de natal do ano de 2009 com essa rede de interlocutores. Augusto, presente enquanto Cláudio contava, não negou. Em seguida, Cláudio continuou: “Ela agora gosta de você, mas só gosta de você porque acha que é uma boa influência para o Augusto”. Perguntei “Como assim?”. Ele respondeu: “Essa coisa de fazer mestrado, curso de inglês, de estudar. Ela acha que você pode ajudar o Augusto, ser uma boa influência”. Esse comentário foi interessante para eu problematizar o modo como interagia com os pais dos meus interlocutores. Como não pretendia encontrar empecilhos da parte dessas pessoas à minha pesquisa que, entre outras coisas, poderiam inviabilizar que eu entrasse em suas casas, procurava fazer uma apresentação de mim como “um bom moço”. Isto é, procurava evitar algumas gírias e, sobretudo, tocar no assunto homossexualidade, falar baixo, evitar as minhas sonoras gargalhadas e ser simpático. O fato de, em geral, ser menos pintosa que meus interlocutores, acredito, já dava uma suavizada em uma suposta, previsível e esperada homossexualidade. Sempre que o assunto era escola, educação, universidade, procurava falar bastante, não apenas porque, de fato, são assuntos que domino dado o investimento que conferi a essas coisas em minha própria trajetória, mas porque sabia que poderia ‘pegar bem’. Não sei se transmitia isso em minhas relações, se os pais compravam esse pacote, mas foi o papel que tentei performar para garantir um melhor desenvolvimento da pesquisa.

A piada/provocação de Alice me remete a outra ‘brincadeira’ a que também estive submetido, mas dessa vez foi o pai de Pedro quem fez. Faço um breve relato do 23º aniversário do meu interlocutor, tal qual está descrito no meu caderno de campo, pois isso permite uma compreensão melhor dessa dinâmica familiar:

“Quando cheguei na casa de Pedro, já estavam presentes Sérgio [primo dele], Caetano, Augusto e Cláudio. No quarto, ao lado da sala onde todos estavam, a mãe de Pedro fazia algo, acho que estava no computador, com a irmã de Pedro. Estranhei o modo como os meninos se tratavam pelo feminino, a mãe do Pedro estava no quarto ao lado. Aliás, não só se tratavam no feminino, mas ainda comentavam sobre conquistas e interesses de pegação. Começaram a me zoar por causa da viagem, do que eu teria feito lá etc.. Cláudio, num tom de brincadeira, muda o sentido da conversa convidando Caetano para ir à

casa de Fernanda, com uma clara intenção de trepar. Caetano faz um ar meio de timidez, mas Cláudio insiste “Vamos, é sério!”. Ficamos conversando sobre esses temas de sempre até que chegaram o pai e o irmão de Pedro. Não houve uma interrupção da conversa em razão da chegada deles, mas porque, ao chegarem, comentaram alguma coisa que tinha na rua, de alguma vizinha... Não lembro bem.

A mãe e a irmã de Pedro passam a ficar na sala. Muitas brincadeiras são feitas. Pequenos grupos de conversa se formam [Pai de Pedro, Augusto, Cláudio e eu; Caetano, Sérgio, Pedro, sua mãe e sua irmã]. Em determinado momento, não lembro a situação inicial, o pai de Pedro começa a falar de [nossa] sexualidade. É interessante que na entrevista com Pedro, realizada dois dias depois do seu aniversário, ele destacou que seu pai não fala “sobre esses assuntos”. E de fato foi o que – de um certo modo – ocorreu. Ele falava sobre bichas, sobre coisas que evidentemente incluíam o Pedro, mas sem olhar pra ele, que estava perto, em sua frente, no seu campo de visão – é interessante que esse papo apenas surgiu no momento em que Pedro não participava da nossa rodinha. O pai dizia “sem problemas a opção de vocês, o que vocês gostam...”, “eu gosto de mulher, mas isso é de cada um”. O pai de Pedro já chegou um pouco calibrado<sup>77</sup> e, na casa, continuava bebendo. Ele repetiu que “não tinha problema”, “respeito”, mas que apenas “pedia” para que Pedro se controlasse em situações públicas, em casa era tranquilo; pra ele “não tinha problema”, mas “para os outros não é assim. É para evitar cobranças”. E continuou: “O ‘grupo de vocês’ pode conquistar muitas coisas, tem muita gente contra, mas sabendo fazer as coisas vai ganhar muito”. Antes de concluir essa conversa, disse que se alguém fizer “alguma coisa” conosco, era pra “deixar”, ele ia “estar lá”, de “peito aberto garantindo” a gente. Após essa conversa, ele foi à cozinha e, em seguida, pegou uma garrafa de cachaça de sua cidade natal, uma pequena cidade no interior da Paraíba, para comemarmos o Pedro e seu aniversário.

Foi um consenso entre os presentes ao redor do ato de beber – inicialmente – pequenas doses de cachaça. Logo que íamos começar a beber, a mãe de Pedro sugeriu que pegássemos tangerinas, beberíamos junto com uma mordida, daria uma suavizada na ‘queimação’ que a cachaça produz. A brincadeira estava acontecendo, uns hesitavam em uma rodada, outros em outra, e assim foi. Apenas o pai de Pedro bebia sempre pestanejar. As mulheres [mãe e irmã do Pedro] não participavam do jogo, apenas observavam e riam ‘de fora’. Seu irmão, seu primo, ele e nós ‘fazíamos um charme’ e depois tomávamos. O volume de cada dose foi aumentando. Em determinado momento, as doses era maiores que uma comum. Não era mais um ou dois dedos, mas três ou quatro. Quando chegou a minha vez, reclamei um pouco da quantidade e pedi um tempo – recorrendo à dinâmica do charme, da hesitação. Nesse momento, o pai de Pedro disse: “Toma que nem homem...”. Eu, prontamente, respondi: “Que nem homem vai ficar difícil, eu posso até tomar, mas que nem homem...” Todos riram e o pai de Pedro apertou a minha mão<sup>78</sup>.

É interessante a ocorrência dessas piadas em casos que me parecem diferentes: se Alice tem uma posição mais próxima de uma “recusa” da homossexualidade do filho, isso parece ser diferente no caso do pai de Pedro. Em comum, a eleição de piadas, num tom provocador, desafiador, como um meio de lidar com a homossexualidade que, nos casos acima, se referiam a minha, mas que entendo que eu fui um meio de acessar as dos seus respectivos filhos<sup>79</sup>.

<sup>77</sup> Isto é, já tinha bebido um pouco de bebida alcoólica antes de chegar em casa, aparentava estar com gestos, tom de voz e etc., levemente alterados em razão desse consumo.

<sup>78</sup> Essa reação seria lembrada, em conversas diversas, como exemplo do quão eu sou “pesada” – falei sobre o que é ser “pesado”, “pesada”, em termos nativos, no capítulo anterior.

<sup>79</sup> Tive poucos contatos com o pai de Pedro, mas ele sempre foi caracterizado pelo Pedro como brincalhão, divertido. Já no caso de Alice, pude presenciar e ouvir relatos de diversas piadas que ela fazia em direção ao Augusto e alguns dos seus amigos. Também por isso, Alice era caracterizada como “pesada”.

Duarte (1988) examina a existência de determinados “padrões de agressividade verbal” entre os trabalhadores da colônia de pescadores por ele etnografada. Indicará que as mudanças nas relações de trabalho e produção, que conduziram ao surgimento de novas identidades sociais no contexto do pescado, somado a determinados estilos de sociabilidade reconhecidos pelo grupo e a necessária e inescapável convivência de todos por um longo período, conduziria a produção dessa gramática de agressões. Em seu texto revela:

“Encontramo-nos certamente face a um caso dessas *joking relationships* definidas na literatura antropológica como recurso social, código de expressão das ambigüidades da relação, articuladas pelos mecanismos concomitantes da aliança e do conflito. Como alternativa às relações de evitação, impossível pelas características do espaço e da ação social desenvolvida, constrói-se um sistema de agressão canalizada, limitada, em que o vigor da hostilidade manifesta é o penhor da indissociável cooperação”. (Duarte, 1988, p. 188).

Mesmo que esses “*joking relationships*” trazidos aqui não tenham o grau de hostilidade que permeie a agressão física, como os relatados por Duarte, eles, sem dúvida, guardam um tom provocador e, com esse, uma certa expectativa de resposta do provocado. É interessante a análise que o autor produz a respeito da nomeação, da definição de um apelido, em um jovem que se iniciava no grupo dos pescadores. Ao ser chamado de “Carrapeta”, por suas características físicas, o jovem respondeu “com um sonoro nome feio, revidando e desafiando em um tal nível que foi considerado por todos (...) como significativo de sua pertinência e adequação ao grupo” (Duarte, 1988, p. 194). Isso, segundo Duarte, se deve pois

“Duas relações pareciam se superpor: a relação de dominação do superior sobre o inferior e a reação, a resposta deste. Ambas marcadas pela agressão. Agressão de um apelido depreciativo; agressão de uma resposta malcriada. As duas, porém, acompanhadas da descontração de um feliz desenlace, da segurança da definição de uma linguagem comum”. (Duarte, 1988, p. 194).

As minhas respostas nas interações com a mãe de Augusto e com o pai de Pedro pareciam operar como o argumento apresentado por Duarte. Eu, mais jovem, gay e, de algum modo, novo no grupo dos seus filhos, passava por esses ‘testes’. Contudo, trazer esses eventos não tem como intenção tratar da minha relação com os pais dos meus interlocutores, mas sinalizar para um certo modo de se relacionar com a homossexualidade. As piadas, provocações e agressões verbais revelam um certo texto de enunciação dessa sexualidade

desviantes. A não opção pelo silêncio ou mesmo pela evitação, como indiquei no caso da mãe de Cláudio, e a produção de piadas, brincadeiras e provocações falam de uma tematização pública, de uma certa colocação em cena dessas experiências.

O que se pode observar a partir dos relatos desses casos é a existência de uma certa heterogeneidade tanto nas relações familiares como nas respostas dadas por esses jovens. Nos casos onde há uma certa inclinação – ao menos no campo discursivo – a uma certa publicização – ou, na verdade, uma não omissão – de sua não-heterossexualidade, como vimos no início desse capítulo, há uma certa experiência familiar de tematização pública dessa sexualidade – Augusto e Pedro são mais representativos, mas isso também está presente no caso de Cláudio. Assim, o rompimento de um silêncio – que poderia ser reconhecido como uma possibilidade de privacidade – pode ser feito através de tensões mais diretas – p. ex., questionamentos de toda ordem, comentários sobre fatos apresentados na TV ou narrados por vizinhos etc. –, através de piadas e provocações que – sob o signo de humor – canalizam uma latente agressividade ou mesmo através de gestos e/ou silenciamentos que comunicam. O que desejo destacar é que há um controle constante dessa experiência, mas que, ao contrário das estratégias de evitação de preconceito/discriminação/violência tratadas no capítulo anterior, aqui ele se apresenta menos como expectativa e mais como prática.

Facchini observa “o maior espaço de agência” entre as lésbicas mais jovens de classe média, permitindo-lhes experimentar identidades, possibilidades eróticas e estilizações corporais” sem ter de recorrer à discrição como meio de constituição de si. “As mulheres de estratos médios-baixos geralmente têm de negociar e se submeter a regras bastantes rígidas de *discrição* ou mantê-las por sua própria decisão, “quando optam por não falar de suas preferências para os seus pais”. (Facchini, 2008, p. 256). E conclui defendendo que entre “as mulheres de estratos populares” “o conflito é administrado entre pais (geralmente mães) e filhas, muitas vezes envolvendo violência física”. (Facchini, 2008, p. 257).

A partir dos relatos dos meus interlocutores, acredito que uma reduzida “privacidade” – ou um forte controle – não atuam limitando as possibilidades de experimentação de suas sexualidades ou o desenvolvimento de ‘uma performance de gênero menos adequada’ de um modo tão absoluto. Sem dúvida, as negociações de espaço atuam modulando outras

experiências de si, negando certos interesses e inviabilizando algumas experiências. A maioria dos interlocutores afirmou que “sonhavam” em levar seus/suas respectivos/as namorados/as em casa ou, os que já levam, em poder “dizer a verdade”. Contudo, destaco que essa é uma dinâmica mais reservada à casa e, de um modo ampliado e com uma ênfase reduzida, à vizinhança. As múltiplas redes e as possibilidades ampliadas por uma vida na metrópole, modelam uma experiência extra-familiar com infinitas possibilidades reais de experimentações.

Na verdade, esse conhecimento e, por conseguinte, controle familiar, mesmo que num cenário de rejeição, pode ser pensando como uma certa abertura para as experimentações ‘no mundo’. Quando perguntados sobre como foi depois que contaram, o que sentiam etc., uma resposta comum foi um sentimento de “liberdade”, pois já haviam contado a “minha mãe” ou “para os meus pais”. Esse devir “livre”, também era acompanhado do “agora não preciso me esconder”, “posso ser eu mesmo”, “não tenho mais medo que contem”. A revelação das suas homossexualidades, sem dúvida, pode ter gerado um maior controle ou perda de privacidade, porém ela também pode ser, e notei isso, vivenciada como uma certa abertura para um engajamento mais efetivo nessa carreira moral.

Como vimos, as negociações com a família se darão, ou mesmo as tentativas de vivenciá-las, ou ainda a lembrança que elas existem, num contexto mais doméstico, em casa ou na vizinhança. Assim, comentários como “não precisa beijar na frente dela”, “não vou esfregar na cara dela”, “não vou ficar afrontando” e “eu também não vou desrespeitar”, eram acionadas pelos mesmos sujeitos que operam com o plano de visibilidade justificado pelo ideal do amor romântico. É interessante um diálogo que tive com Cláudio. Ele, mais uma vez, dizia que estava “cansado” do Marcelo não “ser normal” na rua, isto é, trocar carinhos com ele, que estava “chateado”. Eu, em um tom aconselhador, perguntei a ele se ele já “tinha se colocado no lugar do Marcelo”, pois eles estavam num local perto da casa do então namorado. Eu completei: “Imagina você... Você ficaria fazendo carinho nele aqui [estávamos na Nova Holanda], onde a sua mãe mora?”. Cláudio apenas respondeu “É... Acho que não...”.

Uma narrativa comum a respeito de outras estratégias no interior da família era, como disse acima, apresentar namorados como amigos, colegas de trabalho ou namorados de

amigos. Essa parece ser uma orientação de todos os meus interlocutores, exceto Ângela e Maria, ambas envolvidas no grupo gay local, que afirmaram levarem as suas namoradas para as suas casas e apresentarem como tais às suas mães. O que desejo destacar é um plano de negociações, mesmo que em suas casas as pessoas saibam da orientação sexual de cada um, isso, contudo, não se traduz, entre outras coisas, na possibilidade de apresentar namorados/as como namorados/as. É interessante que os pais, a quem se ‘omite’, em geral reconhecem a verdadeira identidade dos ditos amigos – muitas vezes isso ficou evidente, para os meus interlocutores, através de uma “implicância” com uma pessoa ou mesmo através de perguntas diretas – como no caso do pai de Fabiana que perguntou se Fernanda era a sua “camarada”.

É interessante o ‘processo’ que levou a ‘entrada’ de Fernanda na família de Fabiana. Fernanda não era apresentada como amiga, mas pretendia, nas interações, ‘fazer-se’ mais uma na rede de amigos de Fabiana. Contudo, aos poucos, as namoradas foram ‘criando condições para a revelação e o reconhecimento’ dessa relação. Por uma amizade anterior e, acredito, por ser outro ‘estranho no ninho’, minha companhia, em festas ou espaços de frequência da família de Fabiana, foi solicitada muitas vezes por Fernanda. Fernanda tentava se fazer presente com uma gramática que associava simpatia, generosidade/atenção e uma determinada concepção de limite, próxima de um argumento associado ao respeito. Desse modo, sempre procurava estar nas festas da família, pois assim sua presença seria diluída no interior de um grupo maior – eu e outros amigos próximos de Fabiana. No entanto, antes dos eventos, na hora de comprar a cerveja a ser levada, sempre se ouvia “vou levar Antártica, a preferida da minha sogrinha”. Lá, Fernanda mostrava o cuidado com uma apresentação de si séria, cuidadosa, respeitável, mas também divertida e brincalhona. Ou seja, tinha cuidado ao recolher pratinhos e latinhas, procurava servir a todos quando pegava uma cerveja no isopor ou freezer, mas, em especial, a mãe de Fernanda – também o pai, mas esse era menos presente nas festas, parecia mais reservado; quando estávamos nos pagodes que ocorria na rua, sempre que era a sua vez de busca uma cerveja, se preocupava em garantir a da sogra. Tinha atenção para não dizer algo ou agir de um modo que suscitasse conflitos – o controle de carinhos, beijos e mesmo de expressões relativas a sexualidade faziam parte dessa gramática.

Vibrava com os seus êxitos, com os sorrisos recebidos ou quando sua “sogra” se aproximava de uma roda de conversa em que ela estava. Após esses eventos, todos fazíamos avaliações sobre seu desempenho e sobre a ampliação de uma intimidade, de uma proximidade, entre a “sogra” e a “nora”. Fernanda mostrava-se contente, tinha caminhado em sua escalada à ‘aceitação’, pois sua ‘sogra’ “riu da minha piada”, “veio falar comigo”, “minha sogra me chamou pro casamento” etc.. Lembro de uma fala de Augusto que, ao chegar na casa de Fabiana, notando que estávamos apenas Fabiana, Fernanda, eu (na sala) e o pai de Fabiana (no quarto ao lado), exclamou: “Toda aceita, meu bem!”

Desse modo, talvez essas omissões não falem tanto de um plano do segredo, do que se deve omitir, mas da existência de uma gramática de evitação que, nesse caso, marca-se por uma constante tematização da homossexualidade – seja através das brigas, piadas, questionamentos diretos sobre orientação sexual ou possíveis namorados, parceiros etc..

Combinado a essa presença constante de um discurso, de uma tematização da homossexualidade que se fala publicamente, algo não escondido, também é interessante destacar o papel da “pinta” em uma experiência pública da sexualidade. Como disse na introdução dessa dissertação, a grande maioria dos meus interlocutores pode ser considerada “pintosa” ou pessoas que “dão pinta”. “Dar pinta” ou “ser pintosa” refere-se a uma apresentação de si que sinaliza, informa, dá a entender uma sexualidade não-heterossexual. Isto é, um gay que “dá pinta” costuma trazer em seus gestos, entonação da voz, escolha de vocabulários, gírias, vestuário, corte de cabelo, acessórios utilizados, modo de andar, de parar, enfim, de ser<sup>80</sup>, aspectos associados à homossexualidade que, em geral, para esse personagem também são definidos como femininos. Trata-se de uma *hélix* corporal, isto é, um modo de interagir com o próprio corpo, identificável – ou denunciável – como uma determinada ‘verdade’, a de “pintosa”. Uma verdade que é em si mesma transgressora, visto que representa e é fruto de uma certa distorção, de um rompimento, em uma visão de mundo naturalista com

---

<sup>80</sup> Lembro que quando iniciei o trabalho de campo, um dos meus interlocutores, ao narrar algum evento, para indicar que passou um tempo na narrativa lembrada, dizia “pinta, pinta, pinta, pinta...”. Algo que parecia dizer que o próprio comportamento cotidiano, ordinário, normal, de algum modo, o próprio estar/ser desses sujeitos, é a “pinta, pinta, pinta”.

relação ao gênero e aos seus papéis/comportamentos esperados. Contudo, também é acomodação, pois, como destaca Fry (1982), as relações entre pessoas de mesmo sexo, tal como operado pelo sistema de classificação hierárquico, mais próximo do modo como as camadas populares, são pensadas a partir de uma certa complementariedade entre o feminino e masculino, entre a “bicha” e o “homem”. Portanto, as possibilidades de questionamento da bicha com relação a uma visão de mundo naturalista com relação ao sexo fisiológico e gênero, convivem com a sua acomodação no interior de uma relação entre o gênero e comportamento sexual e social esperados.

A própria definição do adjetivo em sua variação no feminino – diz-se “pintosa”, não “pintoso” – indica uma certa expectativa/compreensão social de uma não adequação ao masculino, donde se concluiria que esse indivíduo é “gay”, “bicha”, “viado” – a partir de uma construção social da masculinidade/feminilidade enquanto pólos opostos e complementares. Dar pinta é, portanto, um atributo – uma “característica distintiva” – da “fachada” dos sujeitos que – reconhecidos socialmente – constituirá um dos substratos para se forjar uma “identidade social virtual” de gay (Goffman, 1978; 1988). O mesmo autor (1978, p. 12) argumenta que em nossas interações produzimos algumas exigências – que, em muitos casos, ignoramos – “cujo caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma *identidade social virtual*”. Um caso interessante é o irmão de Cláudio, Álvaro, que em razão de sua performance considerada pintosa – modo como anda, gesticula, tom de voz etc. –, é acusado de “bicha” entre os amigos de Cláudio. É interessante que esse defende seu irmão dizendo que ele (seu irmão) “só é pintosa”. A ausência de uma performance “de homem” de seu irmão é justificada pela idade do mesmo: “ele é muito novo, ele é bobinho... nada a ver dizer que o garoto é bicha”. Ao dizer “só porque ele é pintosa”, Cláudio evidencia um relativo ‘potencial destrutivo’ dessa classificação e sua associação com a homossexualidade<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> Cláudio contou que Camilo, um adolescente de 15 anos que participa do projeto onde ele atua como multiplicador, é obrigado pela mãe a “treinar a ser homem” na “frente do espelho”. Segundo contou, “Camilo é muito pintosa” e sua mãe, que “é evangélica”, “manda ele ficar todo dia na frente do espelho treinando”. Esse é mais um exemplo da leitura que produz uma associação imediata entre uma performance mais distante do que seriam os modos reconhecidos da masculinidade hegemônica e um provável desenvolvimento de uma orientação não-heterossexual.

O que desejo destacar é que há uma experiência fundamentalmente pública da homossexualidade, não reservada, privada ou marcada pelo segredo. Isso, conforme pude recuperar nas entrevistas e em algumas conversas informais, não se deu apenas após a ‘revelação’ de suas identidades sexuais. Desconfianças familiares, piadas de vizinhos e conflitos já eram presentes desde a adolescência. De algum modo, todos, apesar de reconhecerem as possibilidades de jogarem com as suas fachadas, pareciam se reconhecer como “desacreditados”<sup>82</sup> desde, pelo menos, o fim da adolescência. Uma certa rotinização da transgressão, em suas variadas formas e modos de tematização, conflituosas ou não, põe as experiências desses sujeitos como objeto de constante discurso no interior da família. Desse modo, a não opção pela discrição, como, por exemplo, as interlocutoras de Facchini de camada popular, fala de uma experiência da sexualidade marcada por uma experiência pública desde seus primeiros envolvimento – e mesmo antes<sup>83</sup> – em suas carreiras desviantes. Seus pais questionam, duvidam, perguntam, fazem piadas etc.; de certo modo, pode-se perguntar se esta tematização, colocação em discurso, não pode produzir essa experiência mais pública, visível, das homossexualidades dos meus interlocutores. Como disse Facchini, “a privacidade e a autonomia para administrar o segredo vão decrescendo conforme a classe”, mas acredito que isso não resulte, necessariamente, em um cerceamento das experimentações corporais, afetivas e sexuais na constituição de si.

### **2.3. *Quem são os que se visibilizam?***

Os dados e a reconstituição trazidos na seção anterior são significativos para entender essa política dos sentimentos e da visibilidade apresentada no início desse capítulo, mas, mesmo que essa experiência pública da visibilidade se faça presente entre quase todos os meus interlocutores, apenas um grupo reduzido se aproxima daquela reação pública com a

---

<sup>82</sup> Goffman (1988, p. 14) argumenta que o estigmatizado pode desenvolver dois modos de gerir sua situação: ele acredita que sua característica distintiva não é conhecida ou evidente às demais pessoas, esse é o comportamento do “desacreditável”, ou “assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente”, como o desacreditado.

<sup>83</sup> Aqui é interessante lembrarmos o uso que Guimarães (2004) faz dos estudos interacionistas, sobretudo, da teoria da rotulação desenvolvida por Becker (2008), para pensar a importância que a identificação, a rotulação do sujeito como desviante tem para o engajamento do mesmo na carreira à qual é associado. A autora destaca, a partir da rede que etnografou, que ainda no período de saída da infância e entrada na adolescência, uma acusação, pública ou não, de uma suposta homossexualidade seria incorporada pelo sujeito em seu *self*.

homossexualidade. Considero que mais três variáveis devem ser trazidas aqui (geração, adesão a uma subcultura gay e o envolvimento em projetos sociais) para melhor entender esse caso.

Em um artigo de 1987, Pollak e Schiltz, ao investigarem a constituição das identidades sociais de homossexuais franceses diante da Aids, indicaram a existência de três distintas categorias (“homophile”, “pédé” e “gay”) representativas de três diferentes personagens com suas respectivas experiências, forjadas como um meio desses sujeitos fugirem da desqualificação presente na linguagem médica. Não se trataria apenas de um modo de chamar, de classificar as coisas, mas de diferentes formas de autopercepção, de constituição de si, de modos de ser. Para a reflexão aqui empreendida, interessa a última dessas classificações.

Pollak e Schiltz (1987) definem “gay” como o personagem portador de um *ethos* hedonista, pela sua juventude, pela origem social em setores médios e porque já teriam sido os primeiros beneficiados de uma educação sexual mais igualitária. Sua atuação política seria marcada por uma performance que afirmaria seu caráter desviante, uma busca de positivar algo que é reprovado socialmente. Quando escrevem esse artigo, o cenário pesquisado pelos autores ainda não tinha observado o grande impacto, em termos da produção do personagem homossexual e da própria experiência da sexualidade, produzido pela Aids. O que desejo destacar é que a experiência, o sujeito, os valores indicados sob a identidade “gay”, se alastraram por diversos estratos da sociedade e não mais se restringem a, por exemplo, os “setores médios”. Fundamental na constituição desse personagem, ainda mais se o confrontarmos ao homophile, é o seu pertencimento geracional. Não é a toa que os autores indicam as diferenças com relação a essa característica entre essas personagens. Quero, então, destacar aquilo que pode ser uma experiência bastante difundida entre os jovens gays, sem, com isso, dizer que é exclusivo desses ou universal entre eles: uma performance mais afirmativa da sua homossexualidade, dado um cenário mais favorável, ou menos refratário, a essa experiência. Em geral, os meus interlocutores eram jovens, apenas Carolina tem 32 anos, mas nem todos apresentavam o discurso a respeito da visibilidade aqui analisado. Por isso, é

importante reconhecer a importância da variável geração, mas aprofundar na identificação desse perfil.

Combinada a experiência descrita acima – e muito relacionada com aquela experiência/identidade – é a adesão dos sujeitos a uma subcultura gay, com todas as influências que isso proporciona na construção de si, através dos seus espaços de sociabilidade organizados a partir do lazer e/ou sexo e da linguagem apreendida/incorporada, que desejo destacar. França (2006, p. 104-105) nos ajuda a entender a relação entre a frequência em espaços de lazer do “circuito GLS” e a constituição de uma identidade LGBT positivada a partir de uma recuperação da relação entre movimento e mercado GLS nas duas últimas décadas:

“A década de 1990, além da expansão desse circuito – então também já conhecido como GLS – trouxe consigo uma configuração diferente do “gueto” homossexual de outrora: os espaços de consumo e sociabilidade passaram a incorporar em certa medida o discurso político de orgulho e da visibilidade, explicitando o seu direcionamento a um público de orientação determinada e incorporando símbolos popularizados pelos militantes, como a bandeira do arco-íris. Assim, perde força a grande diferenciação estabelecida pelo movimento a partir da “invisibilização” de homossexuais pelo “gueto”, e também as fronteiras do que pode ou não ser considerado atuação política. Atores que a rigor constituíram o mercado segmentado também começaram a ser vistos – e a se considerarem – como articuladores de uma ação política, estimulando a “auto-estima dos homossexuais” e a formação de uma “identidade positiva” – mediante iniciativas como festivais de cinema, editoras e mesmo espaços de lazer e sociabilidade – e circulando informações dentro da “comunidade”, por meio de *sites* e revistas especializadas”.

Com essa referência, quero destacar que a grande frequência desses jovens em “circuito GLS” constitui uma variável interessante para pensar a relação que mantêm com relação a si mesmos, bem como as possibilidades de forjarem uma identidade positivada e, desse modo, um desejo, uma não-recusa ou ainda o local especial que sua afirmação pode ocupar em suas experiências de vida. O que se pode observar é que a participação em determinados espaços pode conduzir a um certo empoderamento desses sujeitos, não apenas com relação a si mesmos e aos seus pares, mas em direção aos que não compartilham do mesmo desvio<sup>84</sup>. Embora seja uma experiência comum a presença desses jovens em espaços gays, acho que existem nuances interessantes sobre isso.

---

<sup>84</sup> Uma leitura interessante das repercussões dos equipamentos do “circuito GLS”, realizada em diálogo com as conclusões de França, é a feita por Facchini (2009, p. 142): “A crítica ao *vitimismo* como estratégia política e a emergência e difusão de propostas de “visibilidade positiva” de LGBT, por exemplo, levam a uma

Laura Moutinho (2006) destaca a ampliação do “campo de possibilidades” dos homens homossexuais negros e moradores do subúrbio – um dos casos por ela analisados é o de um jovem morador da Favela da Maré, a partir de suas incursões em uma cena gay. Ao se incorporarem às dinâmicas de afetos e prazeres envolvendo *gringos*, estes indivíduos gozariam de uma margem de manobra mais ampla que seus vizinhos heterossexuais, seja masculinos ou femininos, e, mesmo, que as lésbicas e travestis. A partir da articulação entre raça e desejo, Moutinho defende que a circulação destes jovens no *circuito GLS* constituiria, na experiência de seus interlocutores, um meio de ampliação de seu “capital cultural, econômico e social”. Sobre isso, a autora diz:

“Esta relação não foi narrada como parte de uma cena melancólica ou decadente. Não se trata, igualmente, de afirmar qualquer maquiavelismo inserido em um projeto de ascensão social, mas sim de registrar que é esse sujeito social quem possui um conjunto de características relativas ao gênero, à cor, à orientação sexual e à classe que lhe permite uma chance maior de vivenciar e acumular novas e diversas experiências, bem como de aumentar seu capital cultural, econômico e social. Em outras palavras, a análise das trajetórias acima apresentadas permite que se vislumbrem algumas das possibilidades de atuação de indivíduos que vivem em situação de pobreza no Rio de Janeiro” (Moutinho, 2006, p. 114).

Entre os meus interlocutores, um deles, Lucas, acionou os dispositivos indicados pela autora e revelou as mesmas competências, estratégias, que os interlocutores de Moutinho. Contudo, a presença dos demais jovens apresentava uma grande variedade de justificativas, indo desde o “se sentir melhor” até “é mais fácil pegar [alguém] em lugar gay”.

O grupo que emitiu o discurso escrutinado nesse capítulo, apresentou uma frequência maior em espaços de sociabilidade gay que os demais interlocutores – lembro de alguns períodos em que iam de duas a três vezes durante o fim de semana, podendo, inclusive, ocasionalmente combinarem com idas durante a semana. Contudo, não só a quantidade de frequência – que pode representar uma adesão a determinando estilo de vida vinculado nesses

---

aproximação entre o discurso de ativistas e o de atores ligados ao mercado segmentado. Nesse contexto, é importante notar, como enfatiza Isadora Lins França, a importância da arena das relações que envolvem o consumo como permeadas de implicações políticas: a afirmação de uma *identidade positiva* e da *visibilidade* se faz acompanhar também do surgimento de uma nova postura entre o público consumidor, que atua na garantia de seus direitos ao consumo como um caminho para a conquista de cidadania. Isso se expressa claramente nas reações às restrições quanto à demonstração pública de afeto entre pessoas do mesmo sexo: os *beijos* em bares e restaurantes não explicitamente direcionados aos homossexuais, mas frequentados por esse público, têm se tornado cada vez mais comuns desde meados da década de 1990, sinalizando uma atitude em direção à exigência de igualdade de tratamento em espaços públicos”.

espaços – deve ser considerada, mas também o tipo, a qualificação do lugar aonde se vai. Enquanto os membros dessa rede mantinham uma freqüência mais equânime entre equipamentos de lazer identitários – como “boates” e “bares gays” – e locais para práticas sexuais, isto é, espaços de pegação – portanto, bem menos identificados com a produção de sujeitos sociais, atores políticos e discursos sobre a homossexualidade –, os demais interlocutores costumavam ter uma freqüência maior em espaços mistos e, quando gays, muitos preferiam ir em “lugar de pegação”. Não que não freqüentassem boates ou que recusassem esses equipamentos de lazer, mas que a ida a esses locais era, em geral, menor que em locais mistos e, se pensados em relação aos lugares de “pegação”, compartilhavam o mesmo nível, a mesma quantidade de freqüência.

O argumento aqui empregado não pretende isolar e eliminar por identificação a espaços de pegação ou ainda a partir da freqüência (ou não) a esses a afirmação de uma identidade gay, posto que todos os meus interlocutores se reconhecem como gays, mas compreender que o modo diferenciado como esses espaços se constituem (um entorno de identidades e outro de práticas) e a freqüência a esses são indicativos de determinadas possibilidades e opções de construção de si. Isso pode ficar mais claro, visto que, comparativamente, a freqüência a boates gays está mais associada a uma certa socialização e identidade gay, portanto, em alguma medida, por “assumidos” ou ‘mais próximos’ disso. Sem dúvida, não se trata de uma relação imediata/direta entre freqüentadores de espaços de sociabilidade gay não exclusivos para trocas sexuais e a afirmação de uma identidade não-heterossexual, mas, como disse, comparativamente, os parques, ruas e banheiros de pegação, com seus segredos, escuridão e determinado estatuto do anonimato, acomodariam ‘melhor’ a experiência de homens que fazem sexo com homens, mas que não constituem uma identidade, ou seja, não assumidos. Isso, é claro, não quer dizer que nas boates encontrar-se-iam apenas indivíduos que recorrem ao repertório da visibilidade e estão dispostos à enunciação da sexualidade como discutido acima. Mas, se pensado em termos da eleição de locais para se ir e o que cada um deles oferece em termos de possíveis parceiros afetivo-sexuais, fica mais fácil reconhecer a maior afinidade entre os que desejam relacionamentos, digamos, ‘afirmados’ com espaços como boate e bares gays, que os espaços de pegação. Assim, o

grupo analisado fica mais restrito, guardando, sobretudo, o que seria um núcleo estendido do discurso aqui apresentado: Ângela, Augusto, Cláudio, Fabiana e Pedro.

Compondo essa configuração na constituição desses sujeitos, considero importante frisar que, desse grupo ‘que ficou’, apenas Pedro não participou de projetos sociais ou tem/teve alguma entrada, vinculação, a uma organização não-governamental local. Considero que isso não é uma informação secundária.

Valladares (2005), ao analisar os discursos produzidos a respeito da favela desde a sua aparição, destacará como principais ênfases a identificação da mesma a partir do risco à saúde, à higiene e à poluição estética da cidade. As favelas, a partir de então, se tornariam alvo de intenso falatório, reportando, na maior parte das vezes, às ausências e dificuldades que se tornariam fundamentais à sua caracterização. Contudo, a partir da década de oitenta observar-se-ia um recrudescimento na nova formulação dessa representação: a constante associação desses territórios com problemas sociais, em voga inclusive atualmente, se tornou ainda mais significativa: “a favela como lócus da pobreza” (Valladares, 2005, p.151), e conseqüente vinculação desta à violência, ilegalidade e marginalidade, conduziu não apenas a rejeição dessas regiões das cidades, mas, como conseqüência, a estigmatização dos seus moradores.

O caráter marginal desse espaço não permaneceria contido, circunscrito à sua dimensão física, mas seria acoplado, transferido aos moradores desses bairros, os favelados. Assim, a ilegalidade e violência constituem o modo de regulação de espaços habitados por sujeitos moralmente débeis, que não reconheceriam as leis e valores externos a esses espaços. Aliás, não apenas não considerariam esses valores – símbolos da “ordem” e da “civilização” – , mas atuariam deliberadamente em sua contestação e na tentativa de sua eliminação. Portanto, não se trataria de um problema desses territórios ou dessa população, mas de toda a sociedade potencialmente ameaçada pela desregulação que esses espaços, sua forma de vida e seus moradores representam. Os favelados tornaram-se então, uma “classe perigosa”, cuja necessidade de controle era urgente, pois a qualquer momento poderia insurgir contra a ordem social.

Muitos foram (são) os modos articulados para produzir uma eficiente gestão dessa população. Mais visíveis, evidentes e públicas foram (são) as ações militares violentas e repressoras – convertidas, recentemente, em “ações pacificadoras”. Contudo, outras ‘medidas preventivas’ foram (são) adotadas, entre elas, uma teve (tem) grande capilaridade e bastante adesão entre o seu público-alvo: “os projetos sociais”. Implantados a partir de ONGs, Igrejas, Associações de Moradores e outras entidades associativas, a sua expressiva maioria, tinham (tem) a intenção de “qualificar para o mercado de trabalho”, “melhorar o rendimento/aproveitamento escolar da criança e do adolescente”, “afastar os jovens do tráfico”, “do crime”; “informar sobre a prevenção a gravidez precoce”, “ao HIV/Aids”, “às drogas” ou ainda “desenvolver uma cultura de paz”. Um projeto poderia reunir todas essas intenções, combinar duas, três, mas, na maioria dos casos, articulava-se a partir da combinação de três campos de investimento: saúde, trabalho e educação. Contudo, o interesse de trazer essas informações não é examinar seus projetos e discursos, mas apontar para algumas ressonâncias de seus discursos na construção de si dos sujeitos dessa pesquisa.

Central na organização, no modelo de gestão, na ideologia desses projetos, são as difusas noções de “promoção da auto-estima” e “empoderamento dos sujeitos”. Em sua maioria, esses projetos eram voltados aos jovens, visto que a expressiva adesão de indivíduos dessa faixa etária a práticas criminosas, sobretudo, ao tráfico de drogas, os tornavam ‘os mais perigosos entre os perigosos’. Assim, esses projetos, a partir de gramáticas específicas, atuando a partir das mais diferentes práticas, discursos e exercícios, pretendiam produzir corpos dóceis, disciplinados, produtivos e úteis – não é à toa a eleição da educação, saúde e trabalho como campos principais de investimento.

Como agentes disciplinadores e produtores de uma racionalidade específica orientada por conduzir essas populações marginais à civilização, esses projetos sociais traziam/em consigo práticas individualizantes, psicologizadas, modernas. Como disse acima, a orientação por conduzir os sujeitos ao seu “empoderamento” ou a desenvolverem a “sua auto-estima”, fazia/faz com que operassem/operam com noções afirmativas de dispositivos próprios a um modo de constituição de si, de um estilo de vida, mais afinado com valores individualistas-modernos, progressistas, igualitários.

Como disse anteriormente, apenas Pedro não participou de projetos sociais. Todos os demais participaram de diferentes tipos, mas todos tiveram alguma entrada em pelo menos um cuja tônica se dava a partir da saúde do adolescente. É interessante que os relatos sobre a descoberta dos desejos e das primeiras práticas correspondiam ao período em que vinculavam-se a esses projetos. Não é preciso lembrar as discussões de Foucault a respeito da produção de um saber médico-psi a respeito da sexualidade dos sujeitos, do seu papel em termos de regulação de práticas específicas, da condução a uma experiência específica com relação a mesma, de descoberta de sua verdade a partir do reconhecimento e da experimentação da mesma, de si como um ser sexualizado.

Sob esse aspecto, é interessante a fala de Fabiana, cuja trajetória em projetos sociais é longa, onde exemplifica uma relação entre bem-estar, auto-estima e uma aceitação de sua orientação sexual, culminando em “ser assumido”. Ela diz:

“Esse trabalho (a existência de um grupo gay na favela, não o que existe, mas a sua consideração com relação a idéia de ter um) ajuda as pessoas entenderem, o lugar delas dentro, dentro do espaço onde elas vivem, sabe? Em como, pra elas não se sentirem envergonhadas, a não terem mais medo, sabe, a se sentirem pessoas como as outras, sabe? Porque, às vezes, eu fico achando que a coisa de ser gay, as pessoas tem uma coisa de baixa auto-estima, eu fico achando preocupante isso, porque ninguém tem que ter baixa auto-estima e muita gente tem, né? Tanto é que se esconde, que acha que não pode, que não pode revelar, eu acho que é um tipo de trabalho que pode alcançar muito”.

Assim, acredito que a participação desses jovens em projetos sociais é fundamental para os modos como se constituem, sendo, ainda, significativo para o discurso aqui examinado – em articulação com todas as demais variáveis trazidas aqui. A idéia de articulação é central, pois não se trata de uma seqüência, de uma soma, mas de uma íntima relação entre essas variáveis, falo em termos do desenvolvimento de uma configuração específica a partir dos pontos destacados.

#### ***2.4. Autenticidade X Artificialidade: Entre o saber ser e o saber fazer/dizer***

Retornemos ao ato/gesto/efeito de “se assumir”. Falo em artificialidade e autenticidade no título dessa seção, pois esses valores parecem brotar em suas narrativas a respeito do se assumir como um valor especial, de maior “dignidade”, quando se opera de um ‘modo correto’ essa revelação – não apenas consideram isso para eles mesmos, mas, como veremos,

reconhecerão em outros os mesmos valores. Um caminho interessante é pensar nesse exercício do revelar seus desejos sexuais a partir de sua inscrição num plano próximo ao da honra. Ainda chamou a minha atenção a referência sempre presente às noções de verdade, coragem e maturidade para caracterizar essa ação, mas, o que considero mais interessante, é que também são esses os valores levados em conta para requalificar os próprios sujeitos.

Segue um trecho da entrevista de Pedro em que chama atenção o papel da revelação, a importância desse seu ato em determinado tipo de relações:

*Você contou em outro lugar [além da família] que era gay?*

Pra alguns amigos sim

*E como é que foi?*

Alguns falaram. Até que fim que você se assumiu, né? Da minha boca, assim, tinha gente que eu achava importante saber da minha boca.

*Por quê?*

Por que era amigos muitos próximos meus, entendeu? A pessoa quando é minha amiga eu tenho um carinho muito grande. Eu prefiro que saiba da minha boca, que tenha a confirmação da minha boca.

Não foi apenas Pedro que falou da importância de que amigos e famílias soubessem de “sua própria boca”. Outros interlocutores relataram o mesmo desejo e uma satisfação por isso ter acontecido em suas relações mais íntimas, com “pessoas especiais”. A fala de Pedro pode ser interpretada à luz das reflexões de Nunan (2003) para quem o “*coming out*” pode ser tomado como um gesto que forja uma relação de confiança, um laço entre aquele se revela e aquele para quem se é revelado, conduzindo, assim, a um estreitamento de vínculo entre esses sujeitos, nos casos de uma resposta positiva, da aceitação pelo segundo. Para a autora, ainda será mais significativo do estabelecimento desse vínculo de confiança e, conseqüentemente, dessa proximidade da relação, quando a revelação se dá de um modo mais ‘pacífico’, ‘tranquilo’, possibilitando, desde o momento dessa revelação, uma primeira conversa sobre o assunto.

Aqui é interessante tomar uma fala de Fabiana que parece corroborar essas reflexões. Conforme ela relata, parece ter havido uma mudança na “opinião” que a família dela tinha sobre a mesma após ela “ter assumido”. Fabiana diz:

É isso... eu acho que essa coisa da sexualidade não interferiu em absolutamente nada, sabe? Pelo contrário...

*Como assim, pelo contrário?*

Não, assim... parece que depois que eu contei isso eles tiveram outra opinião sobre mim.

*Por quê?*

Sei lá, acho que de coragem... de eu ter contado, de eu ter assumido pra eles ali, daquele jeito. E que eu tava assumindo aquilo pra mim também, bancando pra mim, pra minha vida, pra todo mundo que quiser saber. Eu acho que isso deixou eles mais orgulhosos.

*E como foi com o resto da família? [...]*

[...] A primeira prima pra que eu contei foi pra Clarice.

[...] *Ah, mas a Clarice tem a Nessa<sup>85</sup>, né? A Nessa também contou pra mãe...*

A Nessa gritou pra mãe, não contou. Fez uma confusão no meio da minha rua.

*Como foi isso?*

Eu não te contei? Tinha pouco tempo que eu tinha contado pra minha mãe, que eu tava namorando com a Fernanda, que eu era lésbica. [...] Aí ela gritou pra mãe: Eu pego mulher mesmo! Pra ofender, pra machucar a mãe, sabe? Gritou isso na rua. Eu falei... Puta que pariu! Era uma época que ela tava vindo muito conversar comigo. [...] Puta que partiu, a Clarice vai achar que eu influenciei a filha dela!!! [...] Ela [Nessa] ficou nervosa, ficou alterada. A mãe dela queria bater nela de pau.

*Mas porque era sapatão?*

Não, porque ela tava enfrentando ela. A Clarice virou pra minha mãe e contou, foi minha mãe quem me contou, veio falar comigo sobre, sobre essa história. Não, Fabiana... A Clarice não tá chateada porque a Vanessa, enfim, porque a Vanessa... [risos] Ficou toda sem graça de falar, né? Eu falei não, eu tô entendendo, mãe. [risos] Aí ela, mas é porque ela enfrentou ela. E ela falou aquilo de um jeito para magoar a Clarice, por isso a Clarice ficou com raiva dela. [...] A Vanessa quis enfrentar ela e foi isso que a Clarice não admitiu. Não foi o fato dela ser sapatão, foi o tom e como ela usou pra fazer. Eu falei com ela que ela não pode fazer isso..."

Ao contrário de Nessa, Fabiana revelou aos seus pais que “tinha uma namorada, que era lésbica” de outro modo: entrou no quarto dos seus pais, pediu para conversar com eles, disse “que precisava” falar –“queria dizer pra vocês que eu tô bem, muito feliz; dizer que eu tô namorando, mas é com uma menina”. Aqui não se trata de apenas dois comportamentos, duas atitudes, duas diferentes relações com a família. Não se tratam de atos/gestos isolados. São, em verdade, duas construções de si, como sujeitos morais, diferentes. Sob esse aspecto, considero oportuno retomarmos as reflexões feitas por Foucault a respeito da construção de si como “sujeito moral” já apresentados no capítulo anterior. Foucault (1984, p. 28) destaca:

“Para ser dita “moral” uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos, conformes a uma regra, lei ou valor. [...] Mas ela implica também uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si enquanto “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se”.

<sup>85</sup> Vanessa, mais conhecida por seu apelido Nessa, é uma jovem adolescente, tem 16 anos, e mora na casa embaixo da casa de Fabiana com sua mãe e o seu irmão. Está cursando o Ensino Médio. Sua performance masculina rendeu à mesma, em uma das festas da família, o apelido de “Nessão”. Seu corpo sarado e o desenho do rosto bonito é contrastado, por colegas e familiares, com a sua performance de gênero, jeito de andar (“como se fosse um garoto”) e vestuário (bermudas masculina abaixo da cintura, de modo que permita exhibir a partir de cima de sua cueca, top ou camisas sem desenhos feminilizantes e boné). Muitas vezes ouvia “uma menina tão bonita, se se arrumasse”, “se colocasse um vestido”, “se eu tivesse o corpo da Nessa, só ia usar saia” etc.. Não entrevistei Nessa e, portanto, não cheguei a inquiri-la a respeito de sua identificação quanto a orientação sexual, contudo, em diversos situações cotidianas a ouvia dizer que era, bem como os outros a chamavam de, “sapatão”.

Da contraposição do relato sobre Fabiana e Nessa, podemos observar a constituição de dois sujeitos morais diferentes, resultando em dois finais distintos. Conforme destaca Foucault, a constituição dos sujeitos é imprescindível ao desenvolvimento de uma “ascética”, de uma “prática moral” que apóiem uma determinada ação moral. Subjaz dessa fala de Fabiana a valorização de uma certa experiência, de um sujeito que se constitui a partir de um controle das emoções, que age com temperança e que lida, por exemplo, com a revelação de sua orientação sexual não de modo ofensivo, agressivo, mas com um certo arranjo cordial. Utilizando os termos já citados em falas dos meus interlocutores, “que banque a situação”.

Ainda com relação a isso, é oportuno citar um trecho da entrevista onde Maria – “lésbica assumida” – avalia as tensões entre a sua mãe e a sua irmã – “lésbica não assumida” – que, segundo relatou, não ocorrem com ela. Antes de tudo, é preciso frisar que Maria aponta algumas características que, para ela, são significativas à aceitação da sua mãe: “não sou masculina” e não “sou mal-falada”. O fato de ter “tentado mudar” e não ter conseguido, é outro elemento que, para ela, ajudou a sua mãe a “aceitar”; “ela viu que não tinha jeito”, disse Maria. Em comparação com sua irmã, diz que sua irmã é mais masculina e que o fato de sua mãe nunca a ter visto fazendo nada, ao contrário da sua irmã, poderia facilitar as coisas no seu caso. Contudo, apesar de apresentar todas essas características/elementos que tornam a sua irmã ‘mais problemática’ na interação com sua mãe, ela conclui que o problema pode ser enfrentado de um modo: sua irmã deveria “se assumir”.

No caso minha irmã também é lésbica, mas não é assumida. No caso, todo mundo sabe, mas ela não fala, entendeu? Evita falar que tem namorada. Eu sou cara de pau mesmo, a minha namorada é essa aqui, eu falo e tal.

*Isso em casa?*

É. (...)

*Você falou que a sua mãe, você acha que ela ficou mais tranqüila, porque, como é que é, você não é mal-falada...*

Eu não sei... Ela acostumou, né. Ela já falou bastante, no começo...

*O que que ela falava?*

Não, comigo ela nunca falou muito... Acho que ela não acreditava que eu era, acreditava não acreditando. Agora com a minha irmã... Acho que porque ela nunca me viu, já com a minha irmã...

*Ah, ela nunca viu você com uma menina?*

É. Beijando... Namorada ela já viu várias, várias não, duas.

*Ah... é, mas a sua irmã ela já viu beijando?*

É...

*Aí ela já brigou com a sua irmã...*

É... (...). A minha irmã também, já é mais masculina que eu.

*An-rã?*

Por isso que ela implica mais com ela, também.

*O que que sua mãe fala para a sua irmã?*

Minha mãe já chamou de sapatão, porque que não ia procurar um homem...

*Como assim? Ela chamou a sua irmã de sapatão, tipo “sapatão!”?*

É.

*Como é que foi isso? Conta uma cena, assim...*

Deixa eu lembrar... Um dia minha irmã tava ouvindo Ana Carolina e ela virou e disse: Por isso que você tá sapatão desse jeito, fica ouvindo essas mulheres cantando... Que no CD dela tem umas músicas que tá escrachado, né? Só de ouvir música, assim, ela não gostava. Quando minha irmã vai falar mal do meu irmão, ela fala: “Pelo menos ele é hétero, né? Vai ter uma família. E tu? Vai procurar um homem!”

Umás coisas assim, né?

*E o que que você acha, você sente quando ela diz isso?*

Pra falar a verdade, eu acho graça... Porque minha irmã é muito boba, ao invés dela tomar uma atitude, minha mãe chama ela de sapatão, ela não faz nada. Até quando a gente briga, minha irmã me chama de sapatão, isso na frente dela, pra ver se a minha mãe briga comigo também... “Ah, sua sapatão!”. Eu falo “Ah, sou mesmo, e aí?”. Ela não tem...

*O que que cê acha que sua irmã poderia fazer?*

Ué, se assumir, entre aspas, né? Minha mãe sabe que ela é, mas ela fica ali sempre, nunca...

*Porque sua irmã nunca disse que é lésbica?*

É. (...)

*Você acha que se ela se assumir sua mãe vai parar de perturbá-la?*

Acho que sim, né, porque no caso, né, ela não se impõe.

*Você acha que a sua mãe só perturba porque ela não se impõe?*

É.

Logo no início do capítulo eu trouxe a definição – uma das mais utilizadas nos estudos sobre as homossexualidades no Brasil – de “coming out” feita por Pollak (1986). Tal como ela se apresenta, observa-se uma certa coexistência de uma experiência pública e de outra privada a respeito da saída do armário – trata-se do “processo que leva o homossexual ao reconhecimento público, “sem angústia”, de sua orientação sexual, como também o seu engajamento no circuito, em uma sociabilidade gay, construindo sua “carreira sexual””. Apesar de uma experiência dramática, dolorosa, difícil, oriunda do reconhecimento de um ‘desejo diferente’ não ter sido produzida com regularidade pelos meus interlocutores, na verdade, um ou outro comentavam algumas experiências próximas disso, a idéia não é desconsiderar isso da trajetória desses sujeitos. Contudo, quero salientar que os sentidos do “se assumir” entre boa parte dos meus interlocutores, se caracterizaria mais pelo ato moral de contar alguém, de enunciar essa experiência desviante. É menos uma relação consigo, de reconhecimento “sem angústia” de sua orientação sexual, mas uma certa ‘coragem’ ou disposição para “bançar” essa dimensão da sua vida – que, nesse caso, também envolve a adesão a uma sociabilidade gay.

A partir destas considerações, é possível afirmar que a fala, essa enunciação, não é simplesmente o meio de transmitir um conteúdo, mas traz consigo, em sua dimensão

interativa, performática, um conteúdo próprio. Considero oportuno trazer uma citação da dissertação de Oliveira (2006, p. 32) a respeito da fala:

“A fala pode ser tomada como um *gesto*, devendo ser entendida enquanto ação cujo efeito depende do contexto em que a interação transcorre, da avaliação que outros atores sociais fazem da performance do sujeito falante e da percepção que este projeta acerca de todo o processo, com base em experiências anteriores incorporadas, sedimentadas e materializadas. Informações adicionais ao conteúdo de um enunciado podem ser, ainda, oferecidas pelo locutor no próprio ato fonético estabelecido na enunciação”.

A enunciação é, portanto, não apenas um meio de comunicar algo, mas de uma ‘tomada de posse da palavra’ e, de algum modo, assumindo um certo controle da situação ou a “bancando”. Goffman (1988) argumentará que a enunciação, que uma certa ‘confissão’ de uma identidade deteriorada, apesar da exposição desses sujeitos e fortalecimento do estigma trazido por esta identidade, produziria, ao mesmo tempo, a retirada do estigmatizado de sua posição inferior, a partir desse protagonismo por ele assumido.

Portanto, considero pertinente sugerir que, nos discursos aqui analisados, há um reconhecimento moral superior a alguns signos associados a um plano que poderíamos considerar como sentimentos, sensibilidades genuínas, autênticas, verdadeiras, em detrimento de repressões, inibições e falseamentos. Contraporá um respeito/atenção/valorização dos sentimentos quando esses correm num fluxo ‘natural’, sem impedimentos ou “forção”. Quando são puros, não contaminados. Esses seriam mais autênticos, honrados e verdadeiros. Um regime das emoções que deve ser vivido dando uma vazão a determinada força romântica, a um regime dos prazeres marcado por tais valores.

É interessante, a partir dessas falas, compreender que essa configuração do “se assumir” com esse regime das sensibilidades constitui o caminho percorrido por esses sujeitos em suas vivências da sexualidade. Eles, a partir de tal combinação, operariam uma certa visibilidade do privado que é interessante não apenas para pensar novas formas de politização da esfera íntima, mas, numa dimensão mais cotidiana, suas próprias (re) elaborações a respeito de sua posição nas suas relações diárias. São dimensões minúsculas, pequenas, que constituíram a formulação de uma outra política, de alcance reduzido, bem limitado, mas nesse caso forjados a partir da arena.

Essa, contudo, não é uma questão menor, irrelevante, pois, como disse Guimarães (2004, p. 57), “... a forma de expressar a identidade “assumida” obedece a um modelo de apresentação pública conforme o *ethos* homossexual específico. Ou seja, a identidade homossexual “positiva” remete à representação social do que é visto como positivo em cada contexto e situação”. Assim, compreender esses mecanismos, essas disposições, essas definições e escolhas do cotidiano são elucidativas para se pensar não apenas as representações das homossexualidades, mas as formas de constituição de si dos sujeitos no “plano da pragmática” (Crapanzano, 2002).

### Capítulo 3 – Uma experiência de movimento LGBT a partir da/na favela.

*“Aonde o gay negro, estereotipado, que gosta de andar assim, de short enfiado e sem dente na boca, com as canelinha russa, que ele chegue lá do fundo, e que ele não tenha vergonha de vir aqui pra frente pegar o microfone e dizer o que ele pensa, falando com os erros de português dele ou com toda a deficiência que ele tiver”.* (Fala de uma liderança travesti – em um evento organizado pelo Grupo Conexão G – sobre a importância, as consequências, da realização do mesmo).

Como indicado anteriormente, eu, inicialmente, pretendia realizar uma etnografia do “grupo gay” existente na favela da Maré, o Grupo Conexão G. Tomei conhecimento de sua atuação na 1ª Conferência Municipal GLBT<sup>86</sup>, quando vi seu presidente, Gilmar Cunha, mediar uma das mesas. Sentado em uma mesa em um dos auditórios da Uerj, via um jovem feio, meio-gordo, pardo, com cabelos encaracolados e pouco arrumados; vestia a camisa de uma ONG, se não me engano, do Afroreggae, usava um ‘lenço feminino’ sobre seus ombros e costas e um cordão artesanal, que parecia ter sido produzido com sementes de coco. Tinha apresentação de si meio andrógina. Com um domínio muito difícil da forma culta da língua portuguesa, se perdia um pouco na condução da mesa. Ele ria e brincava com a sua confusão, nós da platéia também.

Compunha a mesa uma socióloga e também ativista que, entre outros temas, atuou no campo do HIV/Aids e em questões relativas a violência contra LGBTs. Em sua fala, após fazer uma avaliação geral da “violência contra GLBTs”, ela reservou os minutos finais para falar sobre o que ela considerava o “futuro do movimento GLBT”. Nesse momento, a expositora destacou, especialmente, a importância de um grupo: O Conexão G. Segundo ela, ao articular favela com diversidade sexual, era inovador o tipo de trabalho que era proposto. Acreditava que o grupo era um exemplo do que se tornaria tendência no movimento, pois incorporava uma agenda que chama atenção para o cruzamento de questões, nesse caso, classe social, territorialidade e orientação sexual.

Naquele momento, acompanhava a Conferência como membro de um grupo GLBT universitário em formação e já tinha sido iniciado em algumas leituras a respeito do

---

<sup>86</sup> Aqui utilizo a sigla do movimento tal como empregada no período descrito. É somente na Conferência Nacional GLBT, em junho de 2008, portanto, após as conferências municipais e estaduais, que o movimento definirá a alteração da ordem das letras L (lésbicas) e G (gays) adotando, a partir de então, a sigla LGBT.

movimento gay, homossexualidade em geral etc. – além de um envolvimento anterior no movimento estudantil. Ainda havia freqüentado algumas reuniões da comissão de organização da conferência estadual GLBT representando o nosso grupo universitário. Enfim, de algum modo me engajava, me aproximava do movimento GLBT. Nessa minha incipiente entrada na militância nesse segmento, tinha elaborado algumas críticas. Considerava o movimento gay "gay demais", isto é, 'carregava' no tom identitário e era pouco reflexivo a respeito das diferenciações com relação a classe social, mundo do trabalho etc.. Diante disso, tomar conhecimento da existência do grupo e me reconhecer na fala da socióloga e ativista deu 'um estalo' que depois eu transformaria em objeto de pesquisa.

Naquele mesmo momento, eu estava em busca de um tema para uma pesquisa de mestrado. Em dois meses, concorreria a uma bolsa de estudos de um programa de ações afirmativas financiado por uma agência internacional e considerei que esse seria um 'bom tema' nessa empreitada. Em um período onde a observação das "interseccionalidades" ganha grande força nos estudiosos da sexualidade, prometer tratar de ação coletiva realizada por LGBTs favelados me parecia "vendável" ao financiador.

A partir disso, busquei me aproximar do Grupo. Acionei uma amiga que conhecia o presidente do mesmo através da militância de ambos, troquei e-mails com ele, o adicionei em um programa de bate-papo pela Internet (MSN) e combinamos de conversar na Conferência Estadual GLBT, cerca de três semanas após o primeiro e-mail. Apresentei-me e conversamos um pouco sobre o assunto. Eu tinha arrumado um 'bico' para trabalhar na organização da conferência e ele estava envolvido nas atividades do Conexão G na mesma. Essa foi uma oportunidade de conhecer outros membros do grupo. Recebi o "ok" à realização da pesquisa e o avisei que teríamos que esperar o resultado da bolsa a que eu estava concorrendo. Esses eventos ocorreram no primeiro semestre de 2008.

No segundo semestre do mesmo ano, eu me aproximei do Grupo a partir de outra entrada, que, acredito, tenha sido significativa para o desenho da pesquisa. Em agosto de 2008, fui contratado por uma ONG Gay – que mantinha relações com o Conexão G – para atuar em um projeto de prevenção ao HIV/Aids. Diante disso, houve a possibilidade de uma

maior aproximação com outros participantes do Grupo. E, de fato, isso ocorreu. Pude manter contato com outros membros, pois até então estava restrito a figura do presidente.

Contudo, ao mesmo tempo em que facilitou o meu contato com outros membros do Grupo, acredito que isso, de algum modo, tenha dificultado as minhas relações iniciais com o seu presidente. Considerando as disputas internas ao movimento LGBT fluminense, a minha associação com o Grupo Arco-Íris (GAI), onde eu trabalhava, levou a uma certa desconfiança. Até fazer compreender que o meu vínculo com a instituição era profissional, empregatício, não-militante, demorou um tempo. Fundamental nesse processo, por um lado, foi o modo pouco orgânico como me apresentava com relação ao meu emprego e as possibilidades de me tornar ativista dessa ONG, e, por outro lado, o modo “piadista” e “parceiro” como interagia com os demais membros do grupo – destaco a Cláudia e o Roberto.

Cláudia até hoje, mais de dois anos depois, conta a brincadeira que, por conta dessa constante lembrança, parece ter sido um dos laços que nos aproximaram. Estávamos na Ong onde trabalhávamos – Cláudia e outros integrantes do Conexão G prestavam serviço para o Arco-Íris no mês que antecedeu a “Parada Gay” daquele ano – quando Gilmar reclamou do trânsito e da distância da Maré até Santa Teresa, onde era a sede do GAI. Por fim, ele disse: “O PV não sabe... Vem da Zona Sul”. Gilmar sabia que, na época, eu morava em Inhaúma, já havíamos conversado sobre isso. Eu brinquei “Você que pensa! Tenta vir do Leblon para você ver! Lá na Ataulfo está um inferno. Às vezes é um saco ficar em casa! Ainda bem que estou na cobertura”. Após esse comentário, dando continuidade à sátira, exaltava o tamanho e o conforto da minha cobertura. Cláudia mostrava-se interessada e, em alguma medida, espantada com o quê e o modo natural como descrevia. Notei que sua expressão ficava mais perplexa, aí revelei a brincadeira: “Você não está acreditando, né? É zoação do Gilmar, eu moro em Inhaúma”. Ela respondeu: “Ah, sei lá... do jeito que você estava falando”. Não pretendo retomar a discussão feita a respeito das brincadeiras/piadas e dos padrões de agressividade verbal como provocações feita no capítulo dois. No entanto, quero chamar atenção para o tema escolhido na provocação feita por Gilmar: classe social.

### 3.1. *Elegendo o inimigo e definindo o seu espaço*

Considero ainda mais interessante o fato desse não ser o tema principal das suas brincadeiras, de suas provocações, apenas comigo<sup>87</sup>. Observei isso em suas outras interações: todos éramos “bichas de classe média”, “finas”, “com dinheiro” etc.. De algum modo, e ao contrário deles, nós não poderíamos falar de “LGBTs” em um sentido geral, em termos de uma população, pois não conhecíamos o que “se passa nas favelas”. Ainda que essa crítica possa soar como uma crítica ao sujeito LGBT, nos moldes da crítica realizada por feministas ao sujeito de feminismo, a “mulher” em seu sentido pré-discursivo<sup>88</sup>, ocorre, por outro lado, nos pensamentos e nas práticas desses sujeitos, uma certa transferência de autoridade, de legitimidade, conferida por essa propriedade que consideram única e particularizante de sua ‘condição’: são favelados.

Desse modo, a produção desse questionamento sobre o sujeito considerado pelo movimento LGBT trata-se, ou melhor, torna-se um dispositivo acionado no interior de disputas inerentes ao próprio movimento LGBT. Como já destaquei a respeito do valor da interseccionalidade nos estudos das Ciências Sociais, a importância daqueles cruzamentos não se restringe aos meios acadêmicos, mas também é muito presente no interior dos movimentos sociais, das políticas públicas etc.. Identificar e conhecer os sujeitos em seus múltiplos pertencimentos, interesses e atuações, fala, por um lado, de uma necessidade imperativa de

---

<sup>87</sup> Gilmar permaneceu fazendo essas piadas durante um longo período do meu trabalho de campo. Contudo, se antes ele dizia que eu era da “classe média” e que jamais seria “da favela,” e eu, repetidas vezes, respondia que não só eu sabia disso, mas que também não pretendia tentar me tornar, a sua provocação se transformou. Passou a avaliar o modo como eu me vestia dizendo que “não é porque você está na favela que você vai andar desse jeito, desarrumado”. E concluía: “Gata, favelado não é isso não. Você deve estar confundindo”. Ou seja, a despeito da mudança no discurso, a questão de classe permanecia permeando os seus comentários. Ainda sobre as nossas interações e o tema classe social, embora Gilmar reconhecesse uma origem social próxima, outros marcadores poderiam corroborar esse distanciamento: meu envolvimento com faculdade, os cursos de inglês e francês que fazia, o modo como me vestia, meus óculos, domínio de termos que ele desconhecia etc.. São esses elementos associados mais a determinados estilos de vida que, acredito, eram acionados por Gilmar em sua avaliação sobre as supostas diferenças de classe entre nós e, conseqüentemente, a minha associação com a “classe média”.

<sup>88</sup> Essa crítica pode ser resumida em um trecho de uma das principais teóricas feministas a produzir esse questionamento. Butler (1990, p. 3) argumenta que “se alguém ‘é’ mulher, isso não é tudo que tal sujeito é; o termo não é exaustivo, não porque uma ‘pessoa’ pré-gendrada transcende uma parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero não é sempre constituído de forma coerente e consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero é intersectado por modalidades raciais, étnicas, sexuais, regionais e de classe das identidades discursivamente constituídas. Como resultado, torna-se impossível separar o ‘gênero’ das intersecções políticas e culturais através das quais ele é invariavelmente produzido e mantido” (tradução de Costa 2002: 80-81). Ou, como essa autora diria em outro texto “No instante em que convoca a categoria mulheres como descrevendo a clientela pela qual o feminismo fala, começa invariavelmente um debate interno pelo conteúdo descritivo do termo” (Butler, 1998, p. 5).

não ter uma perspectiva/atuação superficial, e, por outro, de uma adoção de determinado posicionamento político que visa reconhecer os que até então não eram reconhecidos, isto é, dar voz aos que sempre foram silenciados e, em acordo com isso, “acessar”, “alcançar”, “empoderar” os mais “necessitados”, os “vulneráveis”.

O fato de morar em uma favela, em seu discurso, parecia constituir um substantivo moral que, convertido em uma experiência não-social, pré-discursiva, conferia uma característica especial a ele. Esse ‘sujeito da favela’ será constituído em oposição ao ‘sujeito de classe média’, que não “passa as mesmas dificuldades de quem mora na favela”. Contudo, não se trata apenas de dois sujeitos distintos, de duas identidades opostas constituídas a partir de uma alteridade entre elas, mas da articulação desses valores em uma experiência de contraposição ‘entre essas classes’. Um dos meios de manifestar essa disputa é pensar o próprio movimento LGBT a partir dessa mesma divisão.

Fry (1982) aponta uma característica distintiva do movimento gay brasileiro com o dos EUA e o da Europa: ao contrário dos de lá, que tinham como “meta primeira” clara a descriminalização da homossexualidade, “os movimentos no Brasil tiveram que lutar contra o preconceito relativamente difuso e escorregadio” o que, considera o autor, pode ter contribuído para que a maioria das atividades do movimento brasileiro tenha se concentrado “em discussões internas sobre a ‘identidade homossexual’ nos chamados grupos de identificação” (Fry, 1982, p. 106). A leitura de Facchini (2005, p. 34) a respeito das reflexões de Fry é bastante oportuna. A autora defende que “seus escritos (de Fry) são permeados pela idéia de que a ausência de um inimigo identificável e tangível (um “outro”) para o movimento homossexual brasileiro faz com que o movimento tenha que inventar esse “outro”, muitas vezes em seu próprio interior”.

Assim, a definição de outros militantes, grupos e LGBTs de classe média, em geral, como opositores, constitui a marca desse discurso<sup>89</sup>. Uma fala de Ângela, sobre a sua participação no grupo, é interessante para pensar essa dimensão do discurso.

---

<sup>89</sup> Não estou dizendo que há uma recusa ou rejeição da classe média, mas que algumas falas do Conexão G, que parecem estruturar o mesmo, são articuladas a partir da oposição indicada acima. Isso, contudo, não quer dizer que essa oposição, conforme as necessidades políticas dos diferentes momentos, as articulações e associações próprias a esse jogo, não possa ser deixada de lado em determinadas ocasiões.

*E como é que está sendo fazer parte?*

Ah, está muito bom fazer parte do Conexão G. Eu gosto... de estar militando, de ir para os espaços políticos discutir sobre algo que eu tenho conhecimento, que eu vivo... E eu acho muito bacana isso, poder compartilhar com outras pessoas. Porque, em geral, tem algumas pessoas que têm um discurso ou... é, pessoas que são de classe média e tal, e não sabe como é que é uma pessoa homossexual morador da favela. Então é muito importante poder estar levando isso pra pessoas, até pras pessoas poderem estar refletindo um pouco.

Ângela continuará sua fala dizendo que atuar é importante, pois as pessoas devem refletir sobre seus preconceitos. É interessante que Gilmar, em um evento organizado pelo Grupo<sup>90</sup>, fará uma associação entre o ‘não-reconhecimento’ de certos setores do movimento LGBT ao Conexão e à sua temática em razão de uma resistência ao que não é intelectual.

“A gente ainda não é reconhecido, as pessoas acham que a gente é um bando de maluco e que só está fazendo figuração. É nítido! Existe no Rio de Janeiro o Fórum LGBT. São 30 organizações não-governamentais. Cadê elas? Só tem quatro instituições presentes aqui. É nítido. Não preciso nem muito falar, entendeu? Porque é nítido que tão boicotando. É uma temática que o movimento não tem interesse. Não tem interesse por que? Porque não somos intelectuais, entendeu? Só que a gente tem que desconstruir”.

Intelectual, na fala de Gilmar, é um eufemismo para expressar essa divisão que venho destacando aqui. A associação de uma intelectualidade, dos intelectuais, a setores das classes médias, não é nova e nem carece de maiores explicações aqui. Ainda mais se considerarmos que o adjetivo intelectual é empregado como uma propriedade não possuída por esses sujeitos, contrapondo-se ao movimento LGBT que, composto por membros da classe média, apenas interessar-se-ia por assuntos que lhes são próprios. Gilmar ainda narra outra situação por qual teria passado em uma “reunião do movimento gay”: “E aí eu participei dessa reunião... Quando eu ia me retirando, aí um cochichou assim: ‘Eu não sei o que essa bicha favelada está fazendo aqui. Aqui não é o lugar para ela’. Eu olhei pra ele e disse: Bom, se aqui não é lugar pra mim, pra quem é? Não é pra população LGBT!”. Alguém – na platéia – perguntou se a pessoa era militante. Ele disse que não sabia quem era. “Naquela época era tudo novo”; disse ainda que nunca mais viu aquela pessoa. Continuou: “Aí eu sai dali com

---

<sup>90</sup> Trata-se do “II Seminário Refletindo sobre Políticas Públicas para a população LGBT moradora de FAVELAS”, ocorrido nos dias 05 e 06 de novembro de 2008, no Centro da cidade. Com uma expectativa de cerca de cem participantes, o evento deve ter reunido não mais que trinta. A sua maior parte era de membros do Grupo, seus amigos, algumas agentes comunitárias de saúde e poucos militantes.

uma força. Não, é... até desculpa a palavra, ‘essa bicha vai me pagar’. (risos). Porque eu fiquei com tanta raiva. É... porque eu falei, porque eu me senti assim, menosprezado, me senti a última coisa... que tivesse dentro de um pote”.

Mais interessante que a própria ocorrência dos fatos narrados, é pensar em termos dos silenciamentos e enunciados emitidos e calados pelos interlocutores. Desse modo, esses últimos relatos são representativos de uma fala que opõe o movimento LGBT, digamos, hegemônico, constituído, e a experiência do grupo e de seus membros. Trata-se de uma relação de subalternidades que, existente ‘no mundo’, também se reproduziria no interior do movimento LGBT.

Contudo, a eleição desse ‘inimigo’ não consiste apenas em um dispositivo para a organização do grupo, a constituição do mesmo enquanto ator e de uma certa motivação para o engajamento dos sujeitos, mas é também um meio de limitar um campo de atuação, um espaço ‘para chamar de seu’ e de se legitimar, de ser reconhecido, no interior de um “campo”. É interessante observar a fala de um ativista do movimento gay, Roberto Gonçale<sup>91</sup>, a respeito do Grupo Conexão G e do seminário que participava:

“É muito importante estar aqui, dentro de um evento, que está sendo organizado por um organismo LGBT diretamente relacionado a uma comunidade. Isso por que? Já milito no movimento LGBT há alguns anos e o movimento LGBT nunca teve um corte de perspectiva, de envolvimento e de participação com os segmentos que moram em comunidades, né? Toda a formatação ideológica do movimento LGBT, das pessoas que pensam o movimento LGBT, não são da periferia, ou vieram da periferia. Alguns vieram da periferia, mas abortaram, se livraram de uma parte conceitual importante e... se revalorizaram, absorveram outros contornos sociais e, têm uma trajetória política e uma linha de atuação completamente distanciada dos problemas da periferia. Isso foi um debate durante muito tempo, né, porque eu fazia parte do Grupo Arco-Íris e o pessoal dizia: ‘Ah, mas o pessoal do Arco-Íris é um grupo de Zona Sul’. E era... e é ainda, ainda tem um pouco da mentalidade, da... da... Zona, da Zona Sul. Da, da, da coisa assim, muito, muito, muito... centrada é, dentro da qualidade, tem até uma brincadeira, o conceito Arco-Íris, que diabo é isso? Quer dizer, mas é uma coisa assim que não tem nada a ver com as demandas diárias da população, por exemplo, LGBT que mora na comunidade. E esse debate sempre permeiou, né, vários grupos? (...) Então, quer dizer, pra mim é interessante, quer dizer, porque sempre se pensou uma intervenção naquele espaço, mas era um espaço do outro. E um espaço que não se tinha, nem sequer, os discursos. Então, quer dizer, a cada momento, esse espaço da comunidade, era relegado a segundo plano, mesmo com as melhores intenções sobre as maiores justificativas: que que a gente vai fazer lá? A gente não vai conseguir entrar, a gente não tem o que fazer. Enfim, essa possibilidade, que hoje se encontra presente aqui (...) é a contra-medida de tudo aquilo que foi o movimento LGBT. (...) É quase uma contracultura, é um movimento revolucionário dentro desse movimento revolucionário que é o LGBT, que passa a incorporar valores, pessoas, objetos, objetivos, completamente diferentes daqueles que são cuidados por outras ongs, né, ou são cuidados de uma forma paternalista, de uma forma ‘Ó, vamos abrir aqui’. Não, vocês estão tomando a fala, o jeito e a vontade de fazerem as coisas como querem, como podem e é exatamente o que querem, sem essa

---

<sup>91</sup> Roberto Gonçale é advogado e militante há mais de uma década no movimento LGBT. É filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), já tendo se candidatado a Deputado Federal por esse partido.

intervenção do outro no próprio espaço, que também não sabe intervir, que também não tem muita preocupação em intervir”.

Na fala desse ativista identificamos a eficácia desse discurso que, potencializando a experiência de favelado, contrapõe-se aos que se atribuem a marca “classe média” e, constitui um local para atuação que, é importante destacar, é exclusivo do Conexão G. Ele ainda continuaria dizendo que as respostas pensadas pelo movimento não atendem à população de favela, pois o questionamento sobre “a melhor boate” ou “a melhor sauna” não atenderiam a essa população<sup>92</sup>.

Aqui considero oportuno destacar a discussão de Valladares (2005) a respeito da produção de três “dogmas” a respeito da favela. A partir do exame dos estudos, da literatura que tematiza a favela desde a década de 1930, ela identifica a existência desses dogmas, da “convergência de um certo número de características básicas atribuídas à favela carioca”<sup>93</sup> (Valladares, 2005, p. 149) e que, como bem chama a atenção, contribuem à manutenção do lugar social marginal ocupado pela favela.

A identificação de uma especificidade, da particularidade da favela, será atribuída em razão da sua “história particular e seu modo de crescimento diferente dos demais bairros”; o segundo dogma destacado, mencionado no capítulo anterior, reconhece a favela como “*locus* da pobreza, o território urbano dos pobres”; e, por fim, chama atenção para a identificação de uma certa “unidade”, de uma certa homogeneidade, do apagamento das diferenças e divisões presentes nas mesmas (Valladares, 2005).

O que se observa na fala daquele ativista, como resultado da oposição constituída e constituidora do Grupo aqui tratado, é o acionamento desses dogmas. Existe algo de específico na favela que o movimento LGBT não dá conta, que, por ser da Zona Sul ou da classe média, não conhece (e, nesse caso, nem deseja saber) como a pobreza das favelas se manifesta, como isso é vivido, e, por fim, através da constante referência ao jargão

---

<sup>92</sup> Não apenas é possível questionar a identificação daquelas como as questões do movimento LGBT, mas, o que aqui me interessa mais, emerge de sua fala um certo aprisionamento ao que ele consideraria como específico da favela e/ou dos favelados.

<sup>93</sup> “Apesar das nuances, a existência de um consenso sobre umas poucas características da favela nos pareceu tão evidente que fomos levados a considerar tais características como verdadeiros ‘dogmas’: compartilhados pela maior parte dos pesquisadores, não discutidos e, de alguma forma, constituindo a base implícita desse campo de pesquisa” (Valladares, 2005, p. 149).

“comunidade”, a favela é de algum modo coesa, uniforme, homogênea, visto que parece existir uma certa experiência comum de quem mora nas favelas e é LGBT.

A manifestação dos dogmas em uma fala representativa entre as que são constantemente evocadas para apoiar o grupo nos leva a outra questão discutida por Valladares: “A quem pode interessar a permanência dos dogmas?”. Um dos atores que constituem a resposta são as ONGs. Segundo argumenta Valladares (2005, p. 160):

“As ONGs também fazem parte desse elenco de atores sociais que oferecem ao imaginário coletivo essa representação da favela, participando ativamente em sua permanência. Mais próximas aos ‘pobres’ do que muitas outras instituições, na medida em que suas sedes ou filiais funcionam na própria favela, elas retomam o discurso das associações de moradores continuando a insistir sobre a noção de ‘comunidade’ e suas conotações de união, solidariedade e coesão. (...) Ainda que as próprias ONGs constituam um conjunto heterogêneo, já que não se definem pelas mesmas crenças nem pela mesma ideologia, nem tampouco pelo mesmo público-alvo, todas elas utilizam o discurso da pobreza para justificar a sua existência”.

O interessante é que sob essa configuração favelado e LGBT – tal como esse Grupo organiza seu discurso – parece se evocar, a partir dos dogmas, um determinado favelado que, colocado como uma certa característica englobante e homogênea, é pré-discursivo. Assim, se o Conexão G produz um discurso de questionamento do ator político LGBT como um modo de conquistar um espaço no interior daquele movimento, ele, por outro lado, acionará um discurso universalizante desse outro personagem, dessa outra identidade agregada aos seus militantes e ao público alvo, como um meio de conquista desse mesmo espaço.

Muitas vezes observei Gilmar recorrendo à noção de “comunidade” em suas negociações, apresentações com outras pessoas, como um meio de expressar uma determinada ‘realidade da favela’. O termo guarda aquela propriedade sintetizadora que discutimos quando tratamos dos dogmas. Desse modo, o recurso a essa noção pode ser interessante na conquista de determinadas demandas, na apresentação de vulnerabilidades compartilhadas por esses sujeitos e em uma própria marcação de uma exclusividade, de um fechamento de uma experiência restrita a determinadas pessoas que são membros<sup>94</sup>. Vê-se, com isso, assim como destacou Alvito (2001) a respeito das lideranças comunitárias em Acari, a utilização do termo

---

<sup>94</sup> Sob esse aspecto, é interessante destacar outro aspecto da eleição do termo “comunidade” como um dispositivo dessa linguagem política. Ao contrário de outras definições de grupos que são mais abertas, extensivas, inclusivas, a noção de comunidade carrega essa dimensão de um círculo mais restrito, fechado, exclusivo a um grupo de pessoas delimitado, acessado apenas por iniciados.

“comunidade” como uma certa linguagem política para conquistar o que se desejava e/ou restringir, excluir, aqueles que não se deseja.

Esse aspecto também chama atenção através de ironias. Após narrar que solicitou o apoio de uma ONG maior, de fora, para o Conexão G, Gilmar brincou dizendo “eles não querem ajudar a comunidade? Então, fui lá e pedi o apoio deles”. É uma pena que apenas tenha tomado conhecimento do trabalho de Donna Goldstein na etapa final da escrita, o que impossibilitou a sua incorporação na dissertação. Contudo, a leitura de Birman (2008) a respeito dos usos da noção “comunidade” e a inclusão das reflexões de Goldstein nos ajudam a entender melhor a paródia dita por Gilmar:

“Talvez em função do seu caráter pouco cristalizado [desse uso da noção de comunidade] seja melhor falar de *reflexão comunitária*. Refiro-me aqui ao reconhecimento que os habitantes das comunidades/favelas/periferias fazem de sua condição comum, como alvos dessas políticas que mencionamos. Não raramente parece aflorar através de certas atitudes de moradores o que podemos entender como uma resistência crítica a essas formas de designação e a suas conseqüências.

Em outros termos, um reconhecimento coletivo, quase uma evidência partilhada, de que todos, ali, são objetos de uma política discursiva que os aloca numa posição subalterna e estigmatizada, independente de e contra as suas vontades. Li uma vez uma descrição de uma antropóloga (Goldstein, 2003) a respeito de atitudes assumidas pelos moradores de uma favela, no cotidiano de suas vidas. Ela coloca em relevo o uso constante da paródia, do riso e da brincadeira como forma de crítica permanente a essas identificações negativas. A autora destacou uma autodepreciação irônica por parte dos moradores, que empregavam todos ou quase todos os estereótipos correntes”.

Uma outra dimensão desse debate pode ser compreendida a partir de Bailey (1970). Em “Stratagems and Spoils”, o autor faz uma distinção entre duas importantes regras do jogo competitivo que é a política: as regras pragmáticas e as normativas. A primeira caracterizar-se-ia pelas questões que envolvem os dispositivos, as táticas, os meios que garantem a vitória; já os ideais, valores, estão reunidos sob as regras normativas. Elas são, respectivamente, a instância privada e pública do jogo político. Segundo Bailey (1970) há um conhecimento, uma sabedoria privada da política que se esconde atrás dessa dimensão pública. Essas regras práticas, esse conhecimento acumulado, atuam como elementos orientadores do modo como os sujeitos devem atuar de modo a obter (maior) êxito.

### 3.2. *Um pouco da história: aprendendo e produzindo uma linguagem...*

O Grupo Conexão G, conforme revelou seu presidente, tem seu início em 2003. Assim como destaquei a importância dos “projetos sociais” como orientadores de determinado modo de construção de si no capítulo anterior, dado a sua atuação individualizante, vemos a importância dos mesmos também na formação desse grupo. Trata-se de uma longa citação, mas é interessante para pensar algumas dimensões do seu surgimento e princípio de estruturação:

*E como surgiu a idéia do grupo?*

Então, o grupo nasceu, surgiu é... no final do ano de 2003 para 2004. Éramos um grupo de jovens e aí a gente, amigos, a gente conversava, batia papo, tal, tal, tal... E aí, ao passar do tempo, eu pude perceber que o que a gente falava, assim, era... é, acontecia com, simultaneamente, com todos. O que eu sofria preconceito, o que eu passava na rua e era chamado de gay, de viado, disso e daquilo, eu não sei o quê... O outro também passava. O mesmo preconceito que eu sofria, o outro jovem sofria e o outro sofria... E a gente contava: Ah, hoje eu passei fui chamado de... No início, tudo era, assim, chacota. A gente ria, né, até então que eu assisti uma palestra, uma palestra fora daqui, que falava sobre isso... Preconceito e não sei o quê... E, se eu não me engano, essa palestra foi ministrada pelo Júlio<sup>95</sup>.

*E você lembra onde foi? Se foi no GAI?*

Num sei, foi em Botafogo...

*No GAI, na época que era em Botafogo...*

Aí eu comecei a fazer parte de um projeto, né? Só que assim, esse era um projeto que falava sobre a questão da mulher e do homem: Jovem pela equidade do gênero.

*Do ProMundo?*

Isso, do ProMundo, do Instituto ProMundo. E aí, uma das oficinas, era a questão da homofobia, do preconceito... E aí, é... a gente foi lá, fazer essa oficina, e aí o menino tava falando, né, [começa a falar num tom de riso] dentro do grupo tinha essa chacota, e eu ria... porque eu chega de noite e contava pros meninos, né? Quando a gente saía, né, que eu participar de algumas oficinas com o pessoal do ProMundo com os jovens, e foi quando um jovem foi e falou. Ah, não, não... Quando acontece isso é preconceito, isso é discriminação. Vocês não podem... Quando eu voltei, voltei dessa reunião estarrecida assim... apavorada, é... não sabia como conduzir. E aí a gente contava, como a gente tinha, era de lei que a gente se encontrava todos os dias, no mesmo horário e no mesmo local, era de lei que a gente contasse nosso dia-a-dia. Aí eu fui contando, gente, eu fui em uma palestra hoje, foi muito boa... Aí eu fui contando, tal, tal, tal, tal... Aí eu vi os meninos assim... Isso é verdade? Não é chacota? Eu não, não é chacota, isso que a gente passa é ser ridicularizado...

*Mas a dúvida sobre o que era chacota é o quê?*

Não, assim, desde então, os meninos achavam que o que acontecia com a gente era chacota, era engraçado, que os bofes, afinal de contas, queriam alguma coisa com a gente, né, porque a gente não queria fazer alguma coisa, mas, na verdade, não. Eu falei “Não, gente, a gente tá sendo ridicularizado em meio ao público, e aí eu fui apontando algumas coisas... Tá! Passou... E aí foi então que, em uma... em uma outra semana, não, a gente tem que iniciar um grupo. Aí começou...

Continuando a entrevista, Gilmar explica que esse grupo de quatorze jovens gays e uma travesti se reunia na sala que o ProMundo dispunha no prédio do Ceasm (onde hoje é a Redes). Além da sala daquela ONG, esses jovens também eram apoiados com recursos para o lanche. “A gente iniciou meio para esclarecer uma dúvida da gente”, “se acontecer alguma

<sup>95</sup> Júlio Moreira é ativista LGBT e atualmente, entre outras atividades, preside o Grupo Arco-Íris.

coisa, saber onde recorrer”, “coisa de prevenção a DST/Aids”, disse Gilmar a respeito das atividades. “Mas aí era um grupo gay, de convivência, depois teve a formação e ficaram só seis... aí surgiu a idéia de um grupo mesmo”. A partir desse momento, também receberiam o apoio do ProMundo para convidar os oficinairos que davam a formação, isto é, que coordenavam, estimulavam e orientavam a discussão das “questões cotidianas” daqueles jovens.

Três elementos – intimamente relacionados – chamam a minha atenção nessa passagem: por um lado, a atuação de uma ONG produzindo um reconhecimento da homofobia e a participação de Gilmar em um projeto que incorpora questões relativas à homossexualidade, fundamentais ao engajamento desses sujeitos, e, de outro lado, a importância objetiva de outra ONG no oferecimento das condições materiais para o surgimento do Conexão G.

Em sua fala, Gilmar trata de um deslocamento de sua percepção a respeito das brincadeiras, da chacota de que ele e seus amigos eram alvos, convertidas em preconceitos, em discriminação. Como agente transformador ou, pelo menos, apoiador, questionador desse evento, indica uma palestra “ministrada” por uma liderança LGBT em uma ONG LGBT. Aqui é imediata a relação com as reflexões de Becker (2008) a respeito da socialização dos sujeitos, do cultivo de uma identidade desviante e da importância, para tanto, da adesão, de um pertencimento a um grupo reunido a partir dessa característica distintiva. Além disso, também é interessante para essa discussão o papel do “usuário mais experiente” no ensinamento não apenas do reconhecimento dos sinais que tornam essa experiência positiva, mas também na requalificação de uma experiência que, em princípio, poderia ser considerada negativa.

Becker argumenta que a “redefinição dos efeitos”, após uma “experiência desagradável”, é fundamental à manutenção do comportamento desviante pelo sujeito:

“Essa redefinição ocorre tipicamente em interação com usuários mais experientes que, de diversas maneiras, ensinam o noviço a encontrar prazer nessa experiência a princípio tão assustadora. (...) O usuário mais experiente pode também ensinar o noviço a regular a quantidade com maior cuidado, de modo a evitar qualquer sintoma severamente desconfortável, conservando ao mesmo tempo os agradáveis. Finalmente, ensina ao novo usuário que ele pode ‘passar a gostar disso depois de um tempo’. Ensina-lhe a considerar agradáveis essas experiências ambíguas antes definidas como desagradáveis. O usuário mais antigo no incidente a seguir é uma pessoa cujos gostos mudaram dessa

maneira, e seus comentários têm o efeito de ajudar os outros a fazer uma redefinição semelhante. (...) Em suma, o que antes foi amedrontador e desagradável torna-se, depois que um gosto pela maconha é desenvolvido, prazeroso, desejado e procurado. O prazer é introduzido pela definição favorável da experiência que uma pessoa adquire de outras”. (Becker, 2008, p. 63, p. 64, p. 65).

No caso aqui tratado, contudo, ocorre o contrário: uma experiência que não era vivida negativamente, será diagnosticada como tal e, diante disso, uma outra solução será dada. Aprende-se a se reconhecer o preconceito, a discriminação, com um sujeito mais experiente na carreira de militante LGBT. Vê-se, a partir disso, uma própria pedagogia do aprender a ser militante, de como se tornar um ativista LGBT.

Nesse sentido, é interessante tomar as reflexões de Masson (2007) a respeito da “conversão” das “mulheres” em “feministas”. A autora defende o uso desse termo – “conversão” – tendo em vista a modificação cognitiva que altera a visão, a percepção de si e do mundo, das mulheres participantes da sua pesquisa. Esse novo sujeito, como destaca, constrói-se a partir do compartilhamento de uma linguagem comum que torna uma experiência particular, individual, não apenas compreensível para o sujeito que a vivenciou, mas a incorpora a uma experiência coletiva, comum, de todo um segmento. Segue um trecho de seu trabalho:

“A medida que fue pasando el tiempo y comparti varias actividades con mujeres feministas identifiqué un lenguaje específico a partir del cual relataban sus experiencias. Comencé a reconocer este lenguaje desde el momento en que alguns términos se repetían em os relatos de la mayoría de ellas, en las conversaciones, em los eventos, em las reuniones. Luego, em la lectura de publicaciones, donde se registraban testimonios de militantes, encontré novamente el uso de esse lenguaje típico cuando emitían opinión sobre diversos temas”. (Masson, 2007, p. 41)

Por fim, é interessante trazer um relato sobre um dos eventos que etnografou, o “VII Encontro de Mujeres Feministas de Argentina”, onde observou uma atuação das coordenadoras de uma oficina de trocas de experiências pessoais muito semelhante à vivenciada por Gilmar no Grupo Arco-Íris:

“... las coordinadoras introducían a las *aprendizas* em el uso de un lenguaje y argumentos específicos a la luz de los cuales se trataba de resignificar las experiencias particulares y leerlas bajo un mismo sentido. Según las consignas, ‘marcar el recorrido de um camión hacia el interior de cada una’, rescatar las propias vivencias y repensarlas em um ejercicio colectivo”. (Masson, 2007, p. 65).

### ***3.3. Dialogando com outros grupos e parcerias: a linguagem da (na) política e a definição de relações.***

Além do relato a respeito dessa socialização em uma linguagem de “militante LGBT”, Gilmar também destacou em sua fala o apoio recebido de outras instituições. No trecho transcrito e na síntese que fiz seguido ao mesmo, a ONG ProMundo foi destacada, mas outro “importante parceiro” destacado foi a ONG local “Redes de Desenvolvimento da Maré”.

Pensar as razões que mobilizariam esse apoio demandaria a produção de um trabalho de campo em certas atividades onde essa relação se dá ou, pelo menos, conversar com os representantes das distintas instituições com o intuito de questionar as suas representações, desejos, razões para tal apoio. Contudo, duas razões, não excludentes, podem ser levantadas sem maiores investimentos etnográficos e/ou teóricos.

A incorporação do discurso apresentado na primeira sessão deste capítulo, da produção do LGBT favelado, e desse como ‘duplamente vulnerável’, colocar-se-ia como um imperativo a grupos “progressistas”, “libertários”, que “lutam pelos direitos humanos” e “combatem a pobreza”, o apoio a iniciativas como essas. Esse seria o comportamento esperado, o politicamente correto a ser adotado.

Por outro lado, também é da estratégia de atuação de grupos políticos o estabelecimento de relações, de apoios e fidelidades. Em um cenário onde esses grupos encontram-se em disputas, onde alianças são necessárias para conquistas de editais de financiamentos, eleição de representantes e influência política, apoiar outra instituição pode constituir o estabelecimento de um laço de confiança e lealdade a que se pode recorrer quando se fizer necessário. Desse modo, um apoio inicial pode constituir o primeiro passo em sistema marcado pela troca de dádivas e contra-dádivas, marcando uma certa vinculação e dependência entre esses grupos.

Aquela narrativa de Gilmar é a mais citada; digamos, é a história oficial do Grupo. Contudo, uma amiga de Cláudio, com um longo envolvimento nas ONGs locais, me contou outra história que não compete com essa, mas que incorpora outro elemento. Gilmar, depois de um tempo de contato que mantive com ele, em conversa informal, também narrou o acontecido, mas foi a amiga de Cláudio quem me contou pela primeira vez. É importante

frisar que, no relato feito por Gilmar, esse evento não tem tanta relação com o surgimento do grupo, mas com outras negociações que seguiriam aquele momento.

No início da formação do Grupo, 2005/2006, Gilmar era um dos alunos do Curso Pré-Vestibular (CPV) do Ceasm. Uma das atividades do CPV eram aulas realizadas “em campo”, fora da sede da instituição. Em uma dessas ocasiões, a aula ocorreria em Paraty. Chegando ao dormitório onde passaria a noite, foram divididos entre homens e mulheres. Deixaram as suas bolsas nos respectivos quartos e saíram. Quando voltaram, Gilmar e outro rapaz gay não encontraram suas coisas no quarto masculino, mas no feminino. Após uma breve discussão, revelou-se que o responsável pela “brincadeira” tinha sido um dos professores do CPV e que esse teria recebido, de algum modo, o apoio de um dos diretores da ONG e também professor do CPV.

Gilmar contou que uma “bicha” queria que ele “fizesse e acontecesse”, que “brigasse com todo mundo”. Contudo, disse ele, “a gente tem que saber perder aqui pra ganhar mais à frente”. Gilmar, naquela situação, contaram ele e a amiga de Cláudio, “fez um escândalo”, “queria explicações”, “cobrou providências”. A amiga de Cláudio contou que Heliana Souza, então diretora do Ceasm e atual diretora da Redes, teve que “se meter na parada” e “foi ai que o Conexão surgiu”. Gilmar, quando terminou o seu relato sobre o ocorrido, concluiu: “Olha o que nós já somos! Se eu tivesse brigado será que seria assim?! Tem que saber perder pra poder ganhar”.

Mesmo que a relação não tenha sido tão imediata como a narrada pela amiga de Cláudio, é interessante pensar não apenas o surgimento do Grupo, como destacado por ela, mas uma série de outras negociações e articulações que vieram após a formação do Grupo. O que se conclui, a partir de tal relato, é a observância, o domínio de uma certa linguagem da política que não é aquela da constituição de si como ator político, um sujeito de direitos, como discutido na sessão anterior, mas do movimento dos sujeitos, desses atores como jogadores que de algum modo organizam seus passos em relação com os dos demais, em uma certa articulação política.

Nessa condução do político, no modo como se devem gerir certas relações, é interessante o modo como Gilmar situa, apresenta, os atores envolvidos. Ao iniciar a sua

narrativa, Gilmar revela o caso como “a vez” que foi alvo de “preconceito na outra instituição”. Chamou a minha atenção o modo como apresenta, pois, apesar do evento ter ocorrido antes da divisão interna ao Ceasm, que criou a Redes, todos os atores envolvidos (o professor que mexeu na sua bolsa, o diretor/professor que “apoiou” o gesto e a diretora que deu uma solução ao caso) hoje estão vinculados a Redes, e não ao Ceasm. O evento, de fato, ocorreu quando ainda era Ceasm, mas todos os atores envolvidos, quando houve o rompimento, saíram daquela instituição para compor a Redes.

A narrativa elaborada desse modo, somada aos eventos sobre o surgimento do Grupo e de diversos outros “apoios” e “ajudas” recebidos, sinalizam a importância dessa relação entre as duas ONGs. Se no caso trazido acima observamos uma “dádiva” da Redes, existem outros relatos que indicam uma certa disputa de interesses, uma relativa tensão no ar:

Hoje fui conversar com Gilmar pra saber como é que tinha sido a reunião de ontem. Ele não parecia querer falar muito, apenas disse que tinha sido “legal”. Perguntei, então, como estavam as coisas todas. Como ia a vida. Gilmar então comentou que o evento da juventude poderia acontecer ainda esse ano (era dia 02.11). Contou que ele e Fransérgio conversaram com Pedro Strozenberg sobre o evento, que teria dito que acreditava que ainda naquele mês poderia liberar o dinheiro para a alimentação. (...) Perguntei se o evento ocorreria mesmo na Lona Cultural. Estávamos conversando bem na porta da Redes, na entrada da recepção. Gilmar, logo após a minha pergunta, me chamou para a sala do Conexão e começou a contar da dificuldade que tava tendo. Parecia que a Redes pressionava para que o evento acontecesse de um modo que o Gilmar não desejava. Ele contou que achava que a Redes queria que o evento acontecesse logo. Disse que “queriam” apenas esperar que alguém (ele disse o nome da pessoa, eu não lembro) voltasse de férias. Perguntei quem era, não o conhecia. Ele se limitou a responder que “é um idiota”. Continuou dizendo que “a diretoria da Redes”<sup>96</sup>, quando ele falou do evento, considerou o público esperado pequeno (cem participantes). Gilmar contou que eles foram falando dos jovens dos projetos geridos por eles: “CPV, Jovem Aprendiz, mais não sei o que... Cem pessoas já comeriam todas as vagas”. Disse ainda que não queria fazer um evento “para esse público”, “pra quem já está em projeto”. Contou que “eles” – a Redes, ou seja, a sua diretoria – queriam um evento pra eles, mas que ele não estava se “articulando” “para os outros”. Pretendia trazer gente de “outros lugares”, não ficar restrito às pessoas daqui. Perguntei qual seria o motivo da Redes querer se apropriar do evento. Ele respondeu “Sei lá, pode ser pra formação, não sei”. Uma pessoa entrou na sala do Grupo para falar com Gilmar e interrompeu a nossa conversa.

A troca de apoios, a solidariedade, entre as instituições pode implicar ganhos e perdas conforme as situações, os temas pontuais alvos da interação<sup>97</sup> – como na situação descrita no relato de campo acima. Contudo, para além dessas dinâmicas fenomenológicas, há outra

<sup>96</sup> Gilmar é sempre pouco preciso quando fala na “diretoria da Redes”, sobretudo, quando o relato é uma crítica ou indica uma tensão na relação. Dificilmente nomeia as pessoas, mas é possível identificar a existência de maiores laços de afinidades com uns que com outros.

<sup>97</sup> É importante destacar que isso não se dá exclusivamente com a Redes, mas com diversas outras instituições. Acredito que esse é um dado da própria relação entre esses grupos, sendo possível, conforme as situações e atores envolvidos, ganhar (e mesmo perder) juntos ou separados.

dimensão sobre esses apoios que é interessante para pensar o Conexão G. De ordem mais simbólica, mas nem por isso menos objetiva, o estabelecimento de alianças, apoios e relações fala de um lugar social ocupado pelo Grupo.

### ***3.4. Entre papéis e status: projetos e distanciamentos***

Em suas avaliações sobre o Grupo e nos planejamentos de ações futuras, Gilmar sempre enfatiza a importância de “abrir canais”, das “conversas com gestores públicos” e lideranças, de “ter conhecido” uma pessoa ou outra. Essas relações são pensadas como possibilidades de ações futuras, de conquistas de projetos, editais, emendas parlamentares e etc., considerados, de algum modo, como um pré-requisito à atuação. Como destacou Fernandes (1985), a organização e atuação de ONGs se dá de um modo específico, funda outra forma de ação coletiva que se constrói a partir de uma série de elementos que constituiriam um processo de racionalização, de institucionalização, de burocratização de um grupo e da profissionalização, especialização, dos seus membros como executores de projetos. As ações não seriam realizadas sem alguma forma de planejamento, expectativa de resultados ou no ‘sabor do momento’; as improvisações perderiam espaço ante uma estrutura que visa garantir a eficácia das ações empreendidas.

O grupo aqui tratado parece viver um impasse em sua busca por uma institucionalização. Ele pretende se organizar através de um projeto/edital, mas para “ganhar” um deve dispor de um mínimo de organização que apenas considera ser possível ter a partir de um projeto, sobretudo, do financiamento trazido por esses. Assim é que, pelo menos desde o início do meu interesse no Grupo, isto é, no início de 2008, prolongam-se os caminhos e descaminhos para registrá-lo no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), o que garantiria um registro próprio e, portanto, o passo inicial para a disputa da maioria dos projetos – já que essa é uma exigência quase universal. Lembro de uma conversa com Gilmar, em 2009, em que ele definiu que essa seria, a partir de então, a prioridade do Grupo; nada seria feito até que o CNPJ fosse retirado.

Além dessa dimensão mais prática desses contatos, acredito que haja outra, não menos importante, que orienta a atuação do presidente do Grupo nesse sentido. Relacionar-se com o

maior numero de pessoas, circular por espaços, estar com pessoas de comando, são elementos importantes na constituição de um líder. Sobre esse aspecto, é interessante o que afirma Alvito (2001, p. 158) a respeito da constituição e do reconhecimento de uma liderança comunitária: “O prestígio acumulado de que cada um desfruta junto às pessoas da localidade e a alguns interlocutores supralocais (políticos, autoridades, ONGs etc.), a cadeia de relações diádicas que cada um conseguiu construir, tudo isso é essencial para obter e manter a liderança”.

Sob esse aspecto, é interessante o modo como eu servi à produção/encenação desse valor. Em diversas situações na sede do Grupo, com a presença dos membros, Gilmar iniciava conversas comigo nas quais citar nome de pessoas e instituições, assim como mostrar uma certa intimidade com esses atores, pareciam o fundamento de sua fala. Eram conversas de que, evidentemente, apenas eu e ele poderíamos participar – dado que nós éramos os únicos ali que conhecíamos aquelas pessoas. Os demais presentes pouco sabiam sobre alguns dos citados, muitos nunca haviam ouvido falar, não tinham intimidade com as situações/relações relatadas. Era uma conversa entre ele e eu em que, ao que parecia, a platéia, na posição de ouvinte, era fundamental para o seu acontecimento.

Confesso que, na maior parte das vezes, era um desconforto encenar o meu papel de escada para que Gilmar pudesse performar o dele de líder. Minha atuação dependia das reações da platéia (quando pareciam mais entediados com a cena, eu tentava cortar o diálogo), do texto evocado por Gilmar (nas situações em que as conversas eram mais interessante à pesquisa, ou ainda como fofocas pessoais, costumava estimular o diálogo) e de uma predisposição ‘em apoiar’, em ‘corroborar’ essa construção do líder (que dependia do meu humor, do meu estado de espírito, mais ou menos solidário e compreensivo conforme o dia). O fato é que esses diálogos, acredito, serviam para apontar, fazer crer em um papel especial ocupado por Gilmar, o de um intermediário relativamente competente, que não poderia ser ocupado pelos demais sujeitos.

Este aspecto nos remete às discussões de Bourdieu (1989; 2004) a respeito da delegação da representação como um fetichismo político, como um fenômeno que em sua própria fundação será marcado pela “usurpação” do poder de fala de um em direção a outro, e

da sua identificação das regras estruturantes como campo político. Examinando a relação entre líderes e liderados e a construção do “capital político”, Bourdieu (1989, p. 188-189) revela:

“O capital político é uma forma de capital simbólico, crédito firmado na *crença* e no *reconhecimento* ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles lhes reconhecem. (...) O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. (...) O homem político retira a sua força política da confiança que um grupo põe nele. Ele retira o seu poder propriamente mágico sobre o grupo da fé na representação que ele dá ao grupo e que é uma representação do próprio grupo e da sua relação com os outros grupos. (...) Esse capital supremamente *lábil* só pode ser conservado mediante o trabalho constante que é necessário não só para acumular o crédito como também para evitar o descrédito”.

Falar de líder (ou representante) é, desse modo, tratar das condições de efetivação, de desenvolvimento de determinadas crenças em certas características, valores, enunciados emitidos por um sujeito em direção à determinada coletividade, grupo, população. Contudo, conforme destaca Bourdieu, esta autorização desses sujeitos não é feita em sentido único, de uma só vez, mas é preciso que este trabalho seja continuamente realizado para a manutenção de sua liderança. Há um trabalho constante de certificação, de confirmação da posse das características essenciais para o desempenho dessa liderança. É o sucesso deste tipo de trabalho, de manufatura do cotidiano que garantirá, por exemplo, a sua eleição e permanência na função especial que ocupa.

Contudo, esse status social conquistado não é considerado apenas nas dinâmicas internas ao Grupo, na produção de líderes e liderados, na definição de papéis na organização. Extraí o trecho de um relato do meu caderno de campo que é interessante para pensar outro aspecto:

“Enquanto eu, Gilmar e Fabinho estávamos no Conexão G, o último estava no computador, conversando no msn. Uma das pessoas com quem conversava comentou com ele sobre sua festa de aniversário. Parece que o moço planejava apenas convidar Gilmar, Fabinho, Alan etc.. Apenas os meninos do Conexão G. Gilmar debochou dizendo que aquilo era porque eles tinham carro na parada. Contou que, no ano passado, na verdade, no ano retrasado, deixou ele subir no carro, mas só no “finzinho””<sup>98</sup>.

<sup>98</sup> Outro evento que me foi narrado sobre a posse de um carro na Parada Gay e uma experiência de poder oriunda do controle do mesmo, foi a expulsão de Augusto por Gilmar. Segundo narrado pelos dois interlocutores, Augusto, Cláudio e Fabiana subiram no carro, mas ao chegarem lá em cima, Augusto foi expulso com gritos de “desce” e “não quero você aqui” por Gilmar. Sobre esse evento, Gilmar justificava “Essa bicha nunca gostou de mim, sempre me olhou de cara torta, e aí na Parada acha que vai no carro? Botei pra descer mesmo!”.



da Bahia<sup>100</sup>, e que, mais à frente no capítulo, também concluiria o próprio autor a partir de sua etnografia entre as “bichas” adeptas dos cultos afro-brasileiros em Belém.

“No final do meu período de pesquisa, comecei a me convencer de que certos terreiros poderiam mesmo servir como “santuário” para “bichas” jovens que tinham tido problemas com suas famílias fugindo de casa. (...) Nesses casos e em outros, as “bichas” afirmaram que as relações familiares melhoraram depois de “terem desenvolvido” sua mediunidade. No caso de pais-de-santo bem-sucedidos, eles eram capazes de adquirir considerável prestígio dentro e fora do culto. (...) Isso sugere que as casas de culto oferecem oportunidades de carreira às “bichas”, que recebem retornos importantes em termos políticos, econômicos e de prestígio, tal como Landes registrou na Bahia” (Fry, 1982, p. 74).

Contudo, há um outro lado na experiência do militante e, mais notadamente do líder, que convive com essa dimensão destacada acima. Sem dúvida, a adesão a uma carreira militante representa uma ampliação do campo de possibilidades desses sujeitos, mas, por outro lado, lhes é exigido um determinado comportamento, uma certa ascese de si.

Estava conversando com Gilmar sobre os bailes, os acontecimentos, os locais onde gostava de ir dentro da favela, como eram os bailes no passado e etc. Durante a conversa ele disse uma coisa interessante para pensar essa dimensão da construção de si como militante e liderança:

“Gilmar contou que não queria mais sair na favela, se divertir lá dentro. Perguntei qual era o motivo, ele relutou um pouco, insisti e ele respondeu. Disse que o “problema é que as pessoas não sabem diferenciar a minha vida do fato de eu ser uma liderança”. Pedi para que ele explicasse. Aí ele enfatizou algo como uma “cobrança” que recaía nele. Algo como se você é uma “liderança”, “não pode beber”, “se divertir”, “dançar”. Gilmar contou que depende disso, inclusive, para fazer diversas coisas, inclusive com o tráfico. Isso, segundo parecia indicar, poderia ser ‘cobrado’.

Ainda sobre isso, Gilmar destacou o fato de ter que se envolver nas coisas, pois haveria uma cobrança para que ele tivesse um ‘comportamento militante’ o tempo todo. As pessoas “se metiam” em confusões e ele teria que “se meter”, “comprar o barulho” dos outros [antes ele havia contado de um incidente onde a pessoa “tava errada”, mas “queria” que ele se “metesse pra defender”]. Falando dessa situação, ressaltava que as pessoas deveriam “ter responsabilidade”. E conclui dizendo que não é porque ele é uma liderança que ele “em que defender todo LGBT”.

Por fim, Gilmar dizia que antigamente ele tinha que “desenrolar” com os bandidos, mas que, hoje em dia, não é mais necessário. Essa postura respeitável, segundo destacou, também se relacionava à possibilidade de ter que fazer o desenrolar. Hoje “banca” “sem falar nada”. Essa sua nova possibilidade, acredita, só é possível dada essa postura que ele assumia”.

Desse relato, emerge, mais uma vez, a relação entre uma ação moral e a constituição de si como sujeito moral (Foucault, 1984), já discutida nos outros dois capítulos. O que desejo

<sup>100</sup> “Eles sugerem que há algum tipo de conexão entre a homossexualidade masculina e os cultos. Sugerem que os cultos podem oferecer oportunidades para carreiras lucrativas, tanto em termos financeiros como de prestígio, para homens classificados como “desviantes sexuais” (Fry, 1982, p. 65).

chamar atenção é essa dimensão na construção do líder político. Retomando o argumento a respeito da “delegação” e do “fetichismo político”, desenvolvido por Bourdieu (2004), é importante chamar atenção para outro elemento interessante na construção de um líder, de uma liderança: a abnegação de si em direção a causa, ao grupo, a uma ideologia é um dos elementos ressaltados na construção. Gilmar, em razão do papel que acredita desempenhar e das expectativas que acredita existir, abre mão de um gosto seu, de uma atividade que lhe é prazerosa, tendo em vista a necessidade de performar melhor, de desempenhar como maior exatidão o seu papel de “liderança”.

Ao tratar da constituição de si, das formas de interação, de apresentação dos sujeitos, Goffman defende que:

“Independentemente de objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. Este controle é realizado principalmente através da influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. O indivíduo pode ter influência nesta definição expressando-se de tal modo que dê aos outros a espécie de impressão que os levará a agir voluntariamente de acordo com o plano que havia formulado. Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir”. Goffman (2005, p. 13-14).

Deste modo, a dramatização de determinado gesto, modo de ser, falar etc., não é um dispositivo extraordinário ao mundo cotidiano, mas elemento constituinte do mesmo. Goffman irá argumentar que é próprio da interação entre os sujeitos a existência de expectativas não apenas com relação ao outro, ao como se deseja que ele seja, mas, do mesmo modo, há uma preocupação, o interesse em ser lido/representando conforme certos valores e características e não por outros. Dada essa propriedade intrínseca às interações sociais, a alteração da fachada pessoal é, portanto, um elemento possível e, conforme o autor, regularmente recorrido pelos sujeitos. Mais à frente em sua análise, Goffman argumenta que quando um ator performa um papel social conhecido, como, por exemplo, de uma liderança, reconhece que há uma pequena variação de fachadas que já foram determinadas para este papel. Notará então que, para seu melhor êxito, é preciso absorver, desenvolver, os elementos reconhecidos como indispensáveis/próprios aquele papel. Como argumenta, em alguns casos a fachada torna-se uma representação coletiva e, como tal, exercerá um papel de verdade, de

única opção sob os sujeitos. Seguindo seu argumento, defenderá que nas situações onde os indivíduos devem “dar expressão a padrões ideais na representação”, será imprescindível que abandone ou omita seus comportamentos que não estão de acordo com as mesmas<sup>101</sup>.

Aqui é imediata a relação com o artigo de MacRae (1982) a respeito da relação entre os “respeitáveis militantes” e as “bichas loucas”. Se, nesse artigo, o autor trata de uma controvérsia ao redor do comportamento fechativo, equivalente ao que tratamos nos outros capítulos como “dar pinta”, aqui outros elementos parecem governar a preocupação em elaborar uma construção de si respeitável. A existência de uma forte relação entre homossexualidade e “pinta” nas representações sobre essas questões entre as camadas populares, pode ser um elemento que faz com a “pinta” não apareça aqui como um problema. Ou seja, ao se conhecer que determinado sujeito é homossexual, é “natural” que ele dê pinta. Contudo, essa associação direta e naturalista entre pinta e “homossexualidade”, acredito, não deve tornar irreconhecíveis os diferentes graus de “dar pinta” e, desse modo, neutralizar comportamentos diferenciados com relação a esses. Além disso, as próprias dinâmicas examinadas no primeiro capítulo colocariam essa consideração em suspensão.

\*\*\*\*\*

No último relato de campo trazido acima, Gilmar demonstra uma contrariedade com a representação de que sua função seria mediar conflitos cotidianos, tratar de uma dimensão mais do dia-a-dia dessa população. Naquele relato, observa-se um certo desconforto com as pessoas que “se metiam” em confusão ou que não eram “responsáveis” e depois demandavam a sua intervenção. Contudo, como já destaquei anteriormente, ele sempre demonstrava considerar de maior importância realizar um determinado tipo de ação que setores do movimento social hoje chamam de “incidência política”. Eu arriscaria dizer que, de fato, ele considerava isso mais importante em termos conceituais, isto é, essa é ação mais significativa

---

<sup>101</sup> Goffman (2005, p. 48) afirma: “Se a atividade de um indivíduo tem de incorporar vários padrões ideais e se é preciso fazer uma boa representação, então, provavelmente, alguns desses padrões serão mantidos em público à custa do sacrifício privado de alguns outros. Com frequência, certamente, o ator sacrificará aqueles padrões cuja perda pode ser ocultada e fará este sacrifício para sustentar padrões cuja aplicação inadequada não pode ser escondida”.

a ser feita. Caso haja discordância quanto a isso, posso dizer que, sem dúvida, no mínimo, acreditava que esse era o passo indispensável a ser adotado nesse momento, pois tudo viria após o sucesso dessas ações. Há uma certa relação estratégica onde o sucesso da “incidência política” produziria uma força (sobretudo, financeira, simbólica e em termos de estrutura) que garantiria o bom desempenho para as demais questões. Observaríamos uma certa oposição ou uma hierarquia, entre uma atuação política – a tentativa de “pautar” “uma agenda”, “chamar a atenção para um tema”, “conquistar espaço político” – e ações comunitárias, “junto à base” – como disse Fabiana no trecho da entrevista citado pouco acima: “Eu acho que se você voltar pra um trabalho de saúde, de prevenção, de empoderamento, de participação”.

Essa oposição revela a existência de duas expectativas distintas a respeito do tipo de trabalho que se espera de um Grupo como esse. Lembro de uma situação em que Procópio cobrava mais atividades, “aumentar a atuação” do Grupo, “mais trabalho na comunidade”, e Gilmar respondeu que “era assim mesmo”, que o Grupo estava em um momento de “cavar contatos”, mas que “as coisas vão andar mais” após alguns acertos oriundos desses contatos. Mesmo de fora do Grupo, ao contrário de Procópio, Fabiana também cobra atividades na favela para “acessar de fato as pessoas”. Não entrando no mérito da avaliação de Fabiana a respeito da ausência de atividades e de uma grande preocupação dos membros do Grupo com status, pode-se identificar aquela oposição entre uma “incidência política” e “atuação comunitária” como o local de origem dessas avaliações, pois para essas atividades são demandados comportamentos distintos dos sujeitos engajados nas mesmas. Ou seja, para aquele que espera mais ações comunitárias, mais atividades na favela, trabalho de prevenção etc., participar de congressos, reuniões, envolver-se em articulações políticas pode parecer preocupação com status. Frequenta-se esses lugares, se estabelece relações, torna-se reconhecido, mas “não faz nada” na favela, “só fica na sala”. É importante destacar que não estou querendo afirmar que há uma certa incompreensão com um trabalho que se faz e que não tem visibilidade, o que geraria o comentário de Fabiana. Desejo, na verdade, mostrar uma certa lacuna entre algumas expectativas daqueles que seriam a população-alvo e, sobretudo, as ações e idéias empreendidas pelo presidente do Grupo, dado que Procópio e outros membros do Grupo se aproximam das demandas colocadas por Fabiana.

Para compreender essa diferença entre aquilo que a base esperaria de um Grupo e a atuação de suas lideranças, pretendo me valer, mais uma vez, das reflexões de Facchini (2009). Ao avaliar as transformações pelas quais o movimento LGBT tem passado, a autora revela que a tendência à institucionalização dos grupos indica “o papel central que a interlocução com o Estado ainda hoje desempenha no campo do movimento LGBT”. Conclui então que

“toda a valorização das estratégias de *incidência política* ou *advocacy* (que se assenta sobre as dificuldades de avançar no campo legislativo e a possibilidade de dar suporte a políticas públicas a partir do apoio do legislativo) colabora para uma aproximação entre a linguagem ativista e aquela própria da política praticada no âmbito do Estado. Essas mudanças, no entanto, implicam uma ameaça: que os ativistas - e, conseqüentemente, o movimento - estejam cada vez mais aptos a dialogar com o Estado e com atores no cenário internacional, mas mais distantes de sua “base” (Facchini, 2010, p. 7)

Essa lacuna que parece emergir quanto às expectativas de atuação de um grupo gay da favela, acredito, não é um dado exclusivo do Conexão G, mas é parte de uma conversão geral do movimento LGBT a essa política de relação com o Estado. Como destaquei anteriormente, há um aprendizado de uma linguagem da política e de um vir a ser militante LGBT que esses sujeitos – sobretudo, Gilmar – aprenderiam, desenvolveriam. Como podemos ver a partir das considerações de Facchini, grande parte das ações desse movimento tem se voltado para a “incidência política”, tema que, não por coincidência, Gilmar aprendeu a valorizar.

Desse modo, esse distanciamento entre os desejos de sua “base social” e o modo como o Grupo tem realizado/pensado a sua atuação revela o compartilhamento de uma agenda própria do movimento LGBT pelo Conexão G. É interessante que, ao relatar a pesquisa que desenvolve atualmente com o público da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Facchini destaca quatro dados preliminares que chamam atenção para um distanciamento entre, como vimos no capítulo anterior, “arena” e “campo” do movimento LGBT:

“1) conhecimento muito vago de iniciativas legais ou de políticas públicas destinadas a essa *população*; 2) a associação quase exclusiva entre movimento LGBT e sua face mais visível, as Paradas do Orgulho, que são vistas como espaços de visibilidade não necessariamente positivos e não suficientemente representativos da diversidade da *comunidade*; 3) descontentamento com a atuação ativista quanto ao fato de que as informações não chegam à *comunidade*; 4) o desejo de que haja mais intervenções comunitárias por parte do movimento (no entanto, comunitário aqui não diz respeito a colar cartazes ou entregar folderes em bares ou boates, mas implica que o movimento tivesse capilaridade suficiente para colocar barraquinhas que disponibilizassem informações nos bairros de moradia)” (Facchini, 2010, p. 11).

Pude observar a presença desses quatro aspectos entre os meus interlocutores<sup>102</sup>, mas, para a discussão aqui realizada, é o quarto aspecto que nos interessa mais. O que Fabiana e demais interlocutores cobravam era a realização desse tipo de atividade (descrito no item 4) realizada pelo Conexão G. Na verdade, essas ações até foram empreendidas ao longo do período em que estive em campo, contudo, é importante destacar, não tinham regularidade ou havia qualquer divulgação, tanto antes como após a sua realização.

Esse distanciamento entre as concepções de atuação de um grupo, entre as expectativas quanto aos modos de operação de um grupo com essa identidade, pode ser um dos motivos importantes que conduzem à baixa participação da população-alvo em suas atividades, às dificuldades encontradas para “acessar a população” e ao grande trânsito dos seus membros. Desde que iniciei meu trabalho de campo, apenas Gilmar permanece efetivamente engajado no Conexão G. Alguns dos sujeitos que conheci como membros do Grupo se desligaram do mesmo. Em sua maioria, por desavenças pessoais com Gilmar. Outros, não chegaram a romper com a instituição, mas mantêm uma vinculação, digamos, mais nominal e menos presencial: não freqüentam as reuniões e atividades, mas se consideram – e são considerados – “mais ou menos do Conexão”; esses são, sobretudo, indivíduos do círculo de amizades de Gilmar.

Temos, portanto, a partir do que foi discutido neste capítulo, um grupo marcado por um forte personalismo de seu líder/presidente, onde pessoa e instituição se confundem, com grandes dificuldades em realizar atividades que alcancem a sua população-alvo, mas que, ao articular um discurso que soma, sobrepõe “duas vulnerabilidades” (LGBT e favelado) consideradas inquestionáveis<sup>103</sup> e expressa isso através de uma linguagem e de canais reconhecidos e legitimados em uma ‘agenda social contemporânea’, constitui-se como representante, porta-voz, de uma experiência que é discursivamente produzida e unificada na própria construção/articulação desse grupo. Uma iniciativa que, ao que parece, atende, em grande medida, a uma certa agenda externa à favela e que, em suas atividades e articulações, ao menos até o momento, também tem se dedicado mais em fortalecer relações nesses

---

<sup>102</sup> Embora o terceiro tenha aparecido em menor grau.

<sup>103</sup> E que, de algum modo, atende a um certo momento de complexificação, aprofundamento e fragmentação do sujeito político do movimento LGBT, isto é, ‘fala a coisa certa em um momento oportuno’.

espaços. A epígrafe desse capítulo é um exemplo interessante do apelo que essa articulação pode ter em falas de ativistas.

### *Considerações finais*

Como disseram Deleuze & Guattari, em Mil Platôs, “não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito”. Posso dizer que tive um trabalho de campo que, na grande maioria das situações, foi bastante prazeroso. Nesta etnografia, procurei tentar transportar esta experiência, esta atmosfera, da maneira mais fiel possível, com suas apreensões e brincadeiras, com o que era cômodo, aconchegante e com o que trazia desconforto.

Tinha uma grande preocupação de que meu trabalho não se tornasse mais um meio de estigmatização das favelas e dos favelados. Algo como as favelas são piores em tudo, não seria diferente com os LGBTs. Seus moradores, menos “modernos”, “desenvolvidos”, “civilizados”, perseguem homossexuais – como informava a matéria “Gays são caçados nas favelas do Rio pelo tráfico e pela milícia”, de Mahomed Saigg, do jornal “O Dia”, em 06 de setembro de 2009.

Nesse sentido, não procurei tomar como um dado ‘esse problema’, mas tentar pensar se há um e como ele se manifesta. Como indico no primeiro capítulo, o tema da violência surgiu logo no primeiro encontro e, de fato, permaneceu presente no decorrer do trabalho de campo. Contudo, como pretendi deixar claro, afirmações como a da matéria acima não encontraram ecos no meu campo. As dinâmicas de violência, as possibilidades de obter um “desenrolo” favorável para si, bem como algumas dinâmicas de evitação e ‘transgressões’ não penalizadas, punidas, revelam que a questão é muito mais complexa, dado que as variações ocorrem conforme as situações, personagens, sujeitos acionados, locais etc.. Do mesmo modo, no terceiro capítulo, busquei evidenciar como esse problema também pode ser forjado a partir de discursos e relações internas ao movimento LGBT e de um grupo organizado a partir da favela. Impressionou-me, por exemplo, a fala de Marcelo Cerqueira, então presidente do Grupo Gay da Bahia, que na mesma matéria acima, talvez em um afã de construir um tema importante, uma bandeira política a ser encampada, fez o seguinte relato desenhando o ‘seu problema’ sobre a questão:

“Bater e matar homossexual já virou entretenimento popular nas favelas. Mas não vamos ficar assistindo a esse ‘homocausto’ (holocausto de homossexuais) de braços cruzados. Já que não temos

força política para brigar por nossos direitos, esta é uma maneira de tentar nos proteger dessa violência” (p. 3).

Com essa fala, e ressaltando as soluções subjetivas dadas por meus interlocutores, como, por exemplo, o modo como contam e os sorrisos que uma das narrativas de violência provoca, não quero indicar que “é um céu de brigadeiro”, que a questão colocada não encontra representatividade no cotidiano, que ela não faz sentido, que o tema não deve ser levado como uma luta, ou ainda que ‘viver’ na dependência daquelas configurações ou recorrendo às “estratégias de evitação” não constitua um ‘problema’, ‘uma dificuldade’, mas apenas sinalizar para o caráter de construção social dessa relação entre aquelas “vulnerabilidades”/características que, como vimos no terceiro capítulo, garantirá também a constituição de um grupo como ator político representativo.

Do mesmo modo, como meus informantes se recusariam a ser limitados a um território, a uma experiência única, procurei circular com eles pela cidade e tratar de questões outras que não apenas as que se considerariam relativas à favela. Contudo, como o desenho da pesquisa relacionava-se, desenhava-se a partir disso, sempre que considerei oportuno, retratava, remetia a questões próprias da mesma. E, nessa relação entre uma experiência que se ‘faz fora da favela’, outra ‘feita dentro’, como jovem participante de projeto social, como jovem gay, com dinâmicas familiares específicas, pertencimentos religiosos etc., busquei, no segundo capítulo, reconhecer a existência de uma configuração específica conduzindo, ou melhor, possibilitando os modos de construção de si destacados naquele capítulo.

Enfim, muitas questões foram deixadas de lado na escrita desta dissertação e tantas outras na própria realização do trabalho de campo. Acredito que outros investimentos no interior da família, pensando em como esta se articula com o controle de uma vizinhança mais ou menos presente, bem como de que modo as relações se dão quando os sujeitos não são jovens ou “assumidos”, também seriam interessantes. As especificidades no interior daquilo que se convencionou chamar de segmento LGBT também constitui um tema interessante para outros trabalhos. Variáveis como raça, religião e geração merecem maior exame. Ou seja, há um campo intenso e disponível para questionamentos e reflexões a respeito dos modos de construção de si de LGBTs moradores de favelas. Essa foi a minha contribuição.

**Referências Bibliográficas:**

Aberti, Verena. O riso risível na história do pensamento. Rio de Janeiro: Zahar Editor/ FGV, 2002. 213 p.

Aguião, Sílvia. Aqui nem todo mundo é igual: cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro. 2007. Dissertação (mestrado)-Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 143 p.

Alvito, Marcos. As cores de Acari: uma favela carioca. Rio de Janeiro: editora FGV, 2001.  
Bailey, F. G. Stratagems and Spoils: A Social Anthropology of Politics. Oxford: Basil Blackwell, 1970. 308 p.

Becker, Howard. *Outsiders: Estudos de Sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 231 p.

Birman, Patricia. Favela é comunidade?. In: Machado da Silva, Luiz Antonio (Org.). Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronterira, 2008. p. 99-114.

Bourdieu, Pierre. “A delegação e o fetichismo político”. In. Coisas Ditas. São Paulo, Editora Brasiliense, 2004. p. 188-206.

\_\_\_\_\_. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989. 331 p.

Butler, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. Cadernos Pagu, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

Butler, Judith. Gender trouble: feminism and subversion of identity. London: Routledge, 1990.

Clastres, Pierre. Sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac e Naif, 2003.

Clifford, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX (Org. José Reginaldo Santos Gonçalves). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

Costa, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. Cadernos Pagu, Campinas, n. 19. p. 59-90, 2002.

Crapazano, V. Estilos de interpretação e retórica de categorias sociais. In: Maggie, Y; Rezende, C. (Org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 442-458.

Duarte, Luiz F. D. Identidade social e padrão de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos. In: Leite Lopes, J. S. (Org.). Cultura e Identidade Operária. São Paulo: UFRJ/Marco Zero/ Proed, 1988, p. 203-226.

Eribon, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

Facchini, Regina. *Sopa de Letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.

\_\_\_\_\_. *Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro*. *Revista Bagoas*. Natal, 4: p. 131-158, 2009.

\_\_\_\_\_. *Processos políticos, sexualidade e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica*. Caxambu: 34ª. Encontro Anual da ANPOCS, 2010.

Farias, Juliana. *Da asfixia: reflexões sobre a atuação do tráfico de drogas nas favelas cariocas*. In: Machado da Silva, Luiz Antonio (Org.). *Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 173-190.

Fernandes, Rubem César. *Sem Fins Lucrativos*. *Comunicações do Iser*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 15, p. 13-31, jul. 1985.

Foucault, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São P: A vontade de saber. São Paulo: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: o cuidado de si*. São Paulo: Graal, 1988.

França, Isadora Lins. "Cada macaco no seu galho?": Poder, identidade e segmentação de mercado. *Revista Brasileira Ciências Sociais*, fev. 2006, nº 2006

Fridman, Luis Carlos. *Morte e vida favelada*. In: Machado da Silva, Luiz Antonio (Org.). *Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 77-98.

Fry, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

Goffman, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 115 p.

Goffman, Erving; *A representação do eu na vida cotidiana*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Goldstein, Donna. *Laughter out of Place. Race, class, violence and sexuality in a Rio shantytown*. Berkeley: University of California Press, 2003.

Guimarães, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

Leite, Márcia Pereira. *Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas*. In: Machado da Silva, Luiz Antonio (Org.). *Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 115-142.

Lopes, Paulo Victor Leite. Entre trajetórias religiosas e sexuais: novos nexos entre pentecostalismo e homossexualidade em uma igreja inclusiva. [monografia] Rio de Janeiro, UERJ, 2008.

Machado da Silva, Luiz Antonio (Org.). Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronterira, 2008. 316 p.

MacRae, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: Eulalio, Alexandre et al. Caminhos cruzados. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Mariz, Cecilia L.; Machado, Maria das Dores C. Pentecostalismo e a redefinição do feminino. *Religião e Sociedade*, 17 (1-2). Rio de Janeiro: ISER. p. 14-159.

Masson, Laura. Fministas en todas partes: una etnografia de espacios y narrativas feministas en Argentina. Buenos Aires: Promoteo Libros, 2007.

Mattos, Carla. Nas margens da lei Maria da Penha: gênero acesso à justiça e violência nas favelas cariocas. Artigo submetido ao Prêmio Iguade de Gênero, CNPQ/Sec. Especial de Políticas para as Mulheres, 2009.

McClintock, Anne. Imperial leather: race, gender and sexuality in colonial contest. New York: Routledge, 1995.

Monteiro, Simone. Qual prevenção?: AIDS, sexualidade e gênero em uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 145 p.

Moutinho, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Rev. Estud. Fem.*, jan./abr. 2006, vol.14, n° 1, p.103-116.

Nunan, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

Oliveira, Leandro de. Gestos que pesam: performace de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares. [Disseratação de Mestrado]. Rio de Janeiro: PPGAC/IMS/UERJ, 2006.

Pollak, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: Ariés, Philipe; Béjin, André (Org.). Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 54-76.

\_\_\_\_\_. Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação da Liberdade, 1990. 212 p.

\_\_\_\_\_ et Schiltz, Marie-Ange. "Les homosexuels français face au sida. Modifications des pratiques sexuelles et émergence de nouvelles valeurs". *Anthropologie et Sociétés*, 15/2-3 L' Univers du Sida, 1991. p. 53-62.

Salem, T. Mulheres faveladas: “Com a venda nos olhos”. In: Francheto, B.; Cavalcanti, M. L. & Heilborn, M. L. (Orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Santos, Carlos Nelson F. “Três movimentos sociais urbanos no Rio de Janeiro: padres, profissionais liberais, técnicos do governo e moradores em geral servindo-se de uma mesma causa”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 2, pp. 29-60, 1977.

Simões, Júlio A.; Facchini, Regina. *Na trilha do arco-íris: do homossexual ao movimento LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

Simões, Júlio Assis; Facchini, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. 191 p.

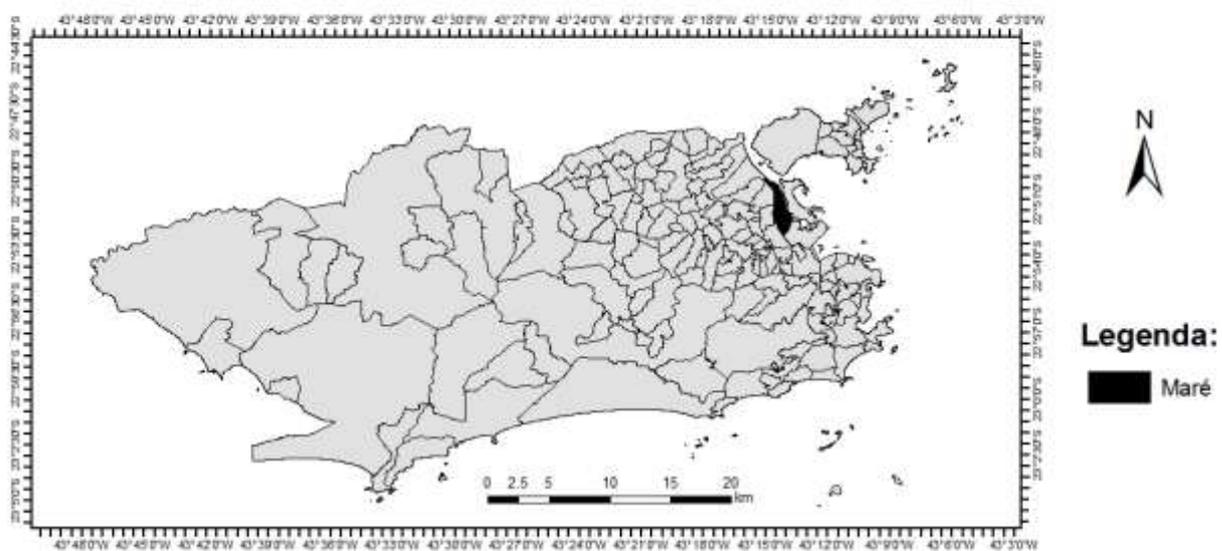
Valladares, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 204 p.

Whyte, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

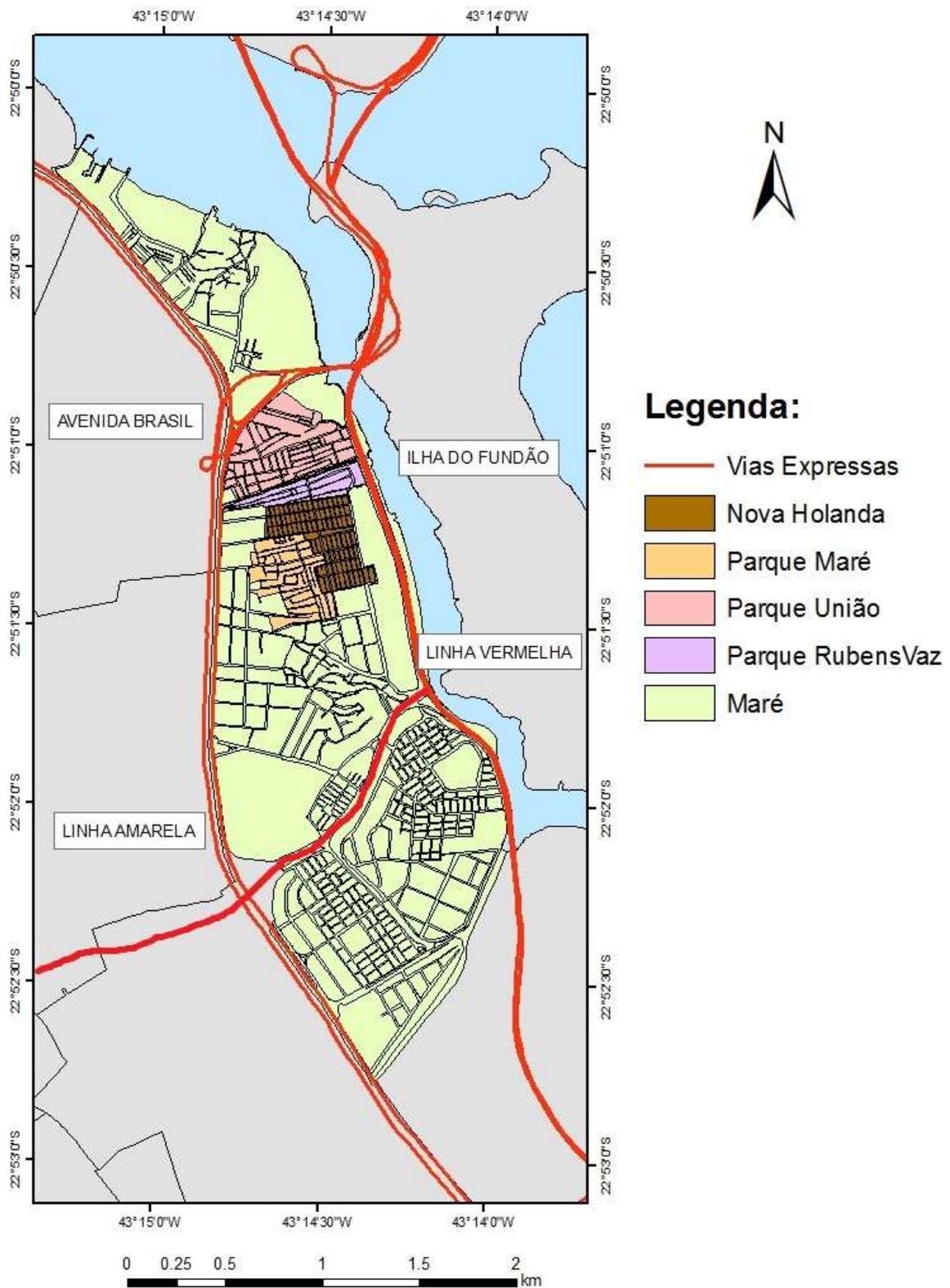
## Anexos

1. Maré na Cidade do Rio de Janeiro
2. Complexo de Favelas da Maré
3. Principais Referências da Minha Circulação na Nova Holanda e Arredores

### Maré na Cidade do Rio de Janeiro



# Complexo de Favelas da Maré



### Principais Referências da Minha Circulação na Nova Holanda e Arredores

